



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JAQUELINE DE ANDRADE REIS

SOCIOTERMINOLOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS EM *PARKATÊJÊ*

Belém

2017

JAQUELINE DE ANDRADE REIS

SOCIOTERMINOLOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS EM *PARKATÊJÊ*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos – submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora:

Profa. Dra: Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.

Coorientadora:

Profa. Dra: Ana Paula Barros Brandão.

Belém

2017

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

Reis, Jaqueline de Andrade, 1971-

Socioterminologia de plantas medicinais em Parkatêjê / Jaqueline de Andrade Reis;
Orientadora, Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira. — 2017.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, Belém, 2017.

1. Plantas medicinais - Terminologia. 2. Sociolinguística. 3. Índios Gavião do Pará -
Terminologia. I. Título.

CDD - 22.ed. 306.44

JAQUELINE DE ANDRADE REIS

SOCIOTERMINOLOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS EM *PARKATÊJÊ*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos – submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Data de aprovação: 23/02/2017

Banca Examinadora:

_____ - Orientadora
Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Pará (UFPA)

_____ - Coorientadora
Profa. Dra. Ana Paula Barros Brandão
Universidade Federal do Pará (UFPA)

_____ - Examinador interno
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes
Universidade Federal do Pará (UFPA)

_____ - Examinadora externa
Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich
Universidade de Brasília (UnB)

_____ - Membro suplente
Profa. Dra. Ângela Fabíola Alves Chagas (UFPA)

Dedico este trabalho ao Capitão *Toprãmre Krôhôkrenhũm Jôpaipaire* (*in memorian*) pelo exemplo de vida que nos deixou, ao pajé *Nãkoti*, pelos ensinamentos, a minha família, em especial, aos meus queridos pais, Ozenita Andrade e João Iran Andrade, por terem me ensinado os verdadeiros valores da vida. Também, aos meus amados filhos, Gabriela Batista e Joaber Batista, razões do meu viver e ao meu marido Marco Antonio Reis, por acreditar e incentivar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter ficado sempre ao meu lado em todos os momentos, me dando força, saúde e determinação para continuar a caminhada da vida e por ter me dado a oportunidade de realizar este trabalho. Muito obrigada senhor!

A minha querida Profa. Dra. Marília Ferreira, orientadora, que me deu a oportunidade de desenvolver este trabalho, pelo incentivo, dedicação, pelas orientações, pela confiança depositada nesta pesquisa e por fazer parte da minha trajetória acadêmica. Muito obrigada professora!

A professora Profa. Dra. Ana Paula Brandão, coorientadora, sou grata pelas preciosas orientações e contribuições a minha pesquisa, por proporcionar a realização deste trabalho e pelos momentos incansáveis que passamos juntas elaborando o glossário. Muito obrigada querida professora!

Quero agradecer também, de forma especial, a querida Profa. Dra. Germana Sales pelos conselhos, incentivo, oportunidade e confiança que geraram em mim o sonho de poder conquistar e trilhar novos caminhos.

No seio familiar, agradeço imensamente os meus amados filhos, Gabriela Batista e Joaber Batista, inspirações e amores da minha vida, pelo apoio, compreensão e incentivo que, mesmo nos momentos de ausência, sempre estiveram juntos de mim. Ao meu amado marido Marco Antônio Reis que sempre esteve ao meu lado me apoiando e incentivando a realização dos meus sonhos. Agradeço também, aos meus queridos pais por me ensinarem os verdadeiros valores da vida e por acreditaram na minha honestidade e nos meus objetivos. Também sou grata aos meus amados irmãos, Helen de Andrade, Júnior de Andrade e Neto de Andrade e sobrinhos pela amizade, carinho e apoio. Muito obrigada família querida, amo vocês!

As minhas queridas amigas e companheiras de pesquisa Nazaré Moraes, Cinthia Neves e Tereza Coutinho também deixo aqui minha gratidão. Muito obrigada pelas preciosas amizades, pelos momentos incansáveis de alegria e descobertas que passamos juntas durante as pesquisas de campo. Agradeço imensamente as relevantes contribuições, orientações e incentivo a minha pesquisa. Sem elas não teria conseguido realizar este trabalho.

A minha querida amiga Helena Borges que sempre acompanhou a minha trajetória familiar e acadêmica me dando apoio, incentivo e contribuições aos meus estudos.

Sou ainda grata a ilustríssima Profa. Dra. Enilde Faulstich e ao Prof. Dr. Sidney Facundes por terem aceito ao convite para participarem como membros das minhas bancas de

qualificação e de defesa, por meio das quais recebi valiosas contribuições que tanto enriqueceram o meu trabalho.

Por fim, faço um agradecimento especial ao Capitão, ao pajé, aos outros colaboradores e a toda comunidade indígena *Parkatêjê* por terem me acolhido e ensinado os verdadeiros valores de uma língua e cultura.

Passado, presente e futuro devem coexistir harmonicamente na mente humana. Quando um deles é priorizado e os demais são totalmente esquecidos surge alguma espécie de desequilíbrio, ou, no mínimo, a hipótese de que algo não está correto, não está bem.

Viva cada dia de uma vez, não deixe de viver bem o hoje em prol de um futuro que pode nem chegar, se está feliz no presente, busque motivos para se contentar com o que tem nele, não viva sonhando com o que terá num tempo incerto que ainda nem chegou e, quiçá, nem chegará.

(Machado de Assis)

RESUMO

O presente trabalho consiste do estudo da terminologia das plantas medicinais utilizadas na produção de remédios para o tratamento e cura de doenças pelos indígenas da Comunidade *Parkatêjê* localizada na Terra Indígena Mãe Maria, à altura do quilômetro 30 da rodovia BR-222, no município Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do estado do Pará. O objetivo principal, desta investigação, visa elaborar um glossário semibilíngue, em sua versão impressa, acerca dos termos especializados das plantas medicinais que emergem do discurso do pajé, considerado um especialista em saúde indígena, conforme Athias (2015). Entre os objetivos específicos, buscamos descrever e analisar os aspectos morfológicos desses termos especializados com base em Ferreira (2003). O trabalho está norteado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Socioterminologia à luz do pensamento de Gaudin (1993, 2003) e Faulstich (1995a, 1998, 1999, 2006, 2010a, 2010b, 2012, 2014); como abordagem suporte, a pesquisa encontra-se alicerçada na Terminologia Cultural (TC), postulada por Diki-Kidire (2002, 2007, 2009). Entendemos que essas teorias se adequam à elaboração do glossário ora proposto, pois consideram as especificidades da língua *Parkatêjê*. A escolha do campo semântico das plantas medicinais é justificada pela importância social e cultural dessa prática de uso, que se configura em sociedades orientadas pela tradição oral, como a *Parkatêjê*, devendo, por isso, ser analisada, mas também descrita e documentada com intuito de contribuir para o fortalecimento e a preservação da língua tradicional. A coleta de dados foi realizada na referida comunidade indígena por meio de entrevistas com o pajé e com outros colaboradores da pesquisa. Para a organização e o tratamento do banco de dados, utilizamos o *software* Flex; para a elaboração do glossário, valemo-nos do programa computacional *Lexique Pro*. O glossário contém 111 verbetes, que estão apresentados em ordem alfabética, alguns dos quais acompanhados por ilustrações. Esperamos que essa obra terminográfica seja útil a futuras pesquisas nessa área, e também possa contribuir para a preservação dos saberes culturais e linguísticos dos *Parkatêjê*.

Palavras-chave: Socioterminologia. Glossário. Plantas medicinais. Língua *Parkatêjê*.

ABSTRACT

The present work consists of the study of the medicinal plants terminology used in the production of medicines for treatment and cure of diseases by the Indians of the *Parkatêjê* Community located in the Mãe Maria Indigenous Land, at kilometer 30 of the BR 222 highway in Bom Jesus do Tocantins, in the southeastern of Pará state. The main objective of this research is to elaborate a semi-bilingual glossary, in its printed version, about the specialized terms of medicinal plants that emerge from the speech of the shaman, considered an expert in indigenous health, according to Athias (2015). Among the specific objectives, we sought to describe and analyze the morphological aspects of these specialized terms based on Ferreira (2003). The work is guided by the theoretical-methodological assumptions of Socioterminology in the light of Gaudin's (1993, 2003) and Faulstich's (1995a, 1998, 1999, 2006, 2010a, 2010b, 2012, 2014) ideas; As an approached support, the research is based on Cultural Terminology (TC), postulated by Diki-Kidire (2002, 2007, 2009). We understand that these theories are adequate to the elaboration of the glossary proposed here, considering the specificities of the *Parkatêjê* language. The choice of the semantic field of medicinal plants is justified by the social and cultural importance of such practice of their usage, which is constituted in societies, guided by oral tradition, such as *Parkatêjê*, and should therefore be analyzed, but also described and documented for the purpose of contributing to the strengthening and preservation of the traditional language. Data collection was carried out in the indigenous community, mentioned previously, through interviews with the pajé and other research collaborators. For the organization and treatment of the data, we use Flex software; For the preparation of the glossary, we use the *Lexique Pro software*. The glossary contains 111 entries, which are presented in alphabetical order, some of which are accompanied by illustrations. We hope that this terminological work will be useful for future research in this area, and may also contribute to the preservation of the cultural and linguistic knowledge of the *Parkatêjê*.

Key-words: Socioterminology. Glossary. Medicinal Plants. *Parkatêjê* Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aldeia <i>Parkatêjê</i>	20
Figura 2: Localização da Terra Indígena Mãe Maria.....	23
Figura 3: Festa do <i>Pẽmp</i> (dança tradicional).....	29
Figura 4: Banho após a corrida de varinha.....	29
Figura 5: Pajé ou curador <i>Nākoti</i> (Domingos).....	31
Figura 6: Pajé rezando na cabeça para “fechar o corpo”.....	33
Figura 7: Pajé rezando no local da dor.....	33
Figura 8: Posto de Saúde <i>Parkatêjê</i> (PSP).....	34
Figura 9: Amostra de planta com etiqueta.....	68
Figura 10: Amostra de planta sem etiqueta.....	68
Figura 11: Amostra do banco de dados dos termos especializados das plantas medicinais....	70
Figura 12: Amostra do banco de dados dos termos especializados das plantas medicinais....	71
Figura 13: Representação do banco de dados no programa Lexique Pro.....	72
Figura 14: Representação do termo entrada do glossário no programa Lexique pro.....	73
Figura 15: Ilustração do termo entrada do glossário.....	89
Figura 16: Ilustração do termo entrada do glossário.....	90
Figura 17: Chefe indígena <i>Krôhókrenhūm</i> (Capitão).....	128
Figura 18: Chefe indígena <i>Krôhókrenhūm</i> (Capitão).....	128
Figura 19: <i>Pôjarêtêti</i> (Madalena: esposa do Capitão).....	128
Figura 20: <i>Jôhapy</i> (esposa do Capitão).....	128
Figura 21: Pajé <i>Nākôti</i> “fechando o corpo”.....	129
Figura 22: Pajé <i>Nākôti</i> “fechando o corpo”.....	129
Figura 23: Festa do <i>Pẽmp</i> (dança tradicional).....	129
Figura 24: Festa do <i>Pẽmp</i> (dança tradicional).....	129
Figura 25: <i>Japênprãmti</i> (colaborador Pedro).....	130
Figura 26: Canto e dança tradicional.....	130
Figura 27: Flechas confeccionadas pelos <i>Parkatêjê</i>	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Localização das Aldeias	22
Quadro 2: Inventário fonológico das vogais <i>Parkatêjê</i> , conforme Araújo (1977)	25
Quadro 3: Inventário fonológico das vogais <i>Parkatêjê</i> , segundo Neves (2010)	25
Quadro 4: Inventário fonológico, das consoantes <i>Parkatêjê</i> , segundo Araújo (1977)	25
Quadro 5: Comparação entre a terminologia clássica com a terminologia cultural	55
Quadro 6: Perfil dos colaboradores	60
Quadro 7: Modelo de ficha terminológica das plantas medicinais da aldeia <i>Parkatêjê</i>	64

ÁRVORE DE DOMÍNIO

Árvore de domínio 1: Campo semântico de plantas medicinais	62
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNS	-	Conselho Nacional de Saúde
CVRD	-	Companhia Vale do Rio Doce
UFRA	-	Universidade Federal Rural da Amazônia
FT	-	Ficha Terminológica
FUNAI	-	Fundação Nacional do Índio
ISA	-	Associação Internacional de Normalização
ISA	-	Instituto Socioambiental
MPEG	-	Museu Paraense Emílio Goeldi
OMS	-	Organização Mundial de Saúde
PSP	-	Posto de Saúde <i>Parkatêjê</i>
PNASPI	-	Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas
PNS	-	Política Nacional de Saúde
PNPIC	-	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
RIMM	-	Reserva Indígena Mãe Maria
SISBIO	-	Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade
SUS	-	Sistema Único de Saúde
TC	-	Terminologia Cultural
TI	-	Terra Indígena
TCT	-	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	-	Teoria Geral da Terminologia
UT	-	Unidade Terminológica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O POVO <i>PARKATÊJÊ</i>: CONSIDERAÇÕES GERAIS	20
2.1 Conhecendo os <i>Parkatêjê</i> : Contexto histórico	20
2.2 Localização da Terra Indígena	22
2.3 Aspectos linguísticos e situação atual da língua <i>Parkatêjê</i>	24
2.3.1 Aspectos linguísticos	24
2.3.2 Situação atual da língua	26
2.4 A cultura <i>Parkatêjê</i> : tradição e saberes	27
2.4.1 A mitologia <i>Parkatêjê</i> : o dom do pajé	30
2.5 Medicina tradicional indígena <i>Parkatêjê</i> : a figura do pajé	34
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	37
3.1 Estudos terminológicos: percurso histórico e desenvolvimento	37
3.2 Teoria Geral da Terminologia: enfoque tradicional	40
3.3 Socioterminologia: abordagem social do termo	46
3.4 Terminologia Cultural: percepção e representação simbólica do termo	54
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
4.1 Contexto da pesquisa e delimitação do objeto de investigação	58
4.2 Perfil dos colaboradores da pesquisa	59
4.3 Constituição do <i>corpus</i> : técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa	60
4.4 Banco de dados: organização e tratamento	69
4.5 Etapa de validação dos dados	74
4.6 Produção do glossário: características e organização	74
4.6.1 Organização da macroestrutura do glossário	75
4.6.2 Organização da microestrutura do glossário	76
5 ANÁLISE MORFOLÓGICA DOS ITENS LEXICAIS RELATIVOS ÀS PLANTAS MEDICINAIS EM <i>PARKATÊJÊ</i>	80

5.1 Classes de palavras	80
5.1.1 Nomes na língua <i>Parkatêjê</i>	80
5.2 Aspectos morfológicos: derivação e composição lexical	82
5.3 Termos de classe na formação dos nomes de plantas medicinais em <i>Parkatêjê</i>	84
6 APRESENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO	89
6.1 Abreviaturas utilizadas no glossário	90
6.2 Ortografia da língua <i>Parkatêjê</i>	91
6.3 GLOSSÁRIO SOCIOTERMINOLÓGICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM PARKATÊJÊ	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICES.....	117
Apêndice A: Questionários	118
Apêndice B: Termo de consentimento do Capitão (Cacique)	122
Apêndice C: Termo de consentimento do pajé ou curador.....	123
Apêndice D: Termo de consentimento do colaborador(a).....	124
Apêndice E: Ficha de dados pessoais dos colaboradores	125
Apêndice F: Autorização para coleta de amostras de espécies de plantas medicinais	126
ANEXOS.....	127
Anexo A: Caderno de imagens.....	128

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na Comunidade Indígena *Parkatêjê*, localizada na Terra Indígena Mãe Maria, à altura do quilômetro 30 da rodovia BR-222, no município Bom Jesus do Tocantins, a sudeste do estado do Pará, acerca da linguagem especializada que nomeia as plantas medicinais¹ na língua de mesma denominação. Insere-se no âmbito da Terminologia sob um enfoque que privilegia aspectos socioculturais por meio dos quais os termos circulam.

Até por volta da primeira metade do século XX, o estudo acerca da Terminologia², antes, limitou-se à perspectiva tradicional proposta por Wüster, engenheiro austríaco, considerado o fundador da Teoria Geral da Terminologia (TGT), cuja base assenta-se no propósito de sistematizar e padronizar os conceitos dos termos em plano internacional. A partir da década de 90, surgem outras abordagens, entre as quais, a Socioterminologia, com novas reflexões acerca do léxico especializado. Essa nova conduta permite estudar a língua em situações reais de comunicação, considerando questões relacionadas à variação linguística, bem como aos aspectos socioculturais manifestados nas diversas formas de uso da língua. Dessa forma, tais vertentes redimensionaram um novo olhar diante da então visão reducionista da TGT.

Ao considerarmos que um léxico especializado não pode dissociar-se dos aspectos funcionais de seu uso por uma comunidade linguística, adotamos, sobretudo, os princípios teórico-metodológicos da Socioterminologia, preconizados por Gaudin (1993, 2003) e por Faulstich (1995a, 1998, 1999, 2006, 2010a, 2010b, 2012, 2014), mas também os fundamentos da Terminologia Cultural, como abordagem suporte, postulada por Diki-Kidire (2002, 2007, 2009), ou seja, as áreas que se dedicam ao estudo do léxico especializado em situações reais de comunicação.

Diante da referida mudança de concepção, que anseia estudar os termos especializados em seu uso real de acordo com os aspectos socioculturais inerentes à língua, informamos que o objetivo geral do presente trabalho é a elaboração de um glossário socioterminológico semibilíngue, em versão impressa, da linguagem especializada proveniente da prática de uso das plantas medicinais – que são o objeto de estudo da presente investigação – pelo pajé na produção de remédios. Da mesma forma, nos propomos a analisar e descrever os aspectos

¹ Definidas como uma “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos” (CARVALHO; NETTO, 2012, p. 115).

² É importante esclarecer que a Terminologia quando grafada com T maiúsculo é utilizada para se referir a um campo de estudo ou disciplina; quando escrita com t inicial minúsculo designa conjunto de termos (KRIEGER, FINATTO, 2004, p. 13).

morfológicos que formam os nomes das aludidas plantas, a fim de esclarecer como ocorre o processo de composição, derivação e os termos de classe acionados na formação de nomes na língua *Parkatêjê*, com base em Ferreira (2003).

A prática de produzir remédios de plantas com propriedades terapêuticas, se configura como uma das singularidades observadas em sociedades orientadas pela tradição oral e no trabalho ora apresentado, que representa, de forma expressiva, a sociedade *Parkatêjê*, cuja língua, assim como tantas outras línguas indígenas, corre risco de extinção em virtude do intenso contato dos integrantes da comunidade com a língua portuguesa. Apesar desse fato, o uso da língua tradicional *Parkatêjê* entre os indígenas mais velhos ainda ocorre de forma intensa. Também identificamos, na comunidade, a figura do pajé ou curador que, por meio de um dom recebido de *Jê*, demonstra vasto conhecimento acerca das plantas encontradas na mata, uma verdadeira farmácia natural.

O pajé se utiliza de suas mãos como ferramenta de cura para “fechar o corpo” contra o *mêkarô*, espírito do mal que causa doenças e traz perturbações, entre outros males. Por meio desse dom de cura, é considerado um especialista em saúde indígena (ATHIAS, 2015). Devido a isso, produz em seu discurso termos especializados oriundos de sua percepção social e cultural que emergem do universo de uso das plantas medicinais.

O estudo linguístico que nos propomos a apresentar acerca da terminologia das plantas medicinais produzida pelo discurso do pajé da comunidade indígena *Parkatêje* justifica-se, sobretudo, pelo fato de se tratar de um conhecimento específico nascido de uma prática de tradição oral que reflete a identidade linguística e cultural de um povo indígena cuja língua encontra-se ameaçada, conforme mencionamos. Dessa forma, entendemos que a elaboração de um glossário, composto por termos especializados provenientes da linguagem do pajé dessa comunidade, poderá se constituir em instrumento favorável ao fortalecimento e à preservação desta língua, tendo em vista que uma língua se configura como elemento cultural, por meio da qual o povo que a fala transmite os seus conhecimentos e os seus costumes de geração a geração.

A elaboração desse instrumento terminográfico contou com um *corpus* constituído de entrevistas realizadas, *in loco*, principalmente com o pajé, mas também com outros colaboradores que conhecem os costumes tradicionais do povo em questão, entre eles, o chefe indígena *Krôhokrenhũm*³, também conhecido como Capitão.

Durante as entrevistas buscamos observar e registrar a tradição de uso dos remédios feitos à base de plantas medicinais conforme os procedimentos teórico-metodológicos

³ No mês de outubro do ano de 2016, o Capitão *Krôhokrenhũm* faleceu em consequência de grave doença.

propostos pela Socioterminologia à luz do pensamento de Faulstich (2010a), cujo enfoque apoia-se nos princípios da Etnografia e da Sociolinguística. Entendemos a interação entre essas áreas do conhecimento como de suma importância para que possamos conhecer e entender o discurso especializado do pajé.

Neste momento, julgamos importante informar que não temos conhecimento sobre a realização de alguma investigação a respeito da terminologia das plantas medicinais da aldeia *Parkatêjê*, o que caracterizou o ineditismo do presente trabalho. Acrescentamos, ainda, que o instrumento terminográfico resultante desta pesquisa servirá como uma ferramenta de uso tanto na área da saúde indígena quanto em situações de educação formal entre os *Parkatêjê*, podendo também contribuir para estudos terminológicos futuros, bem como para o quadro linguístico de pesquisas já realizadas acerca do mesmo tema em outras línguas indígenas.

No que tange à apresentação desta dissertação, informamos que está estruturada em cinco capítulos, além da introdução e as considerações finais. O primeiro capítulo está subdividido em cinco seções, por meio das quais fazemos uma incursão no contexto histórico, na localização da Terra Indígena *Parkatêjê*, nos aspectos linguísticos, na situação atual da língua tradicional, bem como na cultura do referido povo, como a sua tradição, os saberes e a mitologia, com ênfase ao dom do pajé. Por fim, traçamos um pequeno panorama acerca da medicina tradicional indígena, destacando a figura do pajé como especialista em saúde indígena.

O segundo capítulo está subdividido em quatro seções. Na primeira seção, fazemos uma síntese do percurso da história e do desenvolvimento da Terminologia, no qual ressaltamos os posicionamentos das principais escolas clássicas. Na segunda seção, apresentamos a concepção teórica de Wüster sob a ótica da perspectiva tradicional da TGT por meio da qual realizamos uma breve reflexão em torno da visão reducionista do termo proposta por essa vertente em confronto com o advento da Socioterminologia e da Terminologia Cultural, áreas que não se coadunam com padronização e a normatização do termo.

Na terceira seção do segundo capítulo, discorremos a respeito da abordagem socioterminológica do termo, a fim de mostrar as contribuições de estudiosos, como François Gaudin e Enilde Faustich, à perspectiva sociocultural e variacionista do léxico especializado em contexto real de uso. Na quarta seção do mesmo capítulo, enfocamos os pressupostos da Terminologia Cultural abordado por Diki-Kidire, com base nos quais consideramos os aspectos sociais e culturais que emergem da percepção e representação simbólica do termo em contexto funcional de uso.

No terceiro capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos realizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, subdividimos o capítulo em seis seções. Na primeira seção, situamos o contexto da pesquisa e delimitamos o objeto de investigação. Na segunda, apresentamos o perfil dos colaboradores da pesquisa. Na terceira, explicamos as técnicas e os instrumentos utilizados na fase de coleta de dados e constituição do *corpus*. De posse dos dados coletados, elaboramos uma árvore de domínio por meio da qual elencamos os campos semânticos, que geraram a produção de uma ficha terminológica composta por informações referentes ao campo semântico das plantas medicinais, cuja aplicação foi somente ao pajé.

Ainda no terceiro capítulo, na quarta seção realizamos a organização e o tratamento do banco de dados. Nesta fase, utilizamos o programa computacional Flex (versão 8.2.8), cujos recursos nos possibilitam adequar e atualizar as informações diariamente, conforme a necessidade e especificidade da pesquisa. Após reunir todos os dados no Flex, nos foi possível exportá-los para *software* Lexique Pro (versão 3.5) como intuito de gerar o glossário impresso. Na quinta seção do mesmo capítulo, realizamos a etapa de validação dos dados. Na sexta seção, discutimos sobre as características e a estrutura interna do glossário.

Nos capítulos quarto e quinto, informamos os resultados da pesquisa por meio da análise morfológica dos termos especializados que nomeiam as plantas medicinais, bem como da produção e apresentação do glossário socioterminológico em sua versão impressa. A base de dados documenta 111 termos, organizados em ordem alfabética, sendo que alguns verbetes acompanham ilustrações para facilitar a compreensão do termo entrada. Após estes capítulos, apresentamos as considerações finais e as referências utilizadas para a construção do presente trabalho.

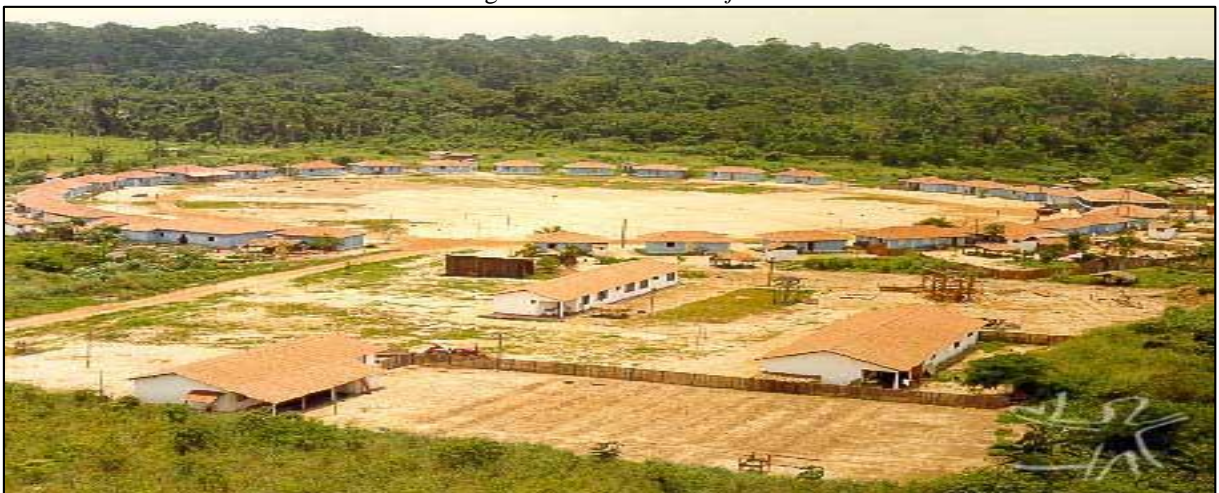
2 O POVO *PARKATÊJÊ*: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Para falar sobre os *Parkatêjê* é necessário conhecer a sua história, o local onde vivem e a língua que falam. Tais elementos constituem os saberes tradicionais que caracterizam a identidade cultural e linguística dessa comunidade indígena. Todos esses aspectos fazem parte do contexto que marca a trajetória de vida desse povo. Diante disso, tais informações são relevantes para a compreensão do universo da prática tradicional⁴ de uso das plantas medicinais utilizadas para tratamento e cura de doenças. Atualmente esse saber, como dantes, continua sendo repassado oralmente, uma vez que o mesmo nunca foi documentado. Apresentamos neste capítulo, breves considerações sobre o povo e sua localização. Em seguida, abordamos os aspectos linguísticos, sociolinguísticos e culturais, bem como questões relacionadas à saúde e a figura do pajé nessa comunidade. Para tanto, faremos um apanhado geral acerca do povo pautado nos estudos desenvolvidos por Araújo (1977, 1989, 2008, 2016), Ferraz (1984), Ferreira (2003), Neves (2010, 2012), Silva (2014), entre outros.

2.1 Conhecendo os *Parkatêjê*: Contexto histórico

De acordo com Ferraz (1984) a etimologia da palavra *Parkatêjê* significa ‘O povo (dono) da jusante’ fazendo referência ao rio Tocantins, em que *Par* designa ‘pé’, abaixo, *katê* indica ‘dono, controlador’ e *jê* designa ‘nós, a gente – este povo’. Os *Parkatêjê* residem em casas dispostas em um grande círculo, como podemos observar na Figura 1, de acordo com a tradição das aldeias timbiras. Essa formação tem a finalidade de reservar uma área central, no meio da aldeia, para a realização das festas e “brincadeiras” do povo.

Figura 1: Aldeia *Parkatêjê*



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2016.

⁴ Neste trabalho ao usarmos a expressão “tradicional” acompanhada dos termos “medicina”, “conhecimento”, “cultura”, “língua” e “saberes” não estamos nos referindo a oposição de tradicional x moderno, mas sim no sentido de “tradição oral” que faz parte da cultura repassada em sucessivas gerações, sobretudo, pelos povos indígenas.

Os *Parkatêjê* são conhecidos também na literatura especializada como Gavião *Parkatêjê* ou Gavião do Pará. Trata-se de um povo composto por remanescentes de três grupos timbiras, oriundos do sudeste do Pará: os *Rôhōkatêjê* ou *Parkatêjê* (grupo do Cocal ou grupo do 30), os *Akrātikatêjê* (povo da Serra) e os *Kyikatêjê* (grupo da Ladeira Vermelha ou turma do Maranhão) por terem habitado às proximidades da cidade de Imperatriz.

Segundo Ferreira (2003, p. 22), a junção desses três grupos, ocorrida na década de 70, teve como um dos principais objetivos a formação de uma só aldeia a fim de preservar e revitalizar a cultura e a língua do povo, além de expandir a população que se encontrava bastante reduzida. Tal união, de acordo com Araújo (2008, p.1), trouxe benefícios para o povo, uma vez que retomaram algumas festas e “brincadeiras” tradicionais, entre as quais, a Festa do Milho Verde, realizada no mês de fevereiro, e a do *mējēn* que consiste na troca de alimentos entre os homens e as mulheres da aldeia.

A fim de restabelecer a ‘normalidade’ na vida dos índios uma das estratégias utilizadas pelos *Parkatêjê* foi à aproximação definitiva com os *kupê*⁵, como afirma Araújo (1989). No entanto, tal solução trouxe sérias consequências sociolinguísticas para o povo, entre as quais, o convívio intensivo com a língua portuguesa que passou a ser mais usada na comunicação cotidiana, ocasionando, desta forma, o desuso da língua tradicional.

Apesar de toda essa trajetória de resistência dos *Parkatêjê*, em 1980, com a morte do chefe do grupo do Maranhão, a comunidade indígena passou por mudanças que levaram os *Kyikatêjê* se unirem definitivamente aos *Parkatêjê*. A partir dessa junção, segundo Ferreira (2003) o jovem *Krôhōkrenhũm*, mais conhecido como “Capitão”, assumiu a liderança dos grupos, até 2016, ano que faleceu, formando a Comunidade Indígena *Parkatêjê*. Essa constituição originou a razão social, principalmente por motivos econômicos, tendo em vista que nesse período os índios gavião já administravam sozinhos a produção e a comercialização da castanha a qual era feita somente pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), nos anos 70 (ARAÚJO, p. 4, 2008).

A história de vida do chefe *Krôhōkrenhũm* foi marcada por uma trajetória de luta e conquistas para o seu povo. Ele relatou que, após passar por muitas dificuldades, sobretudo, em relação à sobrevivência dos adultos que quase foram dizimados por causa de uma doença que atingiu a aldeia, decidiu entregar seis crianças a famílias de Itupiranga e de Marabá, entre as quais estava sua irmã mais nova. Essa atitude foi uma tentativa para escapar da morte a fim de

⁵*Kupê*: Denominação utilizada pelos *Parkatêjê* para designar o não-índio.

garantir a vida do povo, uma vez que os adultos estavam morrendo de doença (FERREIRA, 2003, p. 20). Tal fato o Capitão relata em seu livro de memória no seguinte trecho:

Aconteceu a doença na aldeia *Kaxàtati*. [...]. Lá era uma aldeia nova e essa doença que deu no povo dava muitas dores do lado, embaixo da costela direita. Não sei o que era, mas lembro que o caboco gemia até morrer. Foi assim que todo mundo se acabou. [...] Não tinha doutor, não tinha médico pra abrir a doença. Então, por causa disso, todos morreram (JÕPAIPAIRE, 2011, p. 34).

Apesar de tantas perdas, os *Parkatêjê* ainda lutam bravamente por sua comunidade, por sua língua e cultura. Atualmente, os índios mantêm as festas e os costumes tradicionais as quais promovem a interação entre os mais velhos com os mais jovens em momentos de pintura corporal, danças, corridas de tora, jogo de arco e flecha, entre outros. Toda essa motivação tem a finalidade de assegurar às futuras gerações o acervo cultural e linguístico da comunidade.

Contudo, devido a questões políticas internas, atualmente o povo passou por várias cisões as quais deram origem a onze aldeias que localizam-se ao longo da Rodovia da BR-222, conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Localização das Aldeias

ALDEIAS	BR-222
1. <i>Akrāti</i>	KM 15
2. <i>Akrākýtêjê</i>	KM 15
3. <i>Kojakati</i>	KM 16
4. <i>Gavião Kriamretijê</i>	KM 22
5. <i>Krãpeitijê</i>	KM 25
6. <i>Gavião Kýtikatêjê</i>	Km 25
7. <i>Krijõhêrekatêjê</i>	KM 29
8. <i>Gavião Parkatêjê</i>	KM 30
9. <i>Akrãkaprekti</i>	KM 35
10. <i>Rohõkatêjê</i>	KM 36
11. <i>Akrõtikatêjê</i>	KM 37

Fonte: Trabalho de campo, 2016.

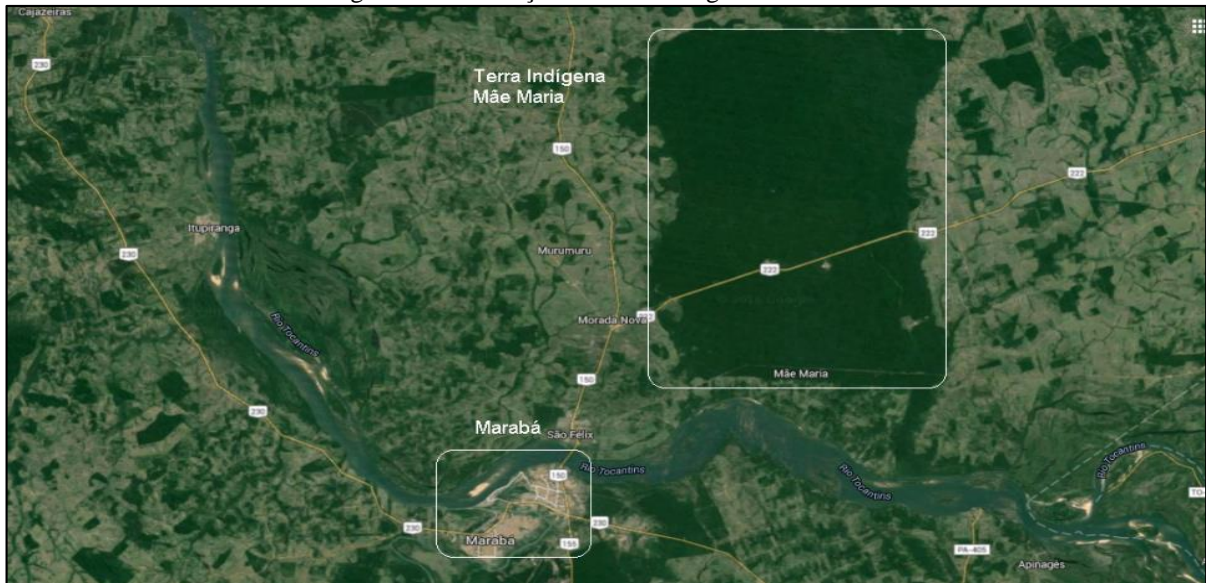
Esses agrupamentos estão situados na Reserva Indígena Mãe Maria, próximos uns dos outros. Tal disposição favorece a interação linguística e cultural do povo que sempre se reúne para realizar festas e “brincadeiras” tradicionais, considerando-se os laços perenes de parentesco e amizade que os une.

2.2 Localização da Terra Indígena

A Terra Indígena Mãe Maria, também conhecida entre os índios como *Kupëjipôkti* onde vive a Comunidade Indígena *Parkatêjê*, está localizada no km 30 da BR-222 (antiga PA-70), próxima ao município de Bom Jesus do Tocantins no sudeste do estado do Pará, a 30 Km ao

sul de Marabá, conforme podemos observar na Figura 2, logo abaixo. Apresenta como limites o igarapé Flecheira e o rio Jacundá, os quais são afluentes, à margem direita do curso médio do rio Tocantins.

Figura 2: Localização da Terra Indígena Mãe Maria



Fonte: <https://www.maps.google.com.br> (2016).

A geografia vegetal da reserva indígena é formada por uma extensa mata tropical de terra firme e clima tropical semi-úmido⁶. Tal característica territorial é favorável para a plantação de castanha-do-Pará e outras espécies de plantas, além da construção de grandes projetos estatais e privados cujas implantações trouxeram grandes prejuízos ao local e aos povos indígenas que habitam as redondezas.

Um dos grandes projetos realizados às proximidades da aldeia, foi a construção da rodovia PA-70, atual BR-222, na década de 60, cuja finalidade foi interligar Marabá à rodovia Belém-Brasília, cortando de leste a oeste o território *Parkatêjê*. Em seguida, na década de 70, de acordo Araújo (2008), foi construída a rodovia PA-150, a sudoeste da área indígena. Neste mesmo período foi implantada a linha de transmissão da Eletronorte, autorizada pelo Decreto n°. 80.100, de 08 de agosto de 1977, cuja extensão abrange Marabá e Imperatriz no estado do Maranhão, além de atravessar a Reserva Indígena Mãe Maria.

Outra agressão ao território *Parkatêjê* foi a instalação das torres de transmissão da Usina Hidrelétrica de Tucuruí e a construção da ferrovia Carajás-Ponta de Madeira, pela Companhia

⁶ Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2016. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

Vale do Rio Doce (CVRD), interligando a Serra de Carajás a Itaqui no estado do Maranhão (ARAÚJO, 2008, p. 4).

A realização desses empreendimentos econômicos, cuja extensão abrange a reserva indígena, não levaram em consideração as populações locais que residiam às proximidades, entre elas, a dos índios que tiveram que se adaptar as grandes transformações culturais e linguísticas pelas quais passaram. Além disso, as construções desses empreendimentos colaboraram para o processo acelerado de ocupação efetiva de invasores na terra dos *Parkatêjê* e para os impactos ambientais ocasionados por queimadas e pelos desmatamentos de grandes áreas da floresta, feitos para viabilizar a construção dos projetos, anteriormente citados. O resultado dessas agressões a reserva indígena têm contribuído para mudar o paisagismo local e afastar muitas espécies de animais que fogem em busca de sobrevivência.

Ainda assim, a área Indígena Mãe Maria possui uma grande biodiversidade de fauna e flora composta por várias espécies. Por isso ainda é possível caçar, pescar, extrair das árvores madeira para confeccionar toras, arcos, flechas e extrair plantas medicinais da mata para fazer remédios.

2.3 Aspectos linguísticos e situação atual da língua *Parkatêjê*

2.3.1 Aspectos linguísticos

A língua *Parkatêjê* pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, à família Jê. Conforme Rodrigues (1986) esta é uma língua pertencente ao “Complexo Dialetal Timbira” juntamente com outras línguas, a saber: *Krahô*, *Krĩkati*, *Apaniekrá-canela*, *Ramkokamekrá-canela*, *Pykobiê-gavião* e *Apinajé*, entre outras, por formarem um grupo de línguas inteligíveis entre si, além de apresentarem semelhanças tipológicas e estruturais (NEVES, 2012, p. 11).

Atualmente a comunidade é formada por uma população de aproximadamente 582 índios⁷. Entre esses, só os mais velhos falam fluentemente a língua *Parkatêjê*. Tal língua, de acordo com Araújo (1977), possui um sistema fonológico característico das línguas *Jê*, composto por vinte e sete fonemas em que as vogais predominam sobre as consoantes. Ao todo são dezesseis vogais e onze consoantes.

No que tange as vogais, estas encontram-se distribuídas em dez orais e seis nasais, as quais apresentam um contraste articulatório nas posições anterior, média e posterior, sendo que as orais contrastam em três alturas: alta, média e baixa enquanto que as nasais contrastam em apenas duas alturas: alta e não-alta, como mostra o Quadro 2.

⁷ Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2016.

Quadro 2: Inventário fonológico das vogais *Parkatêjê*, conforme Araújo (1977)

	ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
Altas fechadas	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Médias fechadas	e	ẽ	ə	ẽ̃	o	õ
Médias abertas	ɛ		ɜ		ɔ	
Baixas abertas			a			

Fonte: Araújo (1977) *apud* Silva (2014).

Tal proposta de sistema fonológico, entretanto, passou por estudos recentes como o de Neves (2010) que constatou em sua análise acústica acerca das vogais que elas apresentam nove qualidades vocálicas distintas nas posições anteriores, centrais e posteriores distribuídas em altas, médias e baixas, conforme o Quadro 3.

Quadro 3: Inventário fonológico das vogais *Parkatêjê*, segundo Neves (2010)

	ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
Altas fechadas	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Médias fechadas	e	ẽ			o	õ
Médias abertas	ɛ		ɜ		ɔ	
Baixas abertas			a			

Fonte: Neves (2010) *apud* Silva (2014).

Em relação às consoantes, Araújo (1977) aponta que a língua *Parkatêjê* possui cinco oclusivas surdas, duas nasais, uma fricativa e mais três aproximantes. Vejamos o ponto de articulação de cada uma no Quadro 4.

Quadro 4: Inventário fonológico, das consoantes *Parkatêjê*, segundo Araújo (1977)

	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
Oclusiva	p	t	tʃ	k	ʔ
Nasal	m	n			
Líquida		r			
Semiconsoante	w		y		h

Fonte: Araújo (1977) *apud* Silva (2014).

Quanto aos aspectos morfológicos da língua *Parkatêjê*, Ferreira (2003, p. 46) aponta os seguintes aspectos:

- Distinção entre classes abertas (nomes, advérbios, verbos) e fechadas (as demais classes);
- Os nomes podem se distinguir em relação à posse em:
 - a) Possuíveis: que, por sua vez, se subdividem em alienavelmente possuídos (objetos da cultura material) e inalienavelmente possuídos (parentesco, partes do corpo ou de um todo);
 - b) Não-possuíveis: referem-se a elementos relacionados a nomes próprios, de plantas e fenômenos da natureza;
- Os pronomes constituem basicamente duas classes: as livres e as dependentes;
- Os verbos ocupam a posição de núcleo do predicado nas orações e podem apresentar as categorias de tempo, aspecto e modo. Classificam-se em: intransitivos ou transitivos. Os intransitivos se subdividem em ativos (ocorrem em pronomes livres) e descritivos ou estativos (ocorrem em pronomes dependentes). Os verbos transitivos são semanticamente ativos de argumentos nucleares e, por isso, apresentam dois argumentos em função de sujeito (A) e objeto (O).

Segundo Ferreira (2005, p. 8), considerando-se o aspecto sintático, o *Parkatêjê* “é uma língua com marcação no núcleo, ou seja, as informações relacionadas aparecem marcadas no núcleo da construção sintática.” Outra característica são as construções referentes ao Sujeito-Predicado, pois quando estes permitem a topicalização do objeto podem alterar a ordem habitual Sujeito-Objeto-Verbo em que o objeto passa para a primeira posição da sentença.

A língua *Parkatêjê* é posposicional, o verbo ocupa a posição final da sentença. Tal aspecto assim como outros fenômenos são característicos da língua Jê. Ainda para a autora “a ordem básica dos constituintes nas orações declarativas simples/independentes é predominante Sujeito-Objeto-Verbo. O genitivo precede o nome” (FERREIRA, 2005, p. 8).

2.3.2 Situação atual da língua

O contexto sociolinguístico em que a língua *Parkatêjê* se encontra reflete uma situação de risco de extinção em decorrência do intenso contato com o português, fato que contribui para o não uso da língua tradicional, atualmente falada por um número reduzido de falantes que se resume a um pequeno grupo da comunidade, neste caso, o dos mais velhos.

Conforme Ferreira (2005, p. 3) de modo geral, a língua *Parkatêjê* não está sendo ensinada como primeira língua para as crianças da aldeia as quais estão aprendendo somente o

português, tanto no convívio familiar e social quanto na escola. Essa falta de transmissão oral da língua entre as gerações pode ser vista como uma indicação de que a língua está correndo risco de extinção, pois “o fato que determina o futuro de uma língua é a sua transmissão à geração subsequente” (MOORE et al., 2008, p. 38). Comungando com tal situação, Jane Hill (2001 *apud* COUTO, 2009, p. 85) afirma que as “línguas que são usadas em poucas funções, por poucos falantes, estão em processo de obsolescência. Se nenhuma criança fala a língua, ela já é considerada moribunda⁸”.

Apesar de usarem a língua materna, os falantes fluentes não a ensinam para os seus filhos, netos e outros parentes próximos que demonstram certo interesse em aprendê-la. Além disso, os índios mais velhos falam a língua portuguesa e a interação acaba sendo feita por meio dessa língua, conforme apontado nesta Dissertação em diferentes momentos.

Outro fato que contribuiu para a mudança de comportamento linguístico e cultural dos índios foi a chegada da tecnologia que fascinava a todos de acordo com Araújo (2008):

Nos anos 80, portanto, a televisão passou a estar presente na aldeia. As crianças sentadas no chão em frente ao aparelho, os mais velhos mais longe, sentados em velhas toras, o chefe e um ou outro em cadeiras, mulheres em esteiras, ficavam fascinados com esse ‘novo contador de histórias’. Era forte instrumento de introdução da língua portuguesa (ARAÚJO, 2008, p. 5).

Em decorrência dessas interferências na cultura, a língua ficou mais ameaçada, tendo em vista que a televisão é um meio de comunicação disseminador do português. Logo, ao adotarem os hábitos dos não-índios quanto aos costumes alimentícios, vestimentas, cortes de cabelo, entre outros aspectos, os índios favoreceram uma efetiva mudança tradicional do povo, o que repercutiu claramente no aspecto sociolinguístico.

Diante dessa realidade, os *Parkatêjê* têm mostrado preocupação com a preservação de sua língua e de sua cultura, pois tem consciência da importância de sua identidade linguística e cultural. Para tanto, se empenham em manter a língua e a cultura.

2.4 A cultura *Parkatêjê*: tradição e saberes

Os povos indígenas do Brasil apresentam culturas bastante distintas, cada uma com suas peculiaridades as quais podem ser percebidas por meio do uso de variados recursos naturais encontrados, sobretudo, na Amazônia, considerada a região que possui a maior “concentração de populações indígenas no país. A Amazônia apresenta também grande diversidade linguística

⁸ Segundo CRYSTAL (2000, p. 20 *apud* FERREIRA, 2003, p. 2), línguas moribundas “são aquelas que estão bem além do estágio de ‘mero’ perigo de extinção, por lhes faltar a transmissão entre gerações”.

e cultural. A região concentra mais de dois terços das línguas indígenas faladas no país [...]” (MOORE, et al., 2008, p. 37).

Essa região engloba vários estados, entre eles, o Pará, que concentra 25 línguas indígenas (MOORE, et al., 2008). Entre os índios que habitam esse estado, estão os *Parkatêjê*, conhecidos, também, como índios castanheiros devido aos castanhais nativos existentes em suas terras. Tal fruto é utilizado em diversos pratos da culinária *Parkatêjê*, dos quais o jabuti no leite da castanha, o suco do cupuaçu com leite da castanha, além de outros.

Na aldeia os índios *Parkatêjê* cultivam uma grande plantação de milho, mandioca (usada para produção de farinha), macaxeira e arroz. O milho, por exemplo, é consumido cozido, assado e em forma de massa misturada com o poraquê para fazer a iguaria chamada de berarubu, prato típico e tradicional muito apreciado pelos *Parkatêjê*. Além disso, possuem variedades de frutas silvestres encontradas na reserva, tais como: açaí, piquiá, bacaba, ingá, babaçu, bacuri, manga, cupuaçu, banana que são colhidas para sua subsistência.

Em relação a cultura material, os *parkatêjê* mantêm a confecção de artesanatos cuja prática é realizada pelos índios mais velhos que produzem instrumentos musicais, entre os quais a buzina e o maracá bem como o arco e a flecha. Esses artigos são usados durante a realização de festas e “brincadeiras” tradicionais pelos homens e pelas mulheres da aldeia.

A Comunidade Indígena *Parkatêjê* mantém algumas festas e “brincadeiras” tradicionais como a festa do milho, realizada em fevereiro, quando é a época de colheita do cereal. Na ocasião são feitas várias “brincadeiras”, tais como o jogo de arco e flecha, a corrida de tora e o jogo de peteca, sendo esta confeccionada com a própria casca do milho e pintada com o urucum. A festa do milho é realizada para comemorar e agradecer a fartura da produção.

Outro costume tradicional é a festa do *Pêmp* que consiste em um ritual de preparação cuja finalidade é tornar o jovem índio um guerreiro. Para tanto, envolve crianças, adolescentes e jovens, com idade entre 09 a 22 anos. Durante esse ritual todos os participantes ficam confinados em uma cabana feita de palha, construída no acampamento da aldeia do Km 30, por um período de três meses. Nesse tempo, os *Pêmp* são ensinados pelos índios mais velhos a caçar, a pescar, a confeccionar flechas e arcos, a se comportar como guerreiros e a sobreviver na floresta, além de “observar a natureza e a compreender seus segredos e mistérios e sinais sobre o bom tempo para plantar, colher, obter determinados tipos de palha, madeira para a confecção de casas, entre outras atividades” (FERREIRA, 2003, p. 28).

Nesse ínterim de isolamento, os *Pêmp* ficam incomunicáveis com suas famílias e com o resto da comunidade para ficarem sob os cuidados de dois índios mais velhos cuja missão é ensinar os costumes e as tradições do povo aos índios envolvidos no ritual. Para cuidar da

alimentação diária dos participantes, são designadas as índias mais velhas para realizar tal tarefa, sendo que cada *Pẽmp* possui duas cuidadoras. As rotinas de atividades de aprendizado acontecem todos os dias pelo período da manhã e da tarde. Nesses horários, os índios saem da cabana para participarem de várias “brincadeiras” tradicionais como a corrida de tora e de varinha. Antes de iniciarem as atividades, os jovens realizam a dança tradicional da festa do *Pẽmp* ilustrada na Figura 3.

Figura 3: Festa do *Pẽmp* (dança tradicional)



Fonte: Acervo da autora 2016.

Após as “brincadeiras” cada jovem recebe um banho que é dado pelas índias, de acordo com a Figura 4, e depois voltam para o confinamento. Ao término do *Pẽmp* os índios estão prontos para serem verdadeiros guerreiros indígenas.

Figura 4: Banho após a corrida de varinha



Fonte: Acervo da autora 2016.

A Profa. Dra. Marília Ferreira, em comunicação pessoal, informou-nos que um aspecto que chama a atenção quanto às questões culturais de tradição e saberes desse povo trata-se do que se refere à religiosidade/misticismo. Com todas as transformações sociais pelas quais a comunidade tem passado seria impossível que não se verificassem mudanças nesse sentido. Embora se saiba e se tenha documentado pouco ou quase nada acerca dessa questão, observa-se que a figura do pajé é presente até os dias atuais.

Durante muito tempo, a comunidade esteve fechada para a entrada de missionários, novas crenças e igrejas. No entanto, com a separação do grupo que se havia formado nos anos 80, os *Kyikatêjê* se abriram para receber uma igreja evangélica que foi implantada naquela comunidade. Anos depois, com a mudança de resistência do chefe *Krôhokrenhũm* da Aldeia *Kupêjipôkti* para a Aldeia *Rôhokatêjê*, houve a chance de instalação de uma igreja pentecostal na Comunidade indígena *Parkatêjê*, que fica localizada no Km 30.

Com a convivência com os *kupê*, na cidade ou na aldeia, convive-se também com usos e costumes distintos dos seus antepassados. Inevitavelmente observa-se que essa mescla influencia o comportamento linguístico e cultural, aparecendo, vez por outra, ações que denunciam um certo sincretismo religioso e cultural. Da mesma forma, essa comunidade já tem feito uso sistemático de saúde *kupê*, tratando-se com médicos e medicamentos sintéticos, mas também recorrendo sempre que possível ao pajé. Todavia tais circunstâncias aliadas contribuíram para o enfraquecimento da importância da figura do pajé, que, para a maioria, provavelmente, é apenas uma existência simbólica, portanto.

2.4.1 A mitologia *Parkatêjê*: o dom do pajé

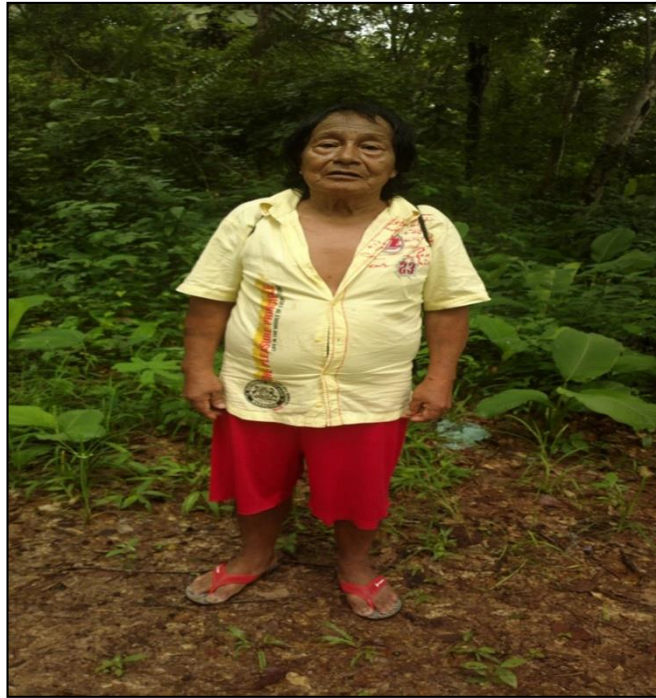
A respeito da mitologia dos *Parkatêjê*, de acordo com Ferreira (2003, p. 26), pouco se sabe e “como não se conhece o período anterior ao contato e a vida cerimonial plena desses povos, não se pode afirmar quase nada sobre os aspectos da mitologia e das práticas xamanísticas por eles utilizadas, muito embora ainda sobreviva a figura do pajé, do curandeiro na cultura deles.” Apesar disso, os *Parkatêjê* acreditam em *mêkarô*, espíritos que podem estar relacionados ao bem e ao mal, conforme relatos coletados durante o trabalho de campo.

No decorrer da pesquisa tivemos a oportunidade de conhecer o *wai* ‘pajé’ ou curador⁹ *Nākoti*, também conhecido como Domingos, Figura 5, considerado um especialista em saúde

⁹ O termo “curador” é uma denominação designada pelo próprio pajé da aldeia *Parkatêjê* por meio da qual prefere ser chamado, pelo fato de trabalhar para o “bem” e não para o “mal” (*Nākoti*, 2016).

indígena no tratamento e cura de doenças por meio benzedura e de remédios feitos à base de plantas medicinais.

Figura 5: Pajé ou curador *Nākoti* (Domingos)



Fonte: Acervo da Autora (2016).

O pajé ou curador é índio *Parkatêjê* nascido e criado na aldeia, fala fluentemente sua língua, além do português. É um grande conhecedor das histórias e da cultura de seu povo, além de saber preparar variados remédios com plantas consideradas medicinais. Todo esse conhecimento cultural e “mágico” possui uma história acerca do seu dom de ser pajé que ele nos conta em seu relato a seguir:

Começou com um sonho que ele [Jê] ia me dando, me dando as coisas. Aí começou o corte do meu pé. Aí que ele apareceu, mas não falou nada pra mim. Eu me cortei aqui na perna e não dei conta de andar. Era meio dia. Aí eu chamei meu companheiro e disse: pode ir. Mas que nada, quando eu levantei não dei conta de andar. Aí ele apareceu, não falou nada pra mim. Apareceu comigo, passou, passou, passou. Eu não vi ele por trás. Ele disse: pode ir embora. Aí levantei e fugi, fui embora. Aí ele veio atrás de mim. Ele marcou cinco horas no outro dia. Agora que ele apareceu pra mim pela primeira vez. Segunda vez, na língua né, ele disse: tu recebe dos dois a prova que eu vou dá pra ti. Aí ele botou as coisa, três coisa. Aí eu fiquei com medo. Eu digo: qual é o que eu vou pega? Do branco é do mal e o outro do bem. Aí ele não pode pega esse não, eu que tenho que quebrar a cabeça, eu queria ser o curador, o pajé. Aí peguei certinho o do meio. Aí ele me abraçou, esse você já sabe. Aí eu mesmo peguei certinho. Ele me abraçou, aí eu peguei, eu mesmo peguei o certinho. Era três coisa: o do bem, o do branco, do bom do meio. Se pega errado tem que pensar muito mesmo. Aí quando eu cheguei ele já aprovou e aponta para o céu e diz: tá aprovado, você recebe o dom do curador ou do pajé, curador é melhor. Ele entregou as coisa que cura doença pra mim que o curador conhece, a ferramenta que tá na minha mão, eu curo com a mão. Se tu sentir diarreia, o corpo tá aberto, isso não é diarreia não, é o corpo que tá aberto. Aí eu fecha o corpo e aí para. Minha mão é boa. Ele falou pra mim assim: olha você não fala mal de ninguém, vê se trabalha direitinho, trabalha contrário

não pode não, você vai perde o direito que recebeu de curador, não pode falar mal da vida de ninguém, eu quero fazer bom pra qualquer uma pessoa. Ele ensinou os remédios, esse serve para o espírito do mal *mēkarō*. Eu não pode comer jacaré, nem tatu, tartaruga, quati. Não pode é proibido. Não pode pega no sangue, se pega adoce é proibido. Eu tinha 18 anos que recebi tudo. Não pode receber dinheiro, nada, só se ele autorizar. Eu vejo espírito e escuto. Se o espírito entra na cabeça e no corpo e você não dorme direito, coloca pimenta no olho que ele sai e você fica bonzinho. (Relato adaptado do Pajé ou Curador *Nākoti*. Coletado em 18/06/2016).

Por meio desta narrativa obtida, a partir das entrevistas com *Nākoti*, podemos inferir que o pajé representa um

elemento, uma espécie de marca, de sinal, que indica e confirma a existência do dom xamanístico, para o bem (no caso dos pajés ou curadores), assim como para o mal (no caso da Matintapereras e dos Lobisomens). No caso do primeiro, esse sinal informa sobre a ‘escolha’ de alguém, pelas entidades da pajelança, para intermediar a relação – tida como necessária –, entre as pessoas e o mundo encantante, resolvendo para elas, problemas (males do corpo e da alma; embora, a rigor, um pajé também possa fazer o mal às pessoas (mas essa não é a face marcante de seu perfil) [...] (MOTTA-MAUÉS, 2008, p. 23).

Ainda, de acordo com o relato, o pajé nos revela que para se tornar um curador ele passou por vários ensinamentos e provações, sendo que esta implicaria na proibição de hábitos alimentares, mudança de comportamentos e atitudes cuja violação teria como resultado a perda do seu dom xamanístico que, conforme Motta-Maués e Villacorta (2008) o xamanismo consiste em

uma área privilegiada do sistema de crenças, essencial no que se refere ao fornecimento de condições que possibilitem aos indivíduos lidar com forças e poderes que não podem controlar, mas que estão presentes e com os quais têm de se defrontar em suas vidas. Além disso, é aquele que fornece os meios indispensáveis para resolver problemas cuja solução para eles não pode ser alcançada de outro modo. Trata-se, no caso, das doenças de ordem-natural (que dependem de causas mágicas ou da ação de entidades sobrenaturais), as quais normalmente exigem a intervenção de um pajé (xamã) [...] que na pejalança, destaca-se como elemento chave a figura do “pajé” ou “curador”, exatamente o elo de ligação entre as pessoas e o sobrenatural – o “mundo do encantante” – por meio do contato que ele pode manter com as entidades dessa ordem [...] e os espíritos, além das forças mágicas que é capaz de manipular (MOTTA-MAUÉS; VILLACORTA, 2008, p. 331-332).

No que diz respeito a prática dos rituais xamanístico (pajelança) é importante salientar que o pajé da aldeia *Parkatêjê* não realiza rituais que envolvem as implicações estéticas, tais como a dança e o canto, as quais segundo Maués (2008), são concepções indígenas e religiosas que se mesclam. Ao invés disso, o que podemos observar em sua prática xamanística, são as rezas, benzeduras bem como a produção de remédios feitos com plantas medicinais que ele faz para curar doenças de ordem natural e não-natural. Para tanto, ele reza na pessoa para “fechar o corpo”, pois acredita que a “doença vem de dentro do corpo e não de fora dele” (*Nākoti*, 2016). Outro procedimento utilizado pelo pajé é a produção de remédios feitos com plantas medicinais que ele utiliza para tratar variadas patologias.

Na concepção do pajé as doenças podem estar relacionadas aos espíritos do mal que se apossam da mente e do corpo de uma pessoa, por isso quando uma pessoa adoece ele atribui ao “corpo aberto” e para curá-la ele “fecha o corpo” com as mãos fazendo rezas na cabeça e no local da dor referida pelo doente. Esse procedimento tem a finalidade de expulsar qualquer entidade sobrenatural que esteja enfraquecendo a pessoa.

Durante a realização de algumas entrevistas com o pajé tivemos o privilégio de presenciar alguns rituais xamanísticos e na ocasião fizemos alguns registros, conforme ilustram as Figuras 6 e 7. Na primeira imagem, Figura 6, o pajé reza na cabeça para “fechar o corpo” e afastar o espírito do mal responsável pela doença da pessoa.

Figura 6: Pajé rezando na cabeça para “fechar o corpo”



Fonte: Acervo da autora (2016).

Caso seja uma doença de outra natureza ele faz remédios com plantas medicinais e os administra aos doentes, além de fazer rezas no local da dor, como podemos observar na Figura 7.

Figura 7: Pajé rezando no local da dor



Fonte: Acervo da autora (2016).

Diante do exposto, podemos dizer que o pajé ou curador é considerado um especialista em saúde indígena em virtude dos seus preciosos saberes acerca das plantas medicinais e do seu dom de curar com as mãos. Devido a esses conhecimentos tradicionais, características dos

povos indígenas, ele produz termos especializados por meio do seu discurso oral, oriundos do contexto sociocultural que está inserido.

2.5 Medicina tradicional indígena *Parkatêjê*: a figura do pajé

Conforme já foi dito anteriormente, muito pouco se tem registrado sobre a figura do pajé e suas atividades de pajelança na comunidade, uma vez que as memórias que os mais idosos têm já se mesclam a diferentes práticas daquelas genuinamente tradicionais.

Imagine-se quando não se contava com o auxílio de médicos e técnicos de enfermagem, nem com a possibilidade de rapidamente se chegar à cidade, o quão central era a figura do curador, que, com seu conhecimento tradicional, podia debelar desde as moléstias mais simples e ocasionais às mais inesperadas como os ataques de animais silvestres.

Logicamente, nesse universo, existe aquilo que é apenas credice popular (que da cultura *Parkatêjê* exigiria de nós um estudo antropológico bastante metuculoso) e aquilo que apresenta de fato base empírica – conhecimento ancestral, no que se refere a doenças e seu tratamento.

A presente Dissertação tem como objetivo analisar, descrever e documentar a partir da perspectiva linguística, as questões relacionadas à terminologia das plantas medicinais utilizadas para o tratamento e cura de doenças em *Parkatêjê*.

Atualmente a Comunidade Indígena *Parkatêjê* possui dois postos de saúde, um localizado no Km 30, na Comunidade Indígena Mãe Maria, como mostra a Figura 8, e o outro no Km 35, na aldeia *Rôhôkatêjê* também conhecida como Negão.

Figura 8: Posto de Saúde *Parkatêjê* (PSP)



Fonte: Acervo da autora (2016).

O posto de saúde do Km 30 conta com a colaboração de uma técnica de enfermagem, não índia, que reside há 9 anos na aldeia. Já no posto de saúde do Km 35, também há uma técnica de saúde, sendo uma índia e a outra *kupẽ*. A técnica indígena é filha do Capitão, que vendo a necessidade de um profissional de saúde na aldeia, decidiu se dedicar aos estudos e conseguiu concluir seu curso técnico, a nível de ensino médio, na cidade de Marabá.

De acordo com a técnica de enfermagem da aldeia Mãe Maria (Km 30), ocorrem algumas doenças que podem ser tratadas no posto de saúde, entre elas: diarreia, gripe, febre e outras. Além dessas patologias existe a ocorrência de ferimentos provocados por animais peçonhentos. Também são registrados alguns casos de ferrada de arraia, principalmente com os índios que costumam tomar banho e pescar no rio Jacundá, cuja extensão corta a reserva indígena. Nestes casos, é inevitável ir à cidade em busca de atendimento médico.

A técnica *kupẽ* de saúde nos informou que um médico e uma enfermeira visitam a comunidade uma vez ao mês e permanecem apenas um dia para fazerem os atendimentos de saúde aos índios. Na ocasião prescrevem receitas e deixam medicações para serem administradas aos índios que precisam de cuidados e tratamentos. Esses profissionais de saúde também consultam as grávidas e fazem campanha de vacinação.

Apesar de existirem postos de saúde na comunidade, estes não contam com uma estrutura adequada com equipamentos e instrumentos médicos que possam suprir as necessidades dos índios. Além disso, o número de agentes de saúde é insuficiente para atender a demanda de índios passíveis de adoecer.

Como já foi citado anteriormente, na comunidade *Parkatêjê*, ainda, se pode identificar a figura do pajé ou curador, considerado especialista em medicina indígena tradicional, termo com o qual estamos trabalhando, também conhecida conforme Athias¹⁰ (2015) com a noção de:

medicina indígena, ou simplesmente sistemas de cuidados, sistema de cura, práticas tradicionais de cura ou simplesmente medicina tradicional, diz respeito a uma variedade de terapêuticas, cuidados, tratamentos e práticas de cura, que fazem parte do conhecimento tradicional dos povos indígenas do continente americano, e que ainda são utilizada por esses povos em suas comunidades na atualidade (ATHIAS, 2015, p. 2).

Segundo o autor, a medicina indígena tradicional é “praticada por distintos especialistas nas áreas indígenas, e que em geral, são chamados de pajés” (ATHIAS, 2015, p. 2). Tal

¹⁰ Texto apresentado em uma palestra proferida pelo Prof. Dr.: Renato Athias, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (IFCH/UFPA), intitulada “Práticas tradicionais de cura e a articulação com os modelos de atenção nos DSEIs”, promovida pelo Núcleo de Estudos e pesquisas sobre Etnicidade/Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas Eneida Correa de Assis (GEPI-UFPA), realizada em 26 de abril de 2016.

denominação pode variar de acordo com os grupos indígenas os quais podem chamar esses especialistas em cura de benzedores, curadores, curandeiros, xamãs, entre outros.

A fim de assegurar a prática da medicina tradicional pelos povos indígenas foi estabelecida a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), a qual foi aprovada pelo

Conselho Nacional de Saúde (CNS) através das Portarias Ministeriais 971/2006 e 1.600/2006. Ela insere na atenção integral à saúde (princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde) sistemas médicos complexos, os quais são também denominados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de medicina tradicional e complementar/alternativa, que buscam estimular mecanismos naturais de prevenção e recuperação da saúde com ênfase no desenvolvimento terapêutico e integrador do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (MELLO, 2009, p. 2).

Dessa forma, por meio da PNPIC a medicina tradicional passa a ser valorizada como uma prática cultural alternativa para os índios, tendo em vista que as limitações de se fazer um tratamento de saúde de forma convencional, na maioria das vezes, torna-se inviável, sobretudo pelo próprio contexto em que o povo indígena está inserido, logo a presença do pajé na comunidade é vista como uma alternativa de fácil e rápido acesso e de baixo custo para o tratamento e cura das doenças com remédios feitos à base de plantas medicinais.

No caso da comunidade indígena *Parkatêjê*, são os índios mais velhos que procuram o pajé ou curador para tratarem as enfermidades com tais remédios ou simplesmente para receberem rezas para “fechar o corpo” contra doenças. Enquanto que os mais jovens preferem o tratamento oferecido pela Biomedicina, medicina oficial ou ainda medicina ocidental concebida como “um conjunto de tratamentos, cuidados, práticas de curas dos não-índios, geralmente, entendida como dominante ou hegemônica, nos estados nacionais” (ATHIAS, 2015, p. 3).

Conforme o autor, ao contrário da medicina ocidental, a medicina indígena se configura como um entendimento próprio oriundo do contexto natural, social, cultural e histórico do povo indígena os quais reconhecem a importância da participação do pajé nesse sistema de cura e tratamento de doenças.

Atualmente podemos dizer que a medicina indígena tradicional ainda resiste, apesar da domínio da medicina ocidental, pois ela é uma das responsáveis pela manutenção dos saberes e dos conhecimentos adquiridos através das gerações por meio da cultura, da língua e da tradição oral dos povos indígenas que lutam pela sua sobrevivência.

O próximo capítulo apresenta as abordagens teóricas que embasam a presente pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas e metodológicas desta pesquisa. No primeiro momento, fazemos um breve percurso da história e do desenvolvimento da Terminologia, além de revisitar as concepções das escolas clássicas. Em seguida, passamos para as bases teóricas da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Depois esboçamos novos posicionamentos teóricos e metodológicos, originados a partir das limitações da TGT, que tratam do léxico empregado na linguagem especializada, postulados pela Socioterminologia e pela Terminologia Cultural (TC). Tais abordagens são relevantes para a presente pesquisa no que concerne aos estudos terminológicos voltados para a valorização dos aspectos socioculturais e funcionais do termo especializado produzido em contexto real de uso.

3.1 Estudos Terminológicos: percurso histórico e desenvolvimento

Sabe-se que desde a antiguidade, os homens costumavam criar palavras para denominar tudo que observavam ao seu redor. Essa criatividade linguística de acordo com Barros (2004):

é tão antiga quanto a linguagem humana. Desde os tempos mais remotos, o homem dá nome às coisas, aos animais, às plantas, às fontes naturais de alimentação e sobrevivência, aos instrumentos de trabalho, aos artefatos para defesa pessoal, às peças do vestuário, em suma, a tudo que lhe está à volta [...] (BARROS, 2004, p. 28).

Conforme a autora, tal produção linguística de caráter terminológico é decorrente, sobretudo, da necessidade de entender o universo das coisas denominadas pelo próprio homem. Em virtude disso, os homens começaram “a compilar palavras, relacionar conteúdos, identificar equivalentes. Nascem os dicionários bilíngues e obras símeles, nos quais os termos – palavras que designam conceitos específicos de domínios especializados [...] ocupam lugar de destaque” (BARROS, 2004, p. 28).

Cabe ressaltar, de acordo com Barros (2004), que o surgimento de dicionários temáticos monolíngues destinados ao registro de definições de coisas referentes a um único domínio acerca da realidade do povo se deve aos Sumérios que viveram por volta de 2.600 a.C. Tal dicionário era produzido a partir da argila transformada em tijolo. Nessa obra histórica eram registrados os termos “relacionados a profissões, gado, objetos comuns e divindades [...]” Van Hoff (1998, p. 241 *apud* BARROS 2004, p. 29). Os registros desses termos nos tijolos contribuíram para o conhecimento da história da cultura, do costume e da religião desse povo.

Outra contribuição para a consolidação da Terminologia veio dos naturalistas no século XVII, principalmente dos Biólogos e Zoólogos, com destaque para Karl von Lineu que propôs

um sistema universal de nomenclatura com regras precisas para denominar espécies da fauna e flora do mundo inteiro. Foi neste período que a Terminologia teve seu reconhecimento formal por meio da elaboração de dicionários com vocabulários específicos que eram denominados conforme a natureza do léxico especializado (BARROS, 2004, p. 31).

A partir do século XVIII, por meio dos trabalhos desenvolvidos pelos enciclopedistas, muitas discussões foram motivadas em torno das propriedades e dos problemas em relação às línguas de especialidade, que foram posteriormente denominadas de terminologias. Tais questionamentos adentram o século XIX, o qual se destaca pela internacionalização das ciências e dos saberes que corroboraram para a preocupação dos cientistas em busca de novas estratégias para assegurar a univocidade da comunicação científica em âmbito internacional. Para este fim, estabelecem padrões terminológicos e incluem denominações para diferenciar o léxico das ciências em relação ao léxico comum, configurando, desta forma, os termos das ciências (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 25).

Apesar da prática terminológica na antiguidade ter tido grande relevância para os estudos terminológicos, foi no século XX que a Terminologia surgiu como uma “disciplina científica que estuda as línguas (ou linguagens) de especialidades e o conjunto vocabular de campos específicos” (BARROS, 2004, p. 28). Essa consolidação científica decorreu da necessidade de buscar uma fundamentação metodológica precisa para dar conta da comunicação social, pela qual são aplicados termos especializados, tanto na área técnica quanto na científica entre os profissionais que atuam em diferentes ramos de trabalho. Tal afirmação foi necessária em decorrência de intensas transformações no cenário político, social e econômico, que ocasionaram o crescimento das unidades terminológicas.

Na concepção de Krieger e Finatto (2004, p. 26), “o crescimento exponencial das unidades terminológicas é um fenômeno diretamente resultante do acelerado avanço da ciência e da tecnologia que requer novas denominações para as novas descobertas e invenções que se avolumam”. Esta ampliação, vem, portanto influenciar a formação de novas terminologias relacionando novos campos e saberes.

Para este propósito e com a finalidade de garantir o uso unívoco dos termos em plano internacional foram estabelecidas diretrizes pragmáticas para normatizar as terminologias a fim de contribuir para o seu caráter científico. Nesse panorama de desenvolvimento das bases teóricas e metodológicas da Terminologia, surgem alguns grupos de estudiosos cujos objetivos consistiam em formar as chamadas Escolas Terminológicas Clássicas, entre as quais podemos citar as três pioneiras responsáveis pelas bases da Terminologia, são elas: a Escola de Viena, a Escola Russa e a de Praga, das quais os trabalhos terminológicos apontam perspectivas

centradas na normatização das terminologias, tendo em vista a padronização dos termos técnicos e científicos.

De acordo com Barros (2004) e Krieger e Finatto (2004), estas escolas podem ser observadas por meio das seguintes características:

A escola de Viena destacou-se com os trabalhos realizados pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898-1977), considerado o fundador dessa escola e o precursor da Terminologia. É importante destacar que a principal função da Terminologia para esta escola consiste em assegurar o controle dos usos terminológicos, a fim de evitar a ambiguidade dos termos técnicos e científicos utilizados na linguagem especializada da comunicação profissional por meio de sua padronização em âmbito internacional.

No que tange a escola de Praga, esta ficou conhecida por meio da contribuição dos estudos Terminológicos desenvolvidos pela Checoslováquia. Entre os principais representantes podemos destacar os trabalhos de L. Drozd “que se ocupa de modo intenso da descrição estrutural e funcional das línguas de especialidade” (BARROS, 2004, p. 52). De acordo com a autora, o princípio fundamental dessa escola “era considerar a língua em seu aspecto funcional, ou seja, como instrumento de comunicação no seio da vida social” (BARROS, 2004, p. 52). Assim, compreendia as línguas de especialidade pertencentes à língua geral, sendo por isso dinâmicas e passíveis de mudanças.

Por outro lado, a escola Russa de acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 31) teve como um dos principais fundadores D.S. Lotte (1889-1950). Os pensamentos de Lotte não convergiam com os de Wüster apresentados na escola de Viena, pois ao considerar os termos pertencentes às unidades de língua geral, bem como das línguas de especialidade, admitia a sua realização em contextos socioculturais, sujeitos a influências extralinguísticas. Para ele “é no contexto e no discurso que o termo é investido de valor. Não visa, assim, à monossêmia absoluta do termo” (BARROS, 2004, p. 50).

Apesar de estas escolas apresentarem diferentes posições a respeito da funcionalidade dos termos nas línguas de especialidades, foram influenciadas pela concepção de Wüster cujo objetivo primava pela normatização e padronização das terminologias, fato que suscitou reflexões e mudanças por estudiosos da área. Vale ressaltar, que os estudos realizados por essas três escolas, consideradas clássicas, contribuíram para a consolidação da área da Terminologia, firmando-a como um campo do conhecimento com fundamentos teóricos e metodológicos. Tal fato pode ser evidenciado pela escola de Viena, cujos princípios deram origem às bases teóricas da Teoria Geral da Terminologia, as quais veremos na próxima seção.

3.2 Teoria Geral da Terminologia: enfoque tradicional

O engenheiro austríaco Eugen Wüster é considerado “o pai da Terminologia moderna” (GAUDIN, 1993, p. 24)¹¹. Esse reconhecimento se deve aos princípios teóricos da Terminologia, preconizados em sua conhecida tese de Doutorado intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik*¹², defendida em 1930, os quais conduziram à base da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Neste estudo, a preocupação central de Wüster, acerca dos estudos terminológicos, consistia na padronização e normalização dos termos especializados. Em virtude disso, tinha como objetivo alcançar a univocidade na comunicação profissional no que diz respeito ao mundo, tendo em vista que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como o acelerado processo de globalização, entre outros, motivaram a criação das terminologias (BARROS, 2004, p. 53-54). Para tanto, o autor propôs unificar as terminologias em uma só, a fim de criar uma norma prescritiva para o conceito dos termos. Esse pensamento pode ser evidenciado quando ele diz que:

a normalização linguística em terminologia supõe a unificação, por seleção, das terminologias já existentes, e a criação neológica. Estes aspectos, e mais concretamente a evolução dos elementos da língua, geralmente não se incluem na teoria da língua geral. Na linguagem geral, o que importa é expressar-se com correção, é dizer, em conformidade às normas descritivas, levando em conta que cada nível estilístico corresponde a uma norma descritiva diferente. Em contraste, a terminologia enfoca a utilidade da linguagem, a qual se manifesta através de normas prescritivas (WÜSTER, 1998, p. 24. Tradução nossa).¹³

Após os estudos apresentados em sua tese, Wüster publicou, em Viena, um livro em 1931, denominado de *Die Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*,¹⁴ considerado o marco inicial do desenvolvimento teórico e metodológico da Terminologia moderna bem como da “criação da Associação Internacional de Normalização (ISA)” (BARROS, 2004, p. 53). Nesta obra, reafirmou “suas preocupações [...] de ordem puramente metodológica e normativa”, no dizer de Faulstich (1995a, p.1). Dessa forma, a proposta wüsteriana sugeriu a normatização da linguagem de especialidade por meio da elaboração de princípios metodológicos de sistematização dos termos especializados. Além

¹¹ “[...] *Le père de la terminologie moderne*” (GAUDIN, 1993, p. 24).

¹² Normalização Internacional Técnica.

¹³ “*La normalización lingüística en terminología supone a la vez la unificación, por selección, de las terminologías ya existentes, y la creación neológica. Estos dos aspectos, y más concretamente la evaluación de los elementos de la lengua, no suelen incluirse en la teoría de la lengua general. En el lenguaje general, lo que importa es expresarse con corrección, es decir, en conformidad a las normas descriptivas, teniendo en cuenta que cada nivel estilístico le corresponde una norma descriptiva diferente. En contraste, la terminología se enfoca hacia la utilidad del lenguaje, lo cual se manifiesta a través de las normas prescriptivas*” (WÜSTER, 1998, p. 24).

¹⁴ Normalização Internacional da Terminologia Técnica, especialmente na eletrotécnica (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 31. Tradução).

desta, outra obra importante de Wüster que marcou os estudos terminológicos, foi a publicação, em 1968, do *Dictionnaire multilingue de la machine-outil: notions fondamentales*. Neste documento, segundo Faulstich (1995a, p. 1) “ele dá um passo em direção à onomasiologia”. Neste método onomasiológico, o autor propõe que o estudo das terminologias deve partir do conceito para se chegar ao termo.

Com o intuito de delimitar os estudos terminológicos, Wüster define o termo técnico-científico como objeto de pesquisa da terminologia, compreendido nesta área como uma unidade designada por meio da denominação e do conceito, este, deve preceder aquela, em virtude de ser independente da mesma. Para Wüster (1998), o termo é concebido pelos

terminólogos, como uma unidade terminológica que consiste em uma palavra com a qual se designa um conceito como seu significado, enquanto que para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. Os terminólogos usam a expressão conceito, e não significado, por uma razão básica: o significado de um termo (o conceito) se esgota como significado denotativo, também chamado de significado conceitual, e prescinde, em geral, às conotações (WÜSTER, 1998, p. 21-22. Tradução nossa).¹⁵

Partindo desse entendimento acerca do termo, Wüster propôs uma base metodológica que tinha como propósito padronizar os conceitos dos termos, considerados distintos do léxico comum. Nesse sentido, para Barros (2004, p. 53), o “princípio que regia tal objetivo era a univocidade entre o conceito e o termo que o designa (um único termo pode designar um conceito)”. Como assinala a autora, o estudioso defendeu a eliminação da ambiguidade na linguagem e propôs a univocidade e a universalidade do léxico especializado, considerado dissociado do discurso, ponto de vista que descartou a variação linguística, a polissemia e a sinonímia ou homonímia presentes no contexto de uso da língua.

Por esse prisma, Wüster (1998) propôs algumas concepções que devem ser seguidas durante a realização de um trabalho na área da Terminologia, a saber:

Em primeiro lugar, todo trabalho terminológico utiliza como ponto de partida os conceitos com o objetivo de estabelecer delimitações claras entre eles. A terminologia considera que o âmbito dos conceitos e das denominações (= os termos) são independentes (WÜSTER, 1998, p. 21. Tradução nossa).¹⁶

¹⁵ “[...] terminólogos, una unidad terminológica consiste en una palabra a la cual se le asigna un concepto como su significado, mientras que para la mayoría de los lingüistas actuales, la palabra es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido. Los terminólogos usan la expresión concepto, y no la de significado, por una razón básica: en su opinión, el significado de un término (el concepto) se esgota con el significado denotativo, también llamado significado conceptual, y prescinde, en general, de las connotaciones” (WÜSTER, 1998, p. 21-22).

¹⁶ “En primer lugar, todo trabajo terminológico utiliza como punto de partida los conceptos con el objetivo de establecer delimitaciones claras entre ellos. La terminología considera que el ámbito de los conceptos y el de las denominaciones (= los términos) son independientes” (WÜSTER, 1998, p. 21).

Em outra concepção, o autor privilegia a língua escrita em detrimento da falada e argumenta dizendo que “[...] para a terminologia, a forma gráfica dos termos tem prioridade sobre a forma fônica, ou seja, sobre a pronúncia. A forma escrita dos termos técnicos está unificada em escala internacional” (WÜSTER, 1998, p. 25)¹⁷.

Nesta outra proposição Wüster considera que o estudo dos termos na TGT deve ser feito a partir do enfoque sincrônico, pois a “prioridade que a terminologia tem dado aos conceitos tem levado inevitavelmente à investigação terminológica a considerar a língua de um ponto de vista essencialmente sincrônico” (WÜSTER, 1998, p. 22)¹⁸. Esse enfoque puramente sincrônico defendido pela TGT, toma por base a comunicação eficiente atrelada à noção da univocidade e da monovalência do termo, conferindo ao mesmo um caráter normativo, por meio do qual desconsiderou os aspectos sociais, culturais e funcionais bem como as alterações que os termos sofrem no decorrer do tempo.

Em contrapartida, essa concepção para Faulstich (1998), não convém com a realidade mutável de uso e circulação do termo que é concebido como “[...] um item lexical que tem função comunicativa interlinguística ou intralinguística, com valor social e cultural. Nos percursos temporais da língua, o termo pode variar e mudar forma e conteúdo, seja no plano sincrônico, seja no plano diacrônico” (FAULSTICH, 1998, p. 3).

Todas as concepções reunidas por Wüster na TGT tem o objetivo de garantir a normatização bem como a univocidade e padronização do termo na comunicação em âmbito internacional. Com esse objetivo, o autor ressalta que

A normatização dos termos individuais necessita obrigatoriamente de diretrizes unificadas de caráter supralinguísticos, ou seja, de uma espécie de fio condutor da teoria geral da terminologia. Com esta finalidade, a Organização Internacional de Normatização (ISO), tem elaborado, ao longo dos vinte anos, numerosos princípios terminológicos e lexicográficos (WÜSTER, 1998, p. 24).¹⁹

Essa padronização proposta para o estudo da terminologia “durante muito tempo, foi usada como meio regulador da ‘boa expressão’, no sentido de conduzir o elaborador de dicionários terminológicos para o registro de termos considerados ‘adequados’ numa

¹⁷ “[...] para la terminología, la forma gráfica de los términos tiene prioridad sobre la forma fónica, es decir, sobre la pronunciación. La forma escrita de los términos técnicos está unificada a escala internacional” (WÜSTER, 1998, p. 25).

¹⁸ “la prioridad que la terminología da a los conceptos ha llevado inevitablemente a la investigación terminológica a considerar la lengua desde un punto de vista esencialmente sincrónico” (WÜSTER, 1998, p. 22).

¹⁹ “La normalización de los términos individuales necesita obligatoriamente líneas directrices unificadas de carácter supralingüístico, es decir, una especie de hilo conductor de la teoría general de la terminología. Con esta finalidad, la Organización Internacional de Normalización (ISO) há ido elaborando, a lo largo de los últimos veinte años, numerosos principios terminológicos y lexicográficos” (WÜSTER, 1998, p. 24).

comunicação especializada eficiente” (FAULSTICH, 2006, p. 27). Tal uniformização constitui uma representação reducionista do termo visto, neste caso, segundo a autora, como uma “forma standard” que serve apenas para denominar conceitos técnicos e científicos.

Como se depreende, a TGT possui uma visão redutora e bastante prescritiva, cujos postulados favorecem a concepção de que os termos são designações que se manifestam no conhecimento científico, por isso, de acordo com a TGT, apresentam características peculiares com intuito de contribuir para a eficácia de uma linguagem técnica ideal e padrão que a diferencie da linguagem geral.

Para Wüster, a Terminologia é considerada como disciplina autônoma e multidisciplinar, por estabelecer interfaces com outras áreas como a Linguística, a Lógica, a Ontologia, a Informática, a Tradução, a Lexicografia, a Lexicologia, a Semântica, a Pragmática Linguística, entre outras (KRIEGER; FINATTO, 2004). No entanto, situou a Terminologia como ramo da Linguística Aplicada, pelo fato de manter relação com os estudos da linguagem como bem explicam Krieger e Finatto (2004):

A teoria wüsteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. Ao desenvolver importantes reflexões sobre a Terminologia como disciplina, bem como sobre as unidades terminológicas em muitas de suas feições, Wüster recorre a elementos da Linguística, ciência que integra a interdisciplinaridade com que concebeu a Terminologia (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 32).

Para as autoras, o caráter multidisciplinar da Terminologia causa inquietação em muitos autores que devido a essa característica não a consideram como disciplina independente. Apesar da discussão em torno da autonomia da disciplina, ela apresenta sua própria identidade assegurada pelo seu objeto de estudo: o termo técnico-científico. Essa relação com a Linguística Aplicada surge pelo fato da Terminologia ir além da Linguística em virtude de reunir vários conhecimentos linguísticos, os quais permitem relacioná-los ao aspecto prático da Linguística Aplicada. Sob essa ótica Krieger e Finatto (2004) esclarecem que:

Pertencer à linguística aplicada é precisamente o que caracteriza, em larga medida, o estudo científico em geral da Terminologia. Isso torna implícito o fato de que ela é um ramo da Linguística Aplicada. [...]. Ela vai além da linguística por reunir conhecimentos linguísticos em todos os domínios da vida e de torná-los úteis a todos os domínios da vida (WÜSTER, 1974, p. 64 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 21).

Apesar de Wüster ter delimitado a Terminologia como campo da Linguística Aplicada, pontuou a diferença entre as duas áreas por meio do objeto de estudo: para a Linguística, a língua de forma geral (léxico comum ou geral) e para o campo Terminológico, o léxico

especializado (termo), sendo este considerado como uma “unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico. É também chamado de *unidade terminológica*. O conjunto de termos de uma área especializada chama-se *conjunto terminológico ou terminologia*” (BARROS, 2004, p. 40. Destaques da autora).

Vale ressaltar, que embora Wüster tenha sinalizado o caráter multidisciplinar da TGT, que por essa via possibilita a relação com a Linguística, Gaudin chama a atenção à incoerência dessa aproximação, uma vez que a TGT se distancia dos estudos linguísticos pelo fato de dissociar o termo do contexto discursivo. Essa posição fica evidente quando Gaudin (1993) afirma que

[...] é por meio de sua teoria do termo que Wüster mais se difere da Linguística. Desde Saussure, o signo é estudado como entidade psíquica com duas faces, onde “não seria possível isolar nem o som da ideia, nem a ideia do som” (SAUSSURE, 1972, p. 157), pois este signo se investe de valor no sistema da língua. Wüster, por sua vez, “considera o domínio dos conceitos e o dos termos como dois domínios independentes” (WÜSTER, 1981, p. 63), a significação do termo é constituída de um conceito que lhe é subordinado. Essa ruptura introduz, portanto, um deslize subreptício que faz passar da língua natural a uma metalíngua. Tal visão corresponde às finalidades da normalização, mas não à realidade linguística [...] (GAUDIN, 1993, p. 26).²⁰

Ainda que a TGT, tenha apresentado uma proposta tradicional em relação aos estudos terminológicos, ela, ainda, é considerada como o marco inicial dessa área. Com isso, obteve reconhecimento internacional por meio das contribuições de Wüster, que estabeleceu os princípios teóricos e aplicados para produção de obras terminográficas, tais como: glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados. Essa prática faz com que a TGT passe a ser consolidada com estatuto de disciplina, com identidade e com objeto de estudos próprios no ramo das ciências do léxico. Apesar dessas colaborações à Terminologia, a TGT cedeu espaço para diferentes propostas e reflexões que trazem um novo olhar para os estudos terminológicos, em uma nova perspectiva que considere os aspectos socioculturais e linguísticos no contexto de uso da língua.

Em face desse quadro de redimensionamento, surgem na década de 90, disciplinas que buscam entender o estudo do termo e seu funcionamento a partir de uma concepção descritiva do uso da língua. Seguindo essa postura, surge a Socioterminologia, ramo da linguística, que se

²⁰ “[...] *c’est par sa théorie du terme que Wüster s’écarte le plus de la linguistique. Depuis Saussure, le signe est étudié en tant qu’entité psychique à deux faces ou l’on “ne saurait isoler ni le son de la pensée, ni la pensée du son” (Saussure, 1985:157), ce signe tirant sa valeur du système de la langue. Wüster, quant à lui, “considère le domaine des notions et celui des termes comme deux domaines indépendants” (1981:63), la signification d’un terme étant constituée par une notion qui lui est subordonnée. Cette rupture introduit donc un glissement subreptice qui fait passer de la langue naturelle à une méta-langue. Une telle vision correspond bien aux finalités de la normalisation, mais pas à la réalité linguistique [...]*” (GAUDIN, 1993, p. 26).

debruça no estudo da descrição e análise do termo por meio dos aspectos pragmáticos, históricos, sociais e culturais inerentes à linguagem humana, fato que não coaduna com os propósitos prescritivos e normalizadores conduzidos pela TGT. Entre os primeiros trabalhos desenvolvidos nessa área, estão os de Boulanger (1991) e Gaudin (1993).

Em seguida, destacamos no Brasil, os estudos terminológicos a partir da perspectiva da Socioterminologia, os trabalhos desenvolvidos pela professora e pesquisadora Enilde Faulstich, a partir de 1995, na Universidade de Brasília (UnB), no âmbito do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm²¹. Tais estudos revelam propostas teóricas e metodológicas voltadas para o funcionamento, descrição e variação do termo em condições sociais de uso. Essa visão de cunho funcional e linguístico do termo proposta pela estudiosa, conduziu à formação de um constructo teórico da variação em Terminologia, reafirmando a ideia de que o termo é um léxico especializado presente nas línguas naturais, logo sofre implicações contextuais assim com o léxico comum. Cabe ressaltar, que por meio de seus estudos, Faulstich instaurou “a terminologia como área do conhecimento, com abordagem centrada na interação por meio da linguagem e no desempenho do indivíduo na comunidade em que sua língua é falada” (FAULSTICH, 2012, p. 36).

Ressaltamos, também, nesse momento, outra vertente, contrária a TGT, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré, a partir de 1996, junto ao seu grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona). Mediante às limitações de caráter normalizador e prescritivo em relação ao estudo do termo, apontadas pela TGT, a TCT nasce com uma nova proposta de estudo para o léxico especializado que considera os aspectos comunicativos e pragmáticos presentes na interação dos usuários em contextos reais de uso.

Outra vertente que surgiu recentemente na França e Senegal, foi a Terminologia Cultural (TC)²² proposta por Maciel Diki-Kidire, cuja base está voltada para o estudo da descrição e análise dos termos realizados no contexto cultural.

²¹ O Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm (UnB) abriga a linha de pesquisa em Léxico e Terminologia, sob a coordenação de Enilde Faulstich (FAULSTICH, 2010b, p. 183).

²² A Terminologia Cultural é, também, conhecida como Etnoterminologia “campo mais recente dos estudos terminológicos, o objeto de estudo é o contexto da diversidade, ou seja, a variação cultural do termo” (ARAGÃO, 2010, p. 42). A autora, ainda, esclarece que tal denominação é cunhada no Brasil por Barbosa (2009) que a define como sendo uma subárea da Terminologia que “estuda os discursos etno-literários, como os da literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore e os discursos das linguagens especiais com baixo grau de tecnicidade e de cientificidade” (BARBOSA, 2009, p. 1). Além desta estudiosa, o termo Etnoterminologia é empregado em alguns trabalhos desenvolvidos pelo Prof. Dr. Dionei Gomes (UnB), juntamente com outros professores desde 2011. Nestas pesquisas, tal termo é utilizado na Etnomedicina ou Sistema de cura e cuidados relacionado ao estudo dos discursos dos especialistas dos povos indígenas em diversas áreas do conhecimento (Cf. COSTA, 2013, p. 64-66).

Seguindo essa mudança de foco nas pesquisas no ramo da Terminologia, tanto a Socioterminologia quanto a TCT e a TC, têm conquistado um amplo espaço entre os pesquisadores da área, pelo fato de viabilizarem uma observação voltada para a descrição das terminologias com base nos textos, quer orais quer escritos. Isso possibilitou a identificação e o reconhecimento dos aspectos sociais e culturais presentes nos discursos das comunicações científicas, técnicas, bem como de profissionais considerados especialistas, que estão inseridos em um espaço sociocultural de contexto específico de oralidade, como no caso da Comunidade Indígena *Parkatêjê*, que mantém a tradição de utilizar os remédios feitos à base de plantas medicinais, produzidos pelo pajé, sendo esta prática o foco de nossa pesquisa.

Por esse viés, intensificam-se os estudos acerca dos termos que empregam tais abordagens. Desses novos enfoques em relação à Terminologia sob uma perspectiva social e cultural do termo, adotamos, sobretudo, os princípios teóricos e metodológicos da Socioterminologia, cunhados por Gaudin (1993, 2003) e Faulstich (1995a, 1998, 1999, 2006, 2010a, 2010b, 2012, 2014) e, a abordagem da Terminologia Cultural, como disciplina suporte, pautada nos estudos de Diki-kidire (2002, 2007, 2009). Tais estudos veremos com mais detalhes nas próximas seções, sendo que, a Socioterminologia embasa a elaboração do presente glossário da terminologia das plantas medicinais em *Parkatêjê*.

3.3 Socioterminologia: abordagem social do termo

A linha teórica-metodológica proposta pela TGT, a qual marcou os estudos da Terminologia, prima por um caráter normativo e prescritivo dos termos, bem como rejeita a ambiguidade, a sinonímia, a homonímia, a polissemia e a variação linguística presente nos termos da comunicação especializada. Além disso, defendia a univocidade dos termos para que o conceito só poderia ser designado a um único termo.

Tais princípios evidenciam uma perspectiva tradicional em relação aos estudos terminológicos realizados por essa corrente, que diverge com a realidade proposta pelas áreas de estudos de caráter descritivo e social dos termos. Devido a isso, incitou a reflexão de alguns estudiosos na França, entre os quais Boulanger (1991) e Gaudin (1993), que propiciaram o surgimento da Socioterminologia a partir do reconhecimento e valorização dos aspectos sociais presentes na linguagem especializada.

De acordo com Faulstich (2006) a Socioterminologia, termo cunhado por Jean-Claude Boulanger, nasceu em 1991, por meio do seu artigo intitulado de *Une lecture socio-culturelle de la terminologie*. Neste trabalho, o autor declarou, que a perspectiva socioterminológica “vem

atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (BOULANGER, 1991, p. 25 *apud* FAULSTICH, 2006, p. 29). Como bem explica a pesquisadora, essa nova corrente se preocupa em apresentar uma proposta voltada para a descrição do termo em sua dimensão interativa e discursiva, tendo em vista que o mesmo não pode ser dissociado do contexto social e linguístico.

Mais tarde, com um direcionamento inovador em favor de uma visão acerca do uso e funcionamento das terminologias na interação social, surge na França os fundamentos teóricos da Socioterminologia, a partir dos estudos realizados por François Gaudin, em sua tese de doutorado intitulada *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*, publicada em 1993 (FAULSTICH, 2006). Nesta obra, ao tecer sua crítica em relação à TGT, Gaudin (1993) argumenta que a “[...] socioterminologia deve levar em conta o real funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas linguísticas concernentes” (GAUDIN, 1993, p. 16.)²³. Nesse sentido, a Socioterminologia valoriza as condições de funcionamento em que a linguagem especializada se manifesta e segue em direção aos aspectos sociais na realização dos termos.

Para tanto, Gaudin insere a Socioterminologia no âmbito dos princípios da Sociolinguística. Essa inserção possibilitou aos estudos dos termos especializados o reconhecimento e valorização de seu uso em variados contextos.

Por meio dessa interface, a Socioterminologia não comunga com a proposta de Wüster, cuja base não considerava a variação, a sinonímia e a polissemia, que se manifestam no funcionamento tanto na linguagem comum quanto na linguagem especializada. Dessa forma, propõe a valorização dos aspectos a partir da dimensão social presente no uso da língua, tendo em vista que é por meio da linguagem que um falante representa sua realidade linguística, de acordo com as condições sociais e culturais em que o termo circula. Para Gaudin (1993) tal relação entre língua e sociedade é identificada na prática de uso da linguagem, quando ele anuncia que

[...] a socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia “de escrívão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as razões do seu sucesso no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam esses termos. Estas práticas são aquelas essencialmente exercidas nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se estabelecem entre trabalho e linguagem (GAUDIN, 1993, p. 216. Tradução nossa).²⁴

²³ “[...] *une socioterminologie peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées*” (GAUDIN, 1993, p. 16).

²⁴ “[...] *la socioterminologie, pour peu qu’elle veuille dépasser les limites d’une terminologie “graffière”, doit replacer la gênese des termes, leur réception, l’être acceptation mais aussi les causes de leur échec et les raisons de leur succès, au sein des pratiques langagières et sociales concrètes des hommes qui les emploient. Ces pratiques*

A partir desse ponto de vista, Gaudin defende que a Socioterminologia vai além dos padrões normalizadores sinalizados pela TGT, pelo fato de valorizar os aspectos comunicativos presentes nos termos especializados, já que a funcionalidade do uso destes não pode ser estudada de modo dissociado dos discursos que emergem da prática social.

No âmbito desse entendimento, no Brasil, Faulstich (2006) considerou a Socioterminologia como um

[...] ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Consoante a autora, a Socioterminologia, de base funcionalista²⁵, se ocupa da investigação da variação linguística dos termos presentes no meio social levando em conta todas as manifestações de uso que uma comunidade faz dos termos. Por conseguinte, Faulstich (2006) postula que “[...] a terminologia está voltada para observação do uso do termo em contexto de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o termo é usado” (FAULSTICH, 2006, p. 30). Essa noção de circulação do termo foi apresentada por Faulstich (1999) quando declarou que a “socioterminologia é a disciplina que abriga o movimento do termo nas linguagens de especialidade” (GAUDIN, 2003, p.14)²⁶.

Conforme a pesquisadora, a Socioterminologia se ocupa do estudo da análise do funcionamento dos termos que circulam na comunicação especializada. Desta forma, se configura como uma disciplina descritiva, sob uma abordagem linguística, pois observa a realização dos termos nas situações reais de uso na interação social, posto isto, a “prática terminológica é inseparável do conhecimento do espaço da ação onde ocorre as práticas de linguagem que visa modificar ou assegurar” (GAUDIN 1993, p. 213)²⁷. Tal acepção acerca do estudo do termo, conforme Faulstich (2006), contribui para

sont essentiellement celles qui s'exercent dans des sphères d'activité. C'est pourquoi la socioterminologie devait rencontrer les réflexions sur les liens qui se nouent entre travail et langage” (GAUDIN, 1993, p. 216).

²⁵ “O funcionalismo linguístico é a abordagem adequada, porque orienta a interpretação dos fenômenos linguísticos para si próprios. Essa perspectiva temo como objetivo científico descrever e explicar os próprios fenômenos linguísticos [...]” (FAULSTICH, 2006, p. 29).

²⁶ “*La socioterminologie est une discipline qui s'intéresse au mouvement du terme dans les langages de spécialités*” (GAUDIN, 2003, p. 14).

²⁷ “*La pratique terminologique est donc inséparable de la connaissance du terrain d'action qu'elle se donne et des pratiques langagières qu'elle vise à modifier ou à secourir [...]*” (GAUDIN, 1993, p. 213).

[...] a construção dos postulados teóricos que sustentam a teoria da variação em terminologia, propõe-se uma releitura da definição de termo, a fim de que se compreenda melhor por que um termo varia. Assim uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência.

E vale lembrar que termos são:

- (i) "signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- (ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
- (iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas (FAULSTICH, 2006, p. 28).

Em vista disso, esses postulados auxiliam na compreensão do sentido do termo a partir de sua trajetória linguística com base na relação entre língua e sociedade. Para tanto, a Socioterminologia tem como objetivo sistematizar as variações terminológicas de acordo com a natureza linguística que os termos apresentam. Por isso, essa vertente é considerada no campo dos estudos Terminológicos como um método de pesquisa, além de ser uma disciplina descritiva (FAUSTICH, 2010a).

Partindo desse viés, Faulstich (2012), conhecedora das bases teóricas da Socioterminologia, publica em 1995, o livreto denominado de Base Metodológica para Pesquisa em Socioterminologia, Termo e Variação, como pioneira no Brasil. Por meio dessa publicação, a pesquisadora estabelece uma metodologia própria para os estudos da terminologia cujo enfoque concebe essa vertente como uma “área do conhecimento da Linguística, com abordagem centrada na interação por meio da linguagem e no empenho do indivíduo na comunidade em que sua língua é falada” (FAULSTICH, 2012, p. 36).

Ainda, nesta publicação, a autora atribui à Socioterminologia duas concepções com papéis diferentes, mas que relacionam a teoria a sua aplicação prática (FAULSTICH, 2012). A primeira concebe a Socioterminologia “como uma disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social”. Já a segunda, “como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo, assentada no funcionamento da linguagem” (FAULSTICH, 2012, p. 37). Tal organização proposta pela autora é importante para a produção de uma obra terminográfica, sobretudo quando este produto considera as variações dos termos e, por isso, devem constar na sua composição.

Partindo do entendimento dessas concepções, adotamos as duas como base para nortear os princípios teóricos e metodológicos da presente pesquisa, uma vez que teoria e prática estão relacionadas. Essa adoção, se deve ao fato de que os termos especializados, oriundos do universo de uso das plantas medicinais, produzidos por meio do discurso do pajé, são manifestados a partir de um contexto social específico de acordo com os conhecimentos

culturais estabelecidos pelo funcionamento de uso da linguagem. Daí a necessidade de descrever, analisar e documentar essa linguagem especializada para a construção de um glossário sob a perspectiva da Socioterminologia.

Além dessas vertentes servirem de orientação para a pesquisa e aplicação dos estudos terminológicos, elas possibilitam estabelecer interfaces com outras áreas, entre as quais a Morfologia e a Semântica. Esse diálogo torna-se possível, porque a Socioterminologia é um campo que valoriza os aspectos funcionais, sociais e culturais manifestados na linguagem humana, logo essas características podem ser vistas por meio de outras áreas que partilham desse mesmo princípio. Devido a isso, nesta pesquisa, nos debruçamos na análise e descrição dos aspectos morfológicos identificados nos termos especializados das plantas medicinais da língua *Parkatêjê*. Assim, estabeleceu a relação entre a Socioterminologia e a Morfologia tomando como base os aspectos funcionais do discurso oral.

Tais concepções, que aliam a teoria com sua aplicação prática, defendidas por Faulstich (2012), propõem a base teórico-metodológica para a Socioterminologia, inspirada nos princípios da Etnografia

cuja linha de conduta deriva de um postulado fundamental, que é a existência de uma ordem: o engajamento entre as pessoas, a interação de uns com os outros. Assim, as atitudes interacionais precisam ser observadas e analisadas nos mais diferentes espaços e em diferentes níveis (FAULSTICH, 2010a, p. 15-16).

Além da Etnografia, a Socioterminologia tem auxílio dos princípios cunhados pela Sociolinguística por meio da qual o conceito de variação linguística “[...] serve de suporte para essa nova interpretação que vem se desenvolvendo sobre variação terminológica” (FAULSTICH, 2010a, p. 15).

Apesar dessa inserção da Sociolinguística proposta por Gaudin (1993), a autora esclarece que a “Socioterminologia não é, de fato, uma disciplina derivada da Sociolinguística, porém não podemos negar que é a visão mais flexível da sociedade e da comunidade que conduzem os especialistas a esse novo percurso” (FAULSTICH, 2010a, p. 15), pois cada área possui seu objeto de estudo próprio, contudo, a autora reconhece que “a pesquisa socioterminológica deve ter como auxiliar princípios de sociolinguística, em atenção aos critérios de variação e de mudanças linguística dos termos no meio social [...] (FAULSTICH, 2012, p. 37). Devido a isso, tais correntes de estudo estabelecem interfaces, tendo em vista que a área de estudo da Socioterminologia, considerada como um ramo da Linguística, privilegia os aspectos sociais do léxico especializado, assim como a Sociolinguística que também

apresenta preocupações com os aspectos sociais e com as variações linguísticas que se manifestam no uso da língua.

Por esse prisma, as características da diversidade de interação no âmbito social apontadas por Faulstich, no decorrer de suas pesquisas, comungam com o estudo realizado por Gaudin (1993) acerca da funcionalidade da língua. Para eles, a língua é vista como dinâmica e, por isso, apresenta uma grande capacidade de sofrer modificação, de acordo com a necessidade de uso nas diversas situações de comunicação cotidiana. Logo, é mister dizer que os estudos desenvolvidos por esses dois pesquisadores contribuíram para a consolidação das bases teóricas e metodológicas da Socioterminologia, com vista para a análise e descrição do termo especializado por meio da dimensão sociocultural em contexto real de uso da língua.

Após adotar os procedimentos oriundos da Etnografia, com a finalidade de subsidiar a base metodológica da Socioterminologia, relacionados aos fenômenos sociais que emergem da interação comunicativa, Faulstich (2010a) elenca alguns itens que devem ser observados durante o desenvolvimento de uma pesquisa socioterminológica que leva em consideração os aspectos socioculturais inerentes à linguagem humana, a saber:

- a) as características da empresa, da instituição, do local em que a terminologia é gerada: tipo de atividade; divisão de trabalho; rede de comunicação; frequência no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem etc.
- b) as características do pessoal: postos que ocupam, formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização etc.
- c) a competência e os usos linguísticos dentro da empresa: comunicação com prioridade no uso oral, na escrita; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas linguagens de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas etc (FAULSTICH, 2010a, p. 15).

A partir dessas observações, Faulstich (2010a) traça alguns procedimentos que servem para nortear a base metodológica da Socioterminologia. Tal proposta, indicada pela autora, está resumida da seguinte forma:

- Identificar o usuário da terminologia a ser descrita: é fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário [...];
- Adotar atitude descritiva: o termo é descrito com as características linguísticas próprias do contexto, o que requer que sejam observadas as variantes de uso [...]. A descrição parte da observação direta dos usos do termo no discurso escrito e oral [...];
- Consultar o especialista da área;
- Delimitar o corpus;
- Selecionar documentação bibliográfica pertinente;
- Precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico;
- Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe à semântica;

- Registrar o termo e a(s) variante(s) do termo. O registro do termo pode ser feito numa ficha terminológica [...];
- Redigir repertórios terminológico: As obras de referência que sistematizam dados terminológicos, isto é, os dicionários de linguagem de especialidade, têm configurações apropriadas, de acordo com o tipo de repertório a ser redigido [...] (FAULSTICH, 2010a, p. 12-14).

Os procedimentos sugeridos pela autora, encaminham os estudos socioterminológicos por meio da relação entre a teoria e a prática. Essa associação é bastante relevante para orientar uma pesquisa para quem deseja elaborar obras terminográficas, tais como dicionários e glossários, que se consolidam como parte prática dos estudos terminológicos. Além disso, os procedimentos elencados pela autora são bastante flexíveis uma vez que podem ser modificados conforme com a necessidade de cada trabalho. No caso da presente pesquisa, tomamos como base a metodologia da Socioterminologia proposta por Faulstich (2010a). Entretanto, fizemos algumas adaptações em relação aos itens que devem ser observados bem como dos procedimentos que devem ser desenvolvidos. Essa adaptação tem o objetivo de atender a especificidade do glossário ora proposto.

Retomando a relação entre teoria e prática, no que concerne à dimensão de aplicação, a Terminologia tem por finalidade a produção de dicionários e glossários técnicos, especializados ou, ainda, terminológicos realizados pela Terminografia que “pode ser definida como uma prática de elaboração de vocábulos técnicos, científicos e especializados” (BARROS, 2004, p. 68). Essa ciência é considerada a face aplicada da Terminologia, cujo objetivo é a produção de obras terminológicas ou terminográficas por meio das quais são estabelecidos modelos para a organização da estrutura do dicionário ou glossário. Vale salientar que a ciência que se ocupa do estudo do léxico geral é a Lexicologia e sua face aplicada é a Lexicografia.²⁸

Para alguns autores, a Terminografia consiste em um ramo da Terminologia, no entanto, é uma disciplina científica com identidade e objeto de estudo próprio: os dicionários terminológicos, cuja estrutura passa por constante avaliação a fim de melhorar e propor novas metodologias para elaboração destas obras (BARROS, 2004, p. 68).

Um novo conceito acerca desse ramo é apresentado por Faulstich (1990) que definiu essa área como sendo a prática da Terminologia, dessa forma “o trabalho do terminólogo prático ou terminógrafo consiste em recolher e organizar os termos e as noções de uma mesma área, sob a forma de léxicos, glossários, dicionários, etc” (FAULSTICH, 1990, p. 207). Além disso, a Terminografia como disciplina “tem papel de desenvolver técnicas para a elaboração de

²⁸ “É uma tecnologia de tratamento da lexicologia, de compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres” (ARAGÃO, 2010, p. 38).

dicionários terminológicos, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma linguagem de especialidade, científica ou técnica” (FAULSTICH, 2014, p. 379).

Na perspectiva da prática, Faulstich (2010a) apresenta algumas tipologias de obras terminográficas de que se ocupa a Terminografia, entre as quais podemos citar:

Dicionário terminológico: dicionário que apresenta a terminologia de um ou de vários domínios.

Glossário: a) repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas; b) repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. Nota: Os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia, variante(s) e equivalente(s); c) repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência. Nota: Este tipo de glossário é útil para tradutores e intérpretes. Elabora-se, normalmente, a partir de bases textuais informatizadas.

Banco de terminologia: repertório terminológico automatizado, constituído de um conjunto organizado de dados terminológicos (FAULSTICH, 2010a, p. 64-66).

Como podemos observar, cada tipo citado, tem finalidade e particularidades estruturais diferentes de expor os estudos acerca dos termos especializados que variam de acordo a necessidade da pesquisa e os consulentes de cada obra. Entre as tipologias de obras terminográficas propostas por Faulstich, adotamos a segunda definição, descrita no item b, pelo fato de se enquadrar ao objetivo proposto para esta pesquisa, cujo foco é a elaboração de um glossário semibilíngue dos termos especializados das plantas medicinais, usadas pelo pajé, especialista em saúde indígena da língua *Parkatêjê*, cuja estrutura interna desta obra está organizada conforme a indicação da autora.

Por tudo isso, podemos dizer que os estudos cunhados, sobretudo, por Gaudin e Faulstich, a respeito da linguagem, desenvolvidos à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Socioterminologia, compartilham o princípio que concebe o aspecto social, bem como as variantes terminológicas que compõem a natureza linguística da linguagem especializada. Não é demasiado, portanto, dizer que tal disciplina ultrapassa as barreiras tradicionais apresentadas pela TGT em relação ao termo, e que avança em direção a um estudo descritivo e funcional do léxico especializado, o qual leva em consideração o universo discursivo em que ele emerge. Com base nisso, recorreremos aos princípios da Socioterminologia para a elaboração do glossário ora proposto.

Convergindo com essa vertente, surge a Terminologia Cultural (TC), que veremos na próxima seção, cuja abordagem mantém uma interface com a Socioterminologia no que

concerne ao interesse pela relação entre linguagem, sociedade e cultura que se manifestam nos termos especializados.

3.4 Terminologia Cultural: percepção e representação simbólica do termo

A Terminologia Cultural (TC), vertente proposta por Marcel Diki-Kidire, “cujos trabalhos tratam, principalmente, sobre a terminologia das línguas africanas” (GAUDIN, 2003, p. 15)²⁹, está voltada para o estudo da descrição e análise dos termos especializados realizados em seu contexto cultural. Ao considerar a dimensão cultural como o centro das atenções de suas preocupações, a TC diverge dos postulados tradicionais propostos pela TGT, aliando-se aos princípios da Socioterminologia.

Desse modo, a diversidade cultural, ou seja, a variação cultural do termo é o foco principal dessa abordagem teórica (ARAGÃO, 2010), que leva em consideração como “a apreensão da realidade, os modos de viver, pensar e sentir das comunidades são representados nos termos por elas utilizados e estão determinados pela percepção cultural de cada povo” (ARAGÃO, 2010. p. 42). Ao inserir os aspectos culturais como o cerne de sua abordagem, Diki-Kidire (2009) considera que

[...] a cultura é um conjunto das experiências vividas, nas produções realizadas pelos conhecimentos gerados por uma comunidade humana que vive em um mesmo espaço em uma mesma época. Isto significa que existe, por uma parte, uma diversidade cultural tanto no espaço como no tempo, por outra parte, uma grande expressão da cultura que permite as diversas experiências e os diversos conhecimentos sedimentares nos arquivos da memória coletiva (DIKI-KIDIRE, 2009, p. 2. Tradução nossa).³⁰

De acordo com o autor, isso significa que existe uma grande diversidade cultural, cujas raízes surgem através das experiências e dos conhecimentos adquiridos e acumulados ao longo da história de cada povo. Tal aprendizado é arquivado na memória coletiva de cada pessoa, sendo, então, repassado de geração a geração. Por este motivo, a importância de considerar o uso dos termos em um contexto específico de uso, tendo em vista que a cultura é um ponto de confluência entre sociedade e língua, por isso se configura como a identidade cultural e linguística de cada povo. Isso permite que todos os membros de uma comunidade possam

²⁹ “[...] dont les travaux portent principalement sur l’aménagement terminologique des langues africaines [...]” (GAUDIN, 2003, p. 15).

³⁰ “[...] la cultura es el conjunto de las experiencias vividas, de las producciones realizadas y de los conocimientos generados por una comunidad humana que vive en un mismo espacio y en una misma época. Esto significa que existe, por una parte, una diversidad de culturas tanto en el espacio como en el tiempo y, por otra parte, hay un grosor de la cultura que permite a las diversas experiencias y diversos conocimientos sedimentares e en los archivos de la memoria colectiva” (DIKI-KIDIRE, 2009, p. 2).

interagir a partir da criação dos termos que circulam em uma determinada cultura, favorecendo, por conseguinte, o surgimento de uma comunicação que pode se manifestar de várias maneiras: gestos, palavras, comportamentos e atitudes.

Na Terminologia Cultural os termos ganham uma dimensão social, sobretudo, por meio da cultura, considerada o pilar dessa abordagem. Nessa vertente, a cultura é entendida a partir de várias dimensões que compreendem o comportamento do homem em seu ambiente social e individual, pela apropriação de seus conhecimentos e saberes, cuja compreensão gera termos específicos, os quais se integram à cultura gerando variedades linguísticas, sinonímias, homonímias e polissemias nos léxicos especializados.

Ao contrário da TGT que se preocupava em padronizar os termos em âmbito internacional, devido ao fato de considerá-los como um objeto estanque, tanto a Socioterminologia quanto a Terminologia Cultural, valorizam os aspectos socioculturais oriundos das diversas manifestações linguísticas.

Com o intuito de ressaltar as divergências entre a TC e a TGT, Diki-kidire (2007) elabora um quadro ilustrativo para elencar as diferentes visões acerca dos trabalhos terminológicos desenvolvidos por essas áreas de estudos. A seguir apresentamos esse quadro proposto pelo autor, de forma resumida, com os principais pontos de vista das abordagens em questão.

Quadro 5: Comparação entre a terminologia clássica com a terminologia cultural

Pontos de comparação	Terminologia clássica	Terminologia cultural
Objetivo principal	A normatização internacional do termo.	Apropriação do saber e das tecnologias.
Lugar da cultura	É excluída do campo da terminologia.	É o centro da abordagem terminológica.
Relações semânticas	Bi-univocidade: estrita entre significante e conceito. Não há sinonímia absoluta.	Integração da polissemia, da sinonímia e da homonímia.

Fonte: Diki-Kidire (2007, p. 15. Tradução nossa).

A partir dessa comparação entre a TGT com a Terminologia Cultural, podemos notar que esta valoriza os saberes gerados pela cultura, cuja apropriação favorece a criação de representações simbólicas geradas a partir dos conhecimentos, considerados “arquivos” adquiridos na relação entre o homem e a sociedade durante sua existência, conforme reitera Diki-Kidire (2009):

Estes arquivos representam tantas referenciais simbólicas comuns a partir das quais os membros de uma mesma comunidade cultural podem entender quando se comunicam entre si. Obviamente, as palavras, os gestos, os comportamentos, as situações, tudo se interpreta de forma mais adequada e se entendem com mais

facilidade quando a gente comporta as mesmas referências simbólicas (DIKI-KIDIRE, 2009, p. 2. Tradução nossa)³¹.

Tais conhecimentos, de acordo com a TC, constituem “a história própria de cada indivíduo ou de cada comunidade que determina a sua cultura particular, em que se funda a diversidade das culturas” (DIKI-KIDIRE, 2007, p. 14)³². Essa característica é responsável pela tradição de cada povo, como é o caso estudado na presente Dissertação. A tradição dos *Parkatêjê* certamente apresenta termos especializados, produzidos por meio dos conhecimentos culturais do pajé, sobretudo, na prática de uso das plantas medicinais.

De acordo com Diki-Kidire (2002), no quadro comparativo entre as vertentes, a terminologia clássica tem como objetivo principal a padronização internacional do termo, enquanto que a TC se preocupa com a apropriação dos conhecimentos e das tecnologias, pois o saber envolve as experiências que se acumulam na memória do indivíduo, tornando-o capaz de armazenar milhares de comparações que possibilitam realizar seleções necessárias para a identificação do novo, do desconhecido. Essas representações simbólicas fazem parte da evolução da história do indivíduo, construída ao longo de sua vida e, por isso, “acumulam na memória coletiva uma gigantesca experiência de conhecimentos acessíveis aos membros da comunidade” (DIKI-KIDIRE, 2002, p. 4)³³. Consequentemente, o contexto cultural, que foi desprezado pela TGT, gera termos especializados.

No que se refere às concepções, destacamos a percepção que é “o ponto de vista particular que permite a uma pessoa (indivíduo ou comunidade) expor seu modo de pensar” (DIKI-KIDIRE, 2007, p. 15)³⁴. Em outras palavras, o termo “percepção” designa as representações simbólicas particulares que representam as manifestações culturais específicas do conhecimento de uma comunidade ou indivíduo.

Para ilustrar esse ponto de vista, no caso da presente pesquisa, exemplificamos com o termo especializado *kaprànkōkōnôre* ‘coração de jabuti’. Ao nomear essa planta, o pajé relaciona o primeiro nome *kapràn* ‘jabuti’, pertencente ao reino animal, ao segundo nome *kōkōnôre* ‘coração’, sendo que este representa uma folha com o formato de coração que ele

³¹ “Estos archivos representan tantas referencias simbólicas comunes a partir de las cuales los miembros de una misma comunidad cultural pueden entenderse cuando comunican entre ellos. Obviamente, las palabras, los gestos, los comportamientos, las situaciones, todo se interpreta de forma más adecuada y se entiende con más facilidad cuando la gente comparte las mismas referencias simbólicas” (DIKI-KIDIRE, 2009, p. 2).

³² “L’histoire propre de chaque individu ou de chaque communauté détermine sa culture particulière, et fonde la diversité des cultures” (DIKI-KIDIRE, 2007, p. 14).

³³ “[...] se acumulan en la memoria colectiva em una gigantesca base de experiencias y conocimientos accesibles a los miembros de la comunidad” (DIKI-KIDIRE, 2002, p. 4).

³⁴ “Le percept est le point de vue particulier qui permet à une personne humaine (individu ou communauté) donnée d’intégrer un concept dans son mode de pensée” (DIKI-KIDIRE, 2007, p. 15).

compara ao coração de jabuti. A denominação desse termo, revela à visão particularizada do pajé, especialista em saúde indígena, de construir a sua representação simbólica por meio da sua percepção de mundo, construída a partir dos aspectos sociais, culturais e históricos em que está inserido

Essa especificidade reflete a identidade cultural de um povo, neste caso, a comunidade indígena *Parkatêjê*, que constrói a sua história e a sua cultura coletivamente por meio da tradição oral. Tal acervo fica registrado na memória de cada indivíduo e, por isso, é repassado a sucessivas gerações. Assim, os termos que circulam no discurso oral, sobretudo, do pajé, são considerados termos culturais, na perspectiva da TC, porque são compreendidos como representações simbólicas originados por meio da cultura de uso das plantas medicinais, as quais reúnem uma variedade de termos especializados produzidos no discurso desse especialista em saúde indígena, considerado como um indivíduo que compõe a formação do saber e da percepção do que é real, pela linguagem adquirida e observada no contexto discursivo de uso .

Diante do exposto acerca dos termos especializados, a partir da perspectiva da Terminologia Cultural, podemos perceber que esta abordagem está voltada para os termos, os quais circulam e se criam no espaço sociocultural. Ao focar o termo oriundo da cultura, a TC engloba a dimensão, a qual envolve as variadas comunicações do homem em seu contexto particularizado, onde reserva um grande saber construído a partir da experiência coletiva de uma comunidade.

Logo, adotamos neste trabalho os princípios da Socioterminologia em consonância com a Terminologia Cultural, devido ser possível estabelecer um diálogo entre essas duas vertentes, a fim de definir uma terminologia no campo dos conhecimentos relacionados aos termos especializados pertencentes ao universo sociocultural das plantas medicinais utilizadas pela Comunidade Indígena *Parkatêjê*.

No próximo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos norteados pela abordagem socioterminológica.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para nortear tais procedimentos na pesquisa de campo deste trabalho, seguimos a abordagem teórica e metodológica da Socioterminologia, como também adotamos os instrumentos e as técnicas utilizadas para a elaboração do glossário dos termos especializados que compõem a terminologia das plantas medicinais usadas pelos *Parkatêjê*, uma vez que este campo de estudo reconhece os aspectos socioculturais presentes nos termos especializados em contexto real de uso.

Na primeira seção, situamos a área pesquisada e o objeto de estudo. Nas seções seguintes, apresentamos o perfil dos colaboradores deste trabalho, mostramos o percurso da pesquisa, a qual envolve a entrevista, a coleta, a constituição, o tratamento e a validação do banco de dados, obtidos a partir da coleta de dados. Para a etapa de formação do *corpus* utilizamos o *software* Flex e para elaboração do glossário o programa computacional Lexique Pro. Posteriormente, explicamos como foi realizada a coleta botânica das amostras e a captura das imagens das plantas medicinais, com a finalidade de traçar a taxonomia científica das espécies encontradas. Por fim, explicamos as características e a organização interna do glossário.

4.1 Contexto da pesquisa e delimitação do objeto de investigação

A pesquisa foi realizada na Comunidade Indígena *Parkatêjê*, localizada no km 30 da BR-222 (antiga PA-70), próxima ao município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do estado do Pará, a 30 Km de Marabá.

Tal estudo parte do universo dos termos especializados das plantas medicinais, objeto de investigação desta pesquisa, os quais podem ser identificados por meio da descrição, da análise e do registro da linguagem especializada, produzida a partir dos termos utilizados pelo pajé, especialista em saúde indígena, conforme Athias (2015), que, por meio do seu dom, conhece variadas espécies de plantas medicinais de acordo com seu contexto linguístico, social e cultural.

É importante esclarecer que essa prática tradicional não se configura como uma atividade profissional realizada com fins lucrativos, tendo em vista que os índios usam as plantas medicinais para consumo próprio, com a finalidade de tratar doenças. Neste caso, podemos considerar essa prática como uma atividade sociocultural mantida viva como em tantas outras sociedades por meio da transmissão oral.

4.2 Perfil dos colaboradores da pesquisa

A pesquisa realizada para fazer a coleta de dados, análise, descrição e documentação da terminologia das plantas medicinais usadas pelos *Parkatêjê* precisava ser desenvolvida com os índios considerados especialistas nessa tradição. Para esta etapa, utilizamos como critério principal para a seleção dos colaboradores a participação dos mesmos na produção e uso dos remédios feitos com as plantas medicinais bem como dos conhecimentos que trazem sobre essa tradição.

De posse desse critério, passamos para a realização do trabalho de campo na aldeia *Parkatêjê* do Km 30, e na ocasião, entrevistamos alguns índios que nos indicaram os colaboradores para esta pesquisa em consonância com o perfil solicitado. Posto isto, eles apontaram, o pajé ou curador *Nākôti*, também conhecido como Domingos na língua do *kupê*, nosso principal colaborador, que segundo os índios entrevistados, ele é atualmente o único detentor do local com esse tipo de conhecimento específico acerca da flora com propriedades medicinais. Aliás, somente o pajé pode preparar e administrar os remédios feitos à base de plantas medicinais aos índios de sua comunidade, sendo, por isso considerado um especialista em medicina tradicional *Parkatêjê* (ATHIAS, 2015). Devido a isso, ele conhece variados termos especializados referentes a essa prática sociocultural que se manifesta no seu discurso.

Além do pajé, outros colaboradores foram arrolados para esta pesquisa, tais como o Capitão, que acumulava um vasto conhecimento acerca da história do povo, e mais cinco índios, os quais costumam usar os remédios feitos à base de plantas medicinais produzidos pelo pajé. Em relação a estes colaboradores, levamos em consideração os seus relatos de experiências referentes a essa prática tradicional. Além destes, participaram da pesquisa duas técnicas de enfermagem, uma índia e outra *kupê*. Neste caso, a colaboração dessas agentes de saúde ocorreu devido a necessidade de coletar informações pertinentes ao sistema de saúde presente na aldeia.

Após a seleção dos colaboradores, elaboramos um quadro do perfil de cada um com a finalidade de traçar as informações sociais a fim de entender a dinâmica das relações de conhecimentos estabelecida nessa comunidade transmitida pela tradição oral. Para tanto, contamos com a participação de nove colaboradores: quatro homens com idades entre 45 a 90 anos e cinco mulheres com faixa etária entre 36 a 56 anos. Desses, oito são índios *Parkatêjê* nascidos e criados na aldeia, portanto falam fluentemente a língua tradicional, além do português. Vejamos a seguir o Quadro 6 com o perfil dos colaboradores:

Quadro 6: Perfil dos colaboradores

Colaboradores(as)	Gênero	Faixa etária	Escolaridade
Pajé	M	73	Não informada
Capitão	M	90	Não informada
Agente de Saúde Indígena	F	56	Técnica de enfermagem
Agente de Saúde não-indígena	F	36	Técnica de enfermagem
Relatos de experiência	F	48	Não informada
Relatos de experiência	M	65	Não informada
Relatos de experiência	F	43	Não informada
Relatos de experiência	F	55	Não informada
Relatos de experiência	M	45	Ensino Médio

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Ademais, elaboramos uma ficha (APÊNDICE E) com o propósito de coletar informações referentes aos dados pessoais dos colaboradores, tais como: nome, idade, escolaridade, procedência, filhos, cônjuge e outras informações referentes a(s) língua(s) que fala(m), entre outras. Cabe ressaltar que todos os colaboradores da pesquisa contribuíram com muita disposição para a realização deste trabalho.

4.3 Constituição do *corpus*: técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa

Levando em consideração que uma pesquisa norteada pela abordagem teórico-metodológica proposta pela Socioterminologia deve ser desenvolvida com base nos princípios da Sociolinguística e da Etnografia, empregamos como técnica para coleta de dados orais, a observação e as entrevistas, as quais possibilitam a interação entre pesquisador e colaboradores. Essa aproximação permite entender a realização dos discursos, os quais geram termos especializados, a partir do contexto real de uso (FAULSTICH, 2010a).

Seguindo tais procedimentos, iniciamos a coleta de dados realizada em quatro viagens a campo, somando um total de 80 dias de trabalho em área. A primeira ocorreu no mês de setembro de 2015 e as demais nos meses de janeiro, março e junho de 2016.

Durante a primeira viagem, tivemos a oportunidade de conhecer a Comunidade Indígena *Parkatêjê* que nos acolheu muito bem. Tal contato nos deu a oportunidade de conviver com a língua, a cultura, os costumes e as tradições desse povo. Esse momento de interação foi muito importante, sobretudo para observarmos os comportamentos dos *Parkatêjê* em relação à prática de uso das plantas medicinais. Em seguida, fizemos a exposição dos objetivos do nosso trabalho a fim de esclarecer a intenção e a contribuição da nossa pesquisa para a manutenção da língua junto à comunidade.

Após apresentarmos o projeto à comunidade, pedimos autorização para a realização do presente trabalho por meio de um termo de consentimento (APÊNDICE B), o qual foi entregue ao Capitão (cacique) e aos outros índios que quisessem participar como colaboradores da pesquisa, para que o mesmo fosse lido e assinado. Em algumas situações em que o colaborador não pudesse ler ou assinar o termo de consentimento, pedimos a concessão em vídeo, caso ele desejasse participar da pesquisa. Tal conduta foi realizada no momento das entrevistas.

Por meio desse procedimento tivemos permissão para realizarmos nossa pesquisa, com intuito de coletar: os dados, as imagens, as amostras das plantas medicinais para identificação e classificação taxonômica a serem utilizadas na produção do glossário, com a finalidade de futuras publicações, como forma de salvaguardar todas as questões éticas envolvidas nesse trabalho.

Após a anuência do trabalho, demos início a pesquisa de campo pela qual realizamos várias observações, entre elas, a existência da figura do pajé ou curador da aldeia, considerado um especialista detentor de conhecimentos tradicionais acerca da saúde indígena.

Em seguida, dialogamos com o pajé para explicar a intenção da pesquisa a respeito das plantas medicinais, as quais são de seus conhecimentos e saberes tradicionais. Nesse momento, o convidamos para nos ajudar como colaborador e na ocasião, pedimos a autorização para entrevistá-lo por meio do termo de consentimento (APÊNDICE C). A partir disso, marcamos a primeira entrevista para entendermos a sua prática e seus conhecimentos das espécies de plantas medicinais, os procedimentos utilizados na feitura dos remédios e a linguagem especializada oriunda dos seus saberes socioculturais.

Outra observação constatada nessa comunidade está relacionada ao costume dos índios de não cultivar as plantas medicinais em canteiros ou hortas. O pajé planta algumas espécies na mata e a maioria delas são extraídas de seu habitat natural, neste caso, a floresta nativa da reserva *parkatêjê*, a qual possui uma infinidade de ervas, raízes, cascas, folhas, cipós, entre outros, utilizados na medicina tradicional dessa etnia.

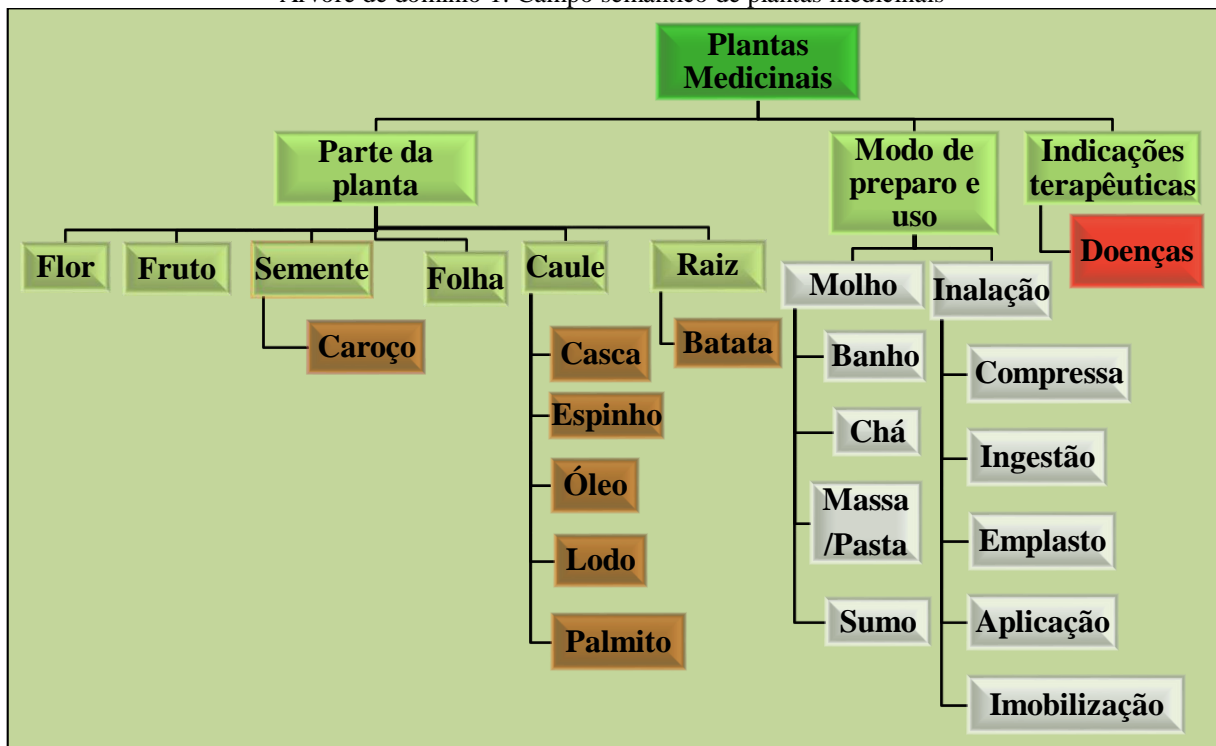
Para utilizar tais plantas, o especialista em saúde indígena adentra a mata para colher as espécies de que precisa para fazer os remédios. Em seguida, partes das plantas são retiradas para fazer o medicamento conforme suas propriedades, as indicações terapêuticas e o modo de usar, os quais devem respeitar as variadas técnicas de saúde.

Com a finalidade de entendermos com mais clareza as etapas acima citadas, da prática tradicional de uso das plantas medicinais utilizadas pelo pajé, produzimos uma árvore de domínio que “é um diagrama hierárquico composto por termo-chave de uma especialidade,

semelhante a um organograma” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 134). Essa produção nos possibilitou compreender cada domínio que compõe o universo das plantas medicinais.

Tal construção da árvore de domínio foi realizada a partir das observações feitas durante as entrevistas com o especialista em saúde, e por este diagrama podemos entender os procedimentos utilizados pelo pajé na extração e identificação das espécies de plantas. A partir disso, delimitamos o campo semântico das plantas medicinais, objeto de nossa investigação. Cabe frisar, que os termos especializados gerados pelo discurso do pajé, compõem o termo entrada do glossário, assim como a seleção de outras informações relevantes para a geração da obra terminográfica. Com base no entendimento do campo semântico principal, outros campos foram constituídos, para melhor compreensão das ações e saberes do pajé. A partir disso, identificamos os procedimentos utilizados para a produção de remédio, são eles: a parte da planta, o modo de preparo e de uso, bem como as indicações terapêuticas, como podemos observar na árvore de domínio 1:

Árvore de domínio 1: Campo semântico de plantas medicinais



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Conforme pode ser visto nessa árvore de domínio, elaborada a partir das entrevistas com o pajé, a organização dos procedimentos realizados por ele durante a coleta das partes das plantas medicinais deve ser específica de acordo com cada tipo de remédio e natureza da doença. Dessa maneira, ele utiliza a flor, a folha, o caule (retira a casca, o espinho, o óleo, o lodo e o palmito), a raiz (batata), a semente (caroço) ou o cipó das espécies de plantas para

produzir diversos tipos de medicações, tais como chá, banho, sumo, pasta, entre outras, que estão destacadas na árvore de domínio.

Tais informações elencadas na árvore de domínio nortearam a elaboração de uma Ficha Terminológica (doravante FT) que “funciona como uma certidão de nascimento” (FAULSTICH, 1995a, p. 4), tendo em vista que as informações obtidas por meio da FT formam a estrutura interna de uma obra terminográfica. Portanto, tem por finalidade a organização de etiquetas e a identificação de cada campo preenchido com informações.

Segundo Krieger e Finatto (2004) a ficha terminológica

[...] pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo, segmentos de texto, onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 136).

Como podemos perceber a FT é importante para a coleta, organização e seleção dos dados que formarão os verbetes terminológicos para a geração de um dicionário ou glossário, haja vista que se configura como um elemento que nos possibilita extrair todas as informações pertinentes ao termo especializado em estudo. Destaca-se que as fichas terminológicas podem ser adequadas de acordo com o contexto da pesquisa, uma vez que cada trabalho apresenta suas especificidades. Para tanto Krieger e Finatto (2004) esclarecem que cada trabalho

[...] pode exigir um tipo distinto de ficha terminológica que, em linhas gerais, alimentará tipos diferentes de verbetes e de dicionários. Desse modo, não se pode imaginar que haja um modelo único de ficha que pudesse atender a todas as especificidades dos diferentes trabalhos (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 136).

À vista disso, a FT adotada para esta pesquisa foi elaborada com base em Faulstich (2010a) e adaptada, a fim de atender às necessidades específicas metodológicas deste trabalho. Desse modo, levamos em consideração a realidade social, cultural e linguística em que os termos especializados das plantas medicinais são produzidos no discurso particularizado do pajé em contexto real de uso.

Apresentamos, a seguir, o Quadro 7 com o modelo de ficha terminológica, aplicada para coleta e registro de dados, durante as entrevistas especialmente com o pajé.

Quadro 7: Modelo de ficha terminológica das plantas medicinais da aldeia *Parkatêjê*

FICHA TERMINOLÓGICA DAS PLANTAS MEDICINAIS EM <i>PARKATÊJÊ</i>							
Nome na língua <i>Parkatêjê</i>	Nome Português	Indicações terapêuticas	Parte da planta usada	Modo de preparo e uso	Contra indicação	Exemplos	Notas antropológicas
<i>Ropxotore</i>	Não conhece	Frieira Coceira no corpo Dor no joelho e na junta (articulação) Dor de cabeça Dor de dente Puxar alma Fraqueza Dor abdominal	Casca	Retire a casca, raspe, pegue a massa, ponha de molho na água até ela ficar amarela. Depois tome três vezes ao dia. Para ferida e coceira no corpo, passe a massa formada da raspa no local. Pode misturar com urucum.	Não há		
<i>Akrýtìtixôkapriki</i>	‘Caju vermelho’	Fraqueza Dor óssea Dor urinária Falta de apetite Constipação intestinal Emagrecer	Casca	Retire a casca, parta ao meio, corte em pedaços e ponha de molho na água durante dois dias, até ela ficar vermelha. Tome quatro vezes ao dia, durante dezesseis dias.	Não há		Só pode retirar a casca da árvore do lado direito, lado que o sol se põe, para doença ir embora. Caso contrário, a doença cresce e a pessoa não fica curada.

Fonte: Elaborada pela autora (2015).

O modelo de FT comporta os seguintes campos referentes ao universo do objeto da pesquisa, os termos especializados das plantas medicinais, a saber:

- **Nome na língua indígena *Parkatêjê***: essa informação foi considerada o termo entrada principal do glossário, pois apresenta maior frequência no *corpus* analisado, tendo em vista configurar-se como o objeto da pesquisa;
- **Nome em Português**: nesse campo buscamos apresentar uma tradução na língua portuguesa dos termos especializados em língua indígena. Entretanto, alguns desses termos oriundos da língua *Parkatêjê* não apresentam equivalência em português. Portanto, em alguns casos, não foi possível indicar a tradução, já que o pajé desconhece a nomenclatura de algumas plantas na língua do *kupê*, porém somente ele conhece tais espécies para fazer os remédios, devido a isso, nomeia os léxicos especializados conforme o seu contexto sociocultural;
- **Indicação terapêutica (para qual doença serve)**: nesse campo, estão relacionadas as doenças que podem ser tratadas pelos remédios feitos à base de plantas medicinais, indicados pelo pajé;
- **Parte da planta usada**: nesse campo, buscamos identificar as partes das plantas medicinais extraídas da mata pelo pajé, com a finalidade de fazer os remédios indicados para cura e tratamento de doenças. Para isso, ele utiliza: flor, folha, caule, semente, raiz. O pajé também usa partes do cipó, espécie de planta, para fazer medicações e torniquetes;
- **Modo de preparo e uso/aplicação**: neste campo, o pajé instrui acerca de como as partes das plantas medicinais devem ser usadas durante o preparo e uso dos remédios para o tratamento de doenças.
- **Contraindicação**: aqui o especialista em saúde indígena alerta sobre os cuidados e limitações quanto ao uso dos remédios feitos à base de plantas medicinais, especialmente para as gestantes nos primeiros meses de gravidez;
- **Exemplos**: São frases na língua indígena, que foram elicitadas no momento da entrevista com o falante da língua com a finalidade de exemplificar os verbetes do glossário;
- **Notas antropológicas**: este campo é destinado às informações referentes ao contexto sociocultural e às peculiaridades dos termos.

É importante frisar que a FT utilizada para coleta de dados referente às plantas medicinais foi impressa para ser usada durante as entrevistas feitas com o pajé. Dessa forma, procuramos anotar todas as informações pertinentes à pesquisa, oriundas da FT, também no caderno de campo. Além disso, todas as entrevistas foram gravadas para garantir o registro dos

dados. Todos os termos coletados a partir da aplicação da FT foram utilizados para a organização dos verbetes do glossário.

As informações extraídas da FT revelam um número significativo de termos especializados presentes língua *Parkatêjê* referentes às plantas medicinais. Em relação ao nome dessas plantas em português, em alguns casos, o pajé não conhece. Devido a isso, foi necessário fazer a taxonomia científica das plantas a fim de identificar cada espécie, bem como o seu nome popular. As informações do nome científico da espécie e da família das plantas medicinais, assim como outros campos, não constam na FT, entretanto, tais informações estão presentes na microestrutura do glossário.

Além da ficha terminológica, produzimos um questionário semiestruturado (APÊNDICE A), contendo 77 perguntas a serem aplicadas posteriormente, por meio de entrevistas tanto ao pajé quanto aos demais colaboradores da pesquisa. O questionário contém perguntas relevantes para a pesquisa, relativas à cultura, ao costume, à tradição, à cosmologia, a relatos de experiência acerca dos usos, tratamento e cura de doenças.

A segunda viagem a campo foi realizada no mês de janeiro de 2016. Nesta ida à aldeia tivemos o objetivo de coletar os dados por meio da ficha terminológica e do questionário semiestruturado elaborado conforme a necessidade e especificidade da pesquisa.

Para registrar a coleta de dados optamos em utilizar uma câmera de vídeo (Sony- HD), com a intenção de documentar todo o contexto social bem como o ambiente onde se deu a realização da coleta dos termos referentes à prática de uso das plantas medicinais, além de documentar a figura do pajé e dos outros participantes da pesquisa. A documentação em material de vídeo soma 40 horas de gravação. Outro recurso complementar ao vídeo foi o registro fotográfico realizado com uma câmera de alta definição para capturar as imagens das plantas medicinais, dos participantes da pesquisa e do pajé fazendo rezas bem como das festas tradicionais.

De posse de todos esses recursos materiais demos início às entrevistas, primeiramente com o pajé. Nesse momento, aplicamos a ficha terminológica com a finalidade de coletar os termos especializados referentes às plantas medicinais. Por meio das entrevistas realizadas nessa viagem, conseguimos coletar 80 termos especializados do objeto de nossa pesquisa, os quais foram tratados e organizados em um banco de dados segundo as informações originadas da FT.

A terceira ida ao campo foi no mês de março de 2016. Nessa viagem, tivemos o cuidado de confirmar os dados coletados anteriormente. Após esse procedimento, aplicamos o questionário por meio de entrevistas com o pajé, com o Capitão, com as profissionais de saúde

e com os demais colaboradores da pesquisa. Na ocasião, conseguimos alguns relatos de uso, tratamento e cura de doenças com as plantas medicinais, além de muitas histórias que envolvem a cultura, a tradição e os costumes do povo.

A quarta viagem ao campo aconteceu no mês de junho de 2016. Nesta ida realizamos outras entrevistas com o pajé por meio da FT e conseguimos obter mais termos especializados referentes às plantas medicinais. Outra informação relevante obtida durante essas entrevistas foi o relato de como o pajé adquiriu o dom de conhecer e fazer remédios à base de plantas medicinais.

Mais uma importante etapa deste estudo realizada nesta viagem, após as entrevistas com o pajé, foi a coleta do material botânico que consiste na captura de imagens, como também a coleta de amostras das plantas medicinais. Para esse fim, fomos à mata em companhia do pajé para fotografar algumas espécies de plantas utilizadas por ele na produção de remédios e para identificação taxonômica conforme as técnicas indicadas pela área da Botânica.

Esse momento de registrar as imagens foi muito difícil, pois as plantas usadas pelo pajé são retiradas do seu habitat natural. Entretanto, o pajé nos orientou e nos conduziu mostrando seu vasto conhecimento acerca da floresta, pois ele sabe exatamente onde localizam-se as espécies de plantas que utiliza para fazer os remédios.

É importante frisar, sobretudo, outras dificuldades encontradas para coletar as amostras das plantas medicinais, tais como: lugares de difícil acesso, localização distantes das espécies na mata, o que impedia a nossa aproximação para fotografar e retirar as amostras. Outro obstáculo, foi a retirada de amostras das árvores de grande porte, como o *Akrýtixôteteti* ‘caju amarelo’ e o *Akrýtixôkapriki* ‘caju vermelho’, pois além de serem espécies muito altas, localizam-se numa área embrenhada na floresta. Ainda assim, ficamos horas andando em busca das amostras até conseguirmos realizar nosso intento.

Com o propósito de discriminar cada amostra de plantas medicinais e para não confundir as espécies com os nomes na língua *Parkatêjê* referidas pelo pajé, utilizamos uma metodologia que consiste na captura da imagem da planta. Dessa forma, as fotos foram identificadas com números escritos com uma caneta piloto em etiquetas confeccionadas em um papel cartão. Cada espécie foi diferenciada conforme era encontrada pelo pajé. Para tal procedimento, fizemos duas imagens, uma com a etiqueta colocada sob a planta e outra sem identificação, sendo que esta última consta no glossário. As Figuras 9 e 10 ilustram o procedimento.

Figura 9: Amostra de planta com etiqueta



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 10: Amostra de planta sem etiqueta



Fonte: Acervo da autora (2016).

Em virtude das dificuldades em registrar as imagens de certas espécies de plantas, nem todos os termos foram ilustrados no glossário, pois nossa pretensão não foi de elaborar um glossário exaustivo devido à peculiaridade da pesquisa.

Para podermos coletar as amostras das plantas medicinais, foram cumpridos os procedimentos legais necessários para salvaguardar o registro e o deslocamento das espécies. Entre eles, fizemos um cadastro no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO)³⁵ (APÊNDICE F) com o propósito de retirar as amostras de plantas medicinais da aldeia, seguindo as orientações éticas que a pesquisa deve ter.

O material botânico foi coletado por nós mediante treinamento e orientações fornecidas por uma especialista da área de Botânica, a Bióloga Mônica Nazaré R. Furtado, doutoranda em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia, pela UFRA/MPEG (Museu Paraense Emílio Goeldi). Tais procedimentos têm a finalidade de preparar, identificar e conservar as amostras das espécies de plantas medicinais coletadas para realizar a identificação e classificação taxonômica.

Para tal fim, utilizamos alguns materiais e técnicas para coleta e conservação das amostras, tais como uma tesoura de poda, folhas de jornais, prensa, sacos plásticos de 60 litros e álcool entre 70° e 90° para conservar as plantas contra os fungos.

³⁵ Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO): é um sistema de autorização de atendimento à distância que permite aos pesquisadores solicitarem autorizações para coleta de material biológico e para a realização de pesquisa em unidades de conservação federais e cavernas. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/sisbio>>. Acesso em 03 de junho de 2016.

A tesoura de poda foi usada para retirar as partes dos vegetais indicadas pelo pajé para a produção dos remédios. Após isso, as amostras foram colocadas em folhas de jornais dobrados ao meio, em seguida prensadas *in loco* e borrifadas com álcool, e posteriormente, depositadas em sacos plásticos para o processo de secagem e conservação. Todas as amostras foram identificadas no momento da coleta com o nome de quem coletou, a data da coleta, o local e a descrição do vegetal.

É importante enfatizar que todas as espécies coletadas como amostras deveriam apresentar caule, folha, flor e/ou fruto para identificação taxonômica. Entretanto, não foi possível atender essas exigências em algumas espécies por causa dos períodos de floração e frutificação que ocorrem em épocas diferentes.

As técnicas de coleta do material botânico seguiram as descritas por Judd et al. (2009). A identificação e classificação taxonômica das plantas medicinais foram realizadas pela especialista em Botânica e por um técnico, do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Portanto, essa etapa da pesquisa é importante para a validação dos dados, pois alguns termos especializados foram denominados pelo pajé somente na língua *Parkatêjê*. Isso foi necessário para obter os nomes científicos e reconhecer os nomes populares, os quais, em alguns casos, o pajé não conhecia o nome em português.

4.4 Banco de dados: organização e tratamento

Conforme explicitado, os dados coletados para a constituição do *corpus* que compõem a organização do banco de dados, foram obtidos por meio da ficha terminológica elaborada a partir do foco da pesquisa. Tal ficha tem como objetivo a coleta dos termos especializados relativos ao universo das plantas medicinais, os quais são produzidos no discurso oral do pajé.

Após a coleta de dados, optamos por fazer sua organização e tratamento utilizando o recurso do *software* FLE³⁶ (*Fieldworks Language Explore* versão 8.2.8). Essa ferramenta nos permitiu organizar todos os dados coletados em arquivos, cuja base foi alimentada por meio de informações referentes ao léxico especializado das plantas medicinais, bem como das imagens dessa flora. Assim, foi possível realizar a seleção dos dados de interesse para a produção do glossário, além de permitir as transcrições grafemáticas.

Esse recurso foi muito importante para a constituição e tratamento dos dados, pois nos viabilizou criar os termos entradas, oriundos do campo semântico das plantas medicinais, além

³⁶ O FLE³⁶ é um programa de distribuição gratuita produzido pela *International Society of Linguistics* (autora, antes conhecida *Summer Institute of Linguistics*). O programa FLE³⁶ pode ser baixado pelo link: <http://fieldworks.sil.org/download/fw-828/>.

de possibilitar a inserção de outros campos específicos do universo da pesquisa, tais como: o nome na língua indígena, nome popular, nome científico, indicação terapêutica, parte da planta usada, modo de preparo e uso, exemplos, notas antropológicas, entre outros, conforme demonstram as Figuras 11 e 12.

Figura 11: Amostra do banco de dados dos termos especializados das plantas medicinais

The screenshot shows the 'Parkatje - FieldWorks Language Explorer' application. The main window is divided into a 'Léxico' (Lexicon) pane on the left and a main workspace. The 'Entradas' (Entries) table in the main workspace lists various terms with their forms and categories. The selected entry, 'Akrôkahÿkatê', is shown in detail in the right-hand pane.

Palavra Encab.	Forma de Lexema	Glossas	Info. Gramatical (Completa)
Akrô	Akrô	Cipó	Nome
Akrôkahã	Akrôkahãk	Cipó branco	Nome
katê	atê		
Akrôkahÿ	Akrôkahÿk	Cipó vermelho	Nome
katê	atê		
Akrôkapr	Akrôkapro	Cipó de sangue	Nome
o			
Akrôkaÿk	Akrôkaÿka		
atê	tê		
Akrôre	Akrôre		Nome
Akrôtôtix	Akrôtôtixô	Caju vermelho	Nome
ôkapriki	kapriki		
Akrôtutix	Akrôtutixô	Caju amarelo	Nome
ôteteti	eteti		Nome
Akrotÿti	Akrotÿti	Casca do caju vermelho	Nome
Atwÿre	Atwÿre	Embaúba	Nome
Awarôral	Awarôral	Caroco de	Nome

Entrada: Akrókahÿkatê *n* Cipó vermelho *hiper.: Akró.*

Forma de Lexema: Par **Akrôkahÿkatê**

Tipo de Morfema: **stem**

Nota: Por Eng

Significado 1: Por Eng **Cipó vermelho**

Definição: Por Eng

Info gramatical: Nome

Nome Científico:

Relações Lexicais: Hiperônimo **Akrô (Cipó)**

Contexto:

Modo de preparo e uso: **Retira o cipó , amarra no local (faz torniquete para a inflamação não espalhar).**

Indicação terapêutica: **Inflamação.**

Parte da planta: **Cipó**

Nome popular:

Detalhes de Info. Gramatical: Informação da Categoria: Nome

Figura 12: Amostra do banco de dados dos termos especializados das plantas medicinais

Palavra Encabeçada	Forma de Lexema	Glossas	Info. Gramatical (Completa)
Akrô	Akrô	Cipó	Nome
Akrôkahãkatê	Akrôkahãk até	Cipó branco	Nome
Akrôkahÿkatê	Akrôkahÿk até	Cipó vermelho	Nome
Akrôkaprô	Akrôkaprô	Cipó de sangue	Nome
Akrôkaykatê	Akrôkayka até	Cipó branco	Nome
Akrôre	Akrôre		Nome
Akrotÿti	Akrotÿti	Casca do caju vermelho	Nome
Akrýtýtixókapríkí	Akrýtýtixókapríkí	Caju vermelho	Nome
Akrýtýtixôteteti	Akrýtýtixôteteti	Caju amarelo	Nome
Atwÿr	Atwÿr	Embatúba	Nome

Akrýtýtixókapríkí n Caju vermelho

Forma de Lexema Par **Akrýtýtixókapríkí**

É Forma Abstrata

Tipo de Morfema **stem**

Ambientes

Nome do Radical

Forma de Citação Par

Formas Complexas

Componentes

Variante de

Pronúncia

Etimologia

Nota Par Eng

Significado Literal Par Eng

Bibliografia Par Eng

Restrições Par Eng

Definição Resumida Par Eng

Referências Cruzadas

De acordo com as figuras 11 e 12, podemos observar os termos especializados que indicam as entradas em língua *Parkatêjê*. Em seguida, as traduções em português e a classe gramatical que o léxico especializado pertence. Além dessas informações, também notamos os outros campos referentes aos termos especializados, tais como a nota antropológica e a ilustração.

A base de dados alimentada nesse programa pode ser constantemente gerenciada e atualizada, ou seja, os dados podem ser excluídos ou inseridos, de acordo com a necessidade e especificidade da pesquisa.

O segundo programa utilizado foi o Lexique Pro³⁷ (versão 3.5) que nos permitiu gerar o glossário da terminologia das plantas medicinais em *Parkatêjê*. Esse software se constitui

³⁷ O Lexique Pro: é um *software* desenvolvido pelo SIL (*Summer Institute of Linguistics*), que permite editar, exibir e distribuir dados lexicais de línguas naturais. É usado para criar bases de dados, gerenciar arquivos e gerar documentos em formato de dicionário para Word ou para Web, conforme a escolha do pesquisador (LIMA; MARTINS, 2014, p. 257). O programa Lexique Pro pode ser baixado gratuitamente pelo site: www.lexiquepro.com/download.

como uma importante ferramenta cujos recursos nos possibilitam editar, exibir e distribuir dados tanto do léxico geral quanto do léxico especializado. Além disso, proporciona a organização e elaboração da macro e da microestrutura do glossário, orientada pela proposta metodológica de Faulstich (2010a).

Tal programa apresenta, entre outras, a função de elaborar obras terminográficas em forma de dicionários e glossários nas versões impressa e eletrônica, pois disponibiliza uma estrutura completa para gerar essas obras, conforme podemos observar na Figura 13, a qual mostra organização em ordem alfabética dos termos que constituem a entrada do glossário, como também as ilustrações selecionadas para a apresentação da obra.

Figura 13: Representação do banco de dados no programa Lexique Pro

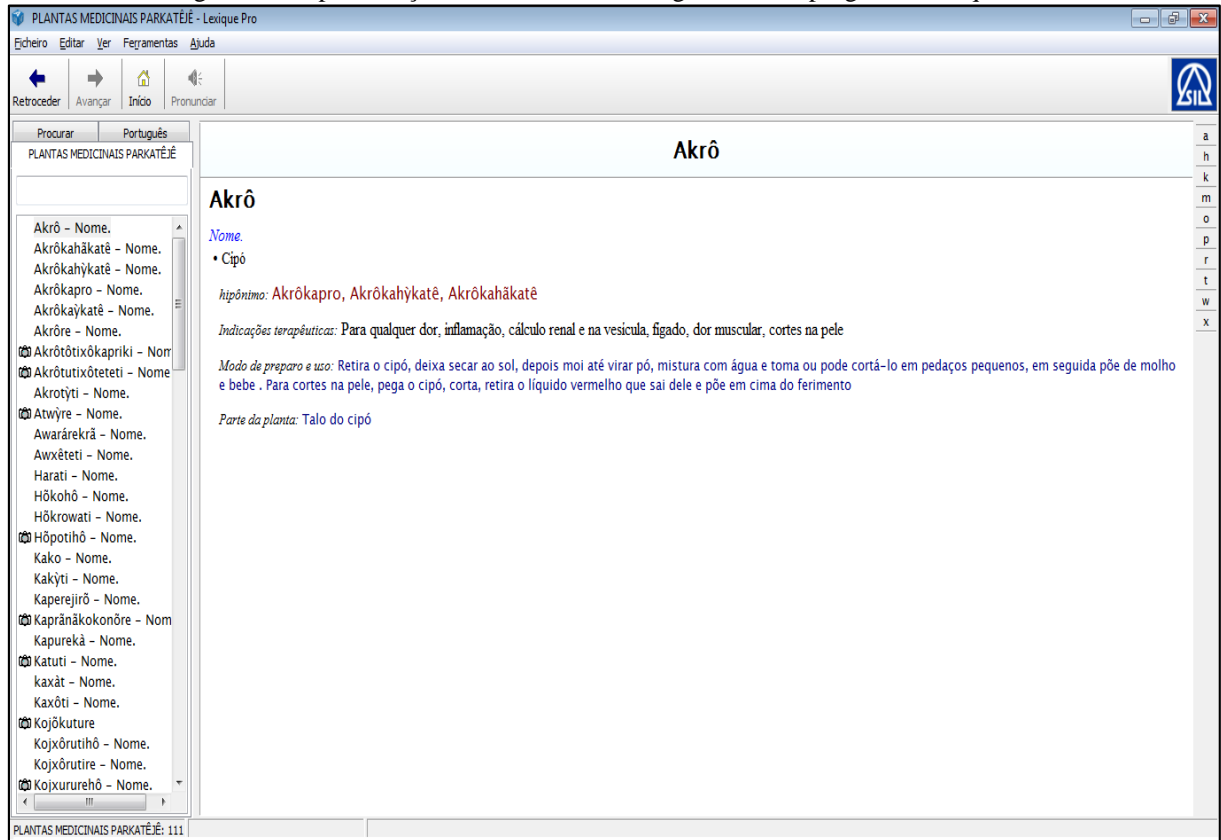


Este *software* permite a geração de documentos em formato *Word* pelo qual podemos formatar o glossário, nesse caso, o próprio programa também realiza essa tarefa. Outro recurso disponibilizado por essa ferramenta é a geração do glossário digital em formato de CD-ROM, além de permitir a inserção de áudio e vídeo para visualização.

Esse programa computacional também possibilita a organização da macroestrutura e da microestrutura, por meio da qual podemos fazer atualizações constantes de acordo com a

necessidade do banco de dados que surgem durante a elaboração e revisão do glossário. A Figura 14 ilustra o banco de dados, à esquerda que, ao mesmo tempo, serve como uma ficha terminológica.

Figura 14: Representação do termo entrada do glossário no programa Lexique Pro



Além das funções citadas anteriormente, podemos observar na Figura 14, a organização do termo entrada, em negrito, na língua *Parkatêjê*, seguido de informações conforme contexto sociocultural. Em relação a esta pesquisa, como delimitamos apenas o campo semântico das plantas medicinais, não geramos a FT utilizando o recurso do programa, pois elaboramos a ficha terminológica, adaptada em consonância à peculiaridade da pesquisa, com o intuito de coletar os dados, referentes aos termos especializados produzidos pelo pajé, para formar o *corpus* dessa investigação.

Para este trabalho optamos fazer a organização e tratamento dos dados no programa FLEx em virtude desta ferramenta se adequar a especificidade da pesquisa. No entanto, cabe esclarecer que o Lexique Pro também oferece muitos recursos que permitem formatar o projeto pretendido de acordo a necessidade da pesquisa.

Após alimentar o banco de dados, foi possível exportá-lo para o Lexique Pro, o qual possibilitou a forma final ao glossário impresso da terminologia das plantas medicinais em

Parkatêjê. A escolha desse material se deve à necessidade de documentar os dados da pesquisa para a produção de um futuro material didático que possa ser aproveitado no âmbito da educação e da saúde indígena *Parkatêjê*.

4.5 Etapa de validação dos dados

A validação dos dados é uma etapa muito importante para o desenvolvimento de um trabalho Terminológico. Como bem explica Faulstich “a validação do repertório terminológico elaborado depende, basicamente, da tríade especialista em terminologia, especialista da área de conhecimento e usuário” (FAULSTICH, 2010a, p. 46).

Seguindo essa orientação, retornamos ao campo com a finalidade de conferir os dados, para tanto entrevistamos novamente os colaboradores, sobretudo, o pajé, a fim de esclarecer as dúvidas quanto às informações coletadas durante a pesquisa de campo.

No que concerne este trabalho, realizado em uma comunidade indígena com poucos falantes da língua, tivemos que confirmar os dados com o nosso principal colaborador, o pajé, considerado pela comunidade como o único especialista em saúde indígena *Parkatêjê*, pelo fato de conhecer a arte de produzir remédios com plantas medicinais. Devido a isso, gera em seu discurso termos especializados por meio de seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória histórica, social e cultural.

Além do pajé, tivemos o privilégio de confirmar os dados com o Capitão, que assim como o pajé, possuía um vasto conhecimento sócio-histórico e cultural de sua língua. Posto isto, conseguimos constatar, acrescentar e refutar algumas informações com intuito de fornecer dados confiáveis na composição do glossário. Após os cuidados com a validação dos dados, apresentamos, a seguir, os procedimentos realizados para a elaboração do glossário.

4.6 Produção do glossário: características e organização

O glossário da terminologia das plantas medicinais é uma obra terminográfica que apresenta uma estrutura constituída por uma macroestrutura responsável pela organização da entradas dos verbetes no glossário e de uma microestrutura que diz respeito à descrição dos verbetes. Para esse tipo de organização de um glossário socioterminológico é importante saber que este produto se diferencia de um dicionário. Para tanto, Faulstich pontua a distinção entre as duas tipologias, sobretudo em relação à “quantidade de termos que um ou outro contém, de acordo com a finalidades de informações do conhecimento terminológico a serem repassados e em conformidade com o público alvo” (FAULSTICH, 2010b, p. 178).

O dicionário, por outro lado, “apresenta a terminologia de uma ou de várias áreas científicas e/ou técnicas, disposta em ordem sistemática ou em ordem alfabética. Um dicionário que apresente a terminologia de uma só área comporta um alto grau de exaustividade” (FAULSTICH, 2010a, p. 58).

Por este ponto de vista, Faulstich (2010a) diferencia um dicionário terminológico de um glossário, justamente pela quantidade de termos que cada obra apresenta. O dicionário compila uma grande quantidade de termos, ao passo que um glossário lista uma quantidade menor (cerca de 200 termos). Portanto, tal distinção entre estas obras terminográficas torna-se relevante, pelo fato de estarmos registrando os termos especializados de uma língua em perigo de extinção. Neste caso, é extremamente importante desenvolver uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, a fim de analisar, descrever e documentar o léxico especializado da língua em estudo.

Partindo desse entendimento, propomos a elaboração de um glossário produzido de forma não exaustiva, pelo fato de contemplar o campo semântico das plantas medicinais que se configura como uma prática de tradicional oral da língua *Parkatêjê*, a qual atualmente é falada por uma minoria da população da comunidade. Ademais, este glossário destina-se, principalmente, aos *Parkatêjê*, cujo objetivo é contribuir para a manutenção e preservação da língua.

No caso desta pesquisa em que adotamos os princípios teórico-metodológicos da Socioterminologia, optamos em elaborar um glossário semibilíngue de caráter semasiológico, em que o especialista conduz o conceito do termo, produzido na linguagem oral, descrevendo-o de acordo com o seu contexto de uso, levando em consideração os aspectos sociais e culturais em que está inserido. Para tanto, segue a organização da estrutura interna do glossário.

4.6.1 Organização da macroestrutura do glossário

Segundo Faulstich, a organização da macroestrutura é a parte que demonstra a composição do glossário. Por isso, deve ser bem pensada e elaborada a fim de facilitar a consulta da obra. Em vista disso, a autora chama atenção para a construção da macroestrutura a qual

corresponde aos textos que explicam ao usuário a composição da obra para fins de facilitação de consulta. Serve também para organizar o macrodiscurso do repertório, por meio do qual se identifica quem elaborou, para quem e com que intenção [...] (FAULSTICH, 2010a, p. 46).

Tendo em vista essa informação, elaboramos a organização da macroestrutura do presente glossário voltada para uma fácil identificação, leitura e compreensão dos termos

especializados pelos consulentes da obra, cujo público-alvo destina-se, principalmente, à comunidade indígena *Parkatêjê*, bem como a científica, acadêmica e outras áreas com interesse nesse tema. Em relação ao público-alvo, Faulstich (2010a) esclarece que é importante conhecer o perfil do usuário para que o produto seja de fato uma ferramenta útil. Devido a isso, optamos por uma linguagem simples que possa ser acessível a todos os consulentes da obra. Assim sendo, a macroestrutura foi elaborada para atender às necessidades e particularidades da pesquisa.

Em consonância a essa orientação, segundo Faulstich (2010a), a organização dos verbetes na macroestrutura do glossário apresenta-se em ordem alfabética, conforme o nome da planta medicinal em *Parkatêjê*. Esses nomes foram escritos de acordo com a ortografia dessa língua proposta por Araújo (2016). Além disso, alguns termos são acompanhados por ilustrações, quando possível, para facilitar o entendimento do verbete. O significado em português aparece ao lado do termo principal, entretanto não segue a ordem alfabética.

4.6.2 Organização da microestrutura do glossário

A microestrutura do glossário representa a parte mais importante de uma obra terminográfica, pois segundo Faulstich, esta organização “corresponde ao verbete pronto” (FAULSTICH (2010a, p. 46). Por isso, apresenta-se flexível para atender às necessidades e especificidades da pesquisa. Essa maleabilidade possibilita aos consulentes da obra uma fácil compreensão no momento da leitura. Com esse propósito Faulstich (2010a, p. 46) propõe um modelo de microestrutura elaborado para servir de base para a construção de glossários e dicionários. O modelo a seguir passou por algumas adaptações:

Verbetes = + entrada + categoria gramatical ± gênero ± sinônimo ± variante ± fonte + definição ± contexto de uso e fonte ± remissiva ± nota ± ilustração.

Partindo desse modelo, nos baseamos para elaborarmos a organização da microestrutura dos verbetes do glossário ora proposto. Para tanto, tivemos que acrescentar mais campos, a fim de fazer adaptações conforme as peculiaridades da pesquisa. Assim, apresentamos a microestrutura adotada para a composição do presente glossário.

Entrada +³⁸ **categoria gramatical** + **nome português** + **definição** ± **remissiva** ± **sinônimo** ± **nota antropológica** ± **exemplo** + **tradução** ± **nome científico** + **indicações terapêuticas** + **modo de preparo e uso** + **nome popular** ± **nota** + **parte da planta** ± **ilustração**.

Por este modelo, apresentamos os critérios usados para o preenchimento dos campos constituintes dos verbetes do glossário:

- **Entrada:** Segundo Faulstich, “a entrada é um signo cuja compreensão dá-se por meio de uma paráfrase que interpreta, no mundo exterior, o que o signo quer dizer” (FAULSTICH, 2014, p. 378). No glossário ora proposto, o termo principal vem escrito em negrito, com letra maiúscula e compreende o nome das plantas medicinais na língua *Parkatêjê*. Ex: *akrô*, *akrôkapro*.
- **Categoria gramatical:** é a classe gramatical a qual pertence o termo (substantivo, adjetivo e verbo). No caso do presente glossário das plantas medicinais ocorre apenas a categorial gramatical dos nomes. De acordo com Ferreira, na língua *Parkatêjê*, os nomes pertencem à subclasse de nomes não-possuíveis, em que “encontram-se elementos relacionados a nomes de pessoas, a nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral” (FERREIRA, 2003, p, 49);
- **Nome português:** indica o nome da planta medicinal em língua indígena traduzido para o português, quando houver. Ex: *akrô* ‘cipó’
- **Definição**³⁹: descreve os conceitos pertinentes aos termos;
- **Remissiva:** É o “sistema de relação de complementariedade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos, termos hipônimos e termos conexos” (FAULSTICH, 2010a, p. 60). Os termos remissivos se relacionam aos termos que representam alguma relação de hierarquia semântica, ou seja, relação de significação identificadas entre o

³⁸ Os campos marcados com “+” são de preenchimento obrigatório. Se no decorrer da pesquisa, os dados referentes a estes campos forem encontrados, deverão ser preenchidos, caso contrário ficarão em branco (FAULSTICH, 2010a, p. 59).

³⁹ O campo definição não foi feito em decorrência do falecimento do chefe indígena *Krôhokrenhûm*, ocorrido no mês de outubro de 2016. Tal fato impossibilitou o andamento da pesquisa, tendo em vista o respeito ao momento de luto da comunidade indígena *Parkatêjê*. Devido a isso, não foi possível retornarmos ao campo para coletarmos as definições junto ao pajé.

termo entrada e um conceito com o qual também se relaciona. Seu uso não é obrigatório. São indicados pelas abreviaturas (*hiper.*) e (*hip.*) = conferir;

- **Hiperônimo** (*hiper.*): consiste no “termo cujo significado inclui o significado de outros, por isso é também chamado de termo genérico. Num dicionário ou glossário, o hiperônimo é, normalmente, a expressão léxica que indica a definição” (FAULSTICH, 2010b, p. 182). Como exemplo temos: *akrô* ‘cipó’;

- **Hipônimo** (*hip.*): “termo cujo significado representa uma subclasse em relação a um hiperônimo, por isso é também chamado de termo específico (...) que contribui na constituição do conteúdo da definição” (FAULSTICH, 2010b, p. 182). As seguintes entradas são hipônimos da entrada *akrô* ‘cipó’, *akrôkahãkatê* ‘cipó branco’, *akrôkahÿkatê* ‘cipó vermelho’, *akrôkapro* ‘cipó de sangue’.

- **Sinônimo:** Para Faulstich (2010a) a “sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos do termo de entrada” (FAULSTICH, 2010a, p. 38). Exemplo: *kaprànkôkônôre* e *tepiôkran* ‘coração de jabuti’;
- **Nota antropológica:** são informações concernentes à realidade social e cultural em que os termos são utilizados;
- **Exemplo**⁴⁰: São frases na língua indígena que foram elicitadas no momento da entrevista com o falante da língua, cuja finalidade é de exemplificar o glossário;
- **Tradução:** São as interpretações da língua *Parkatêjê* para o português;
- **Nome científico:** nome dado às plantas de acordo com a espécie e família a qual pertencem;
- **Indicação terapêutica:** para qual doença serve, trata;
- **Modo de preparo e uso:** instruções de como se deve preparar e usar os remédios feitos à base de plantas medicinais;
- **Nome popular:** é o nome comum pelo qual a planta é conhecida por todos, no entanto, pode variar de uma região para outra;
- **Nota:** é uma informação importante para o entendimento dos termos que não foram inseridos na definição;
- **Parte da planta usada:** partes extraídas da planta para feitura de remédios;
- **Ilustração:** é a imagem capturada para ilustrar o termo entrada. Ressaltamos que nem todos os verbetes são ilustrados, devido às dificuldades de encontrar as amostras de

⁴⁰ O campo exemplo substitui o campo contexto em virtude de estarmos pesquisando uma língua indígena. Cabe ressaltar que não foi possível coletar esses dados em virtude do falecimento do chefe indígena *Krôhôkrenhûm*, conforme foi explicado anteriormente, em nota de rodapé, no campo definição.

plantas. O banco de dados reúne algumas imagens, em formato (.jpg), que acompanham o termo entrada. Todas as imagens utilizadas no glossário foram capturadas durante a realização da pesquisa de campo.

Após essa etapa de organização dos dados para a confecção do glossário apresentamos, no próximo capítulo, a análise e descrição dos termos especializados de plantas medicinais presentes na língua *Parkatêjê*.

5 ANÁLISE MORFOLÓGICA DOS ITENS LEXICAIS RELATIVOS ÀS PLANTAS MEDICINAIS EM *PARKATÊJÊ*

Neste capítulo apresentamos a análise e descrição dos aspectos morfológicos presentes no processo de derivação e composição que formam os nomes das plantas medicinais em *Parkatêjê*. Ao que tudo indica, os nomes relacionados às plantas são não-possuíveis, uma vez que pertencem ao reino vegetal e não podem ser possuídos. Estes descrevem significados por meio de diferentes aspectos relacionados a nomes de animais, formas, tamanho, espessura e são usados com base no contexto sociocultural de uso da língua, conforme os pressupostos da Socioterminologia e da Terminologia Cultural, os quais permitem esse diálogo com a morfologia. Por fim, mostramos como esses itens analisados são tratados no glossário socioterminológico das plantas medicinais. Mas antes de apresentarmos a análise morfológica dos nomes, será feita uma breve apresentação das classes de palavras em *Parkatêjê*.

5.1 Classes de palavras

As classes de palavras levam em conta que “a determinação das classes de palavras constitui-se num meio de operar a descrição da língua fundada exatamente nos critérios oferecidos pela própria língua” (SEKI, 2000, p. 53 *apud* FERREIRA, 2003, p. 45). Com base em tais critérios, Ferreira (2003, p. 45) propõe nove classes de palavras, a saber:

- Os nomes, verbos e advérbios: formam as classes abertas;
- Os pronomes (livres, dependentes, recíprocos, reflexivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos), os descritivos, as posposições, as partículas, as conjunções e as interjeições constituem as classes fechadas.

No caso da presente pesquisa nos detemos à classe dos nomes pelo fato de que todos os termos analisados pertencem a esta.

5.1.1 Nomes na língua *Parkatêjê*

De acordo com Ferreira (2003), os nomes em *Parkatêjê* “codificam uma larga variedade de noções de entidades concretas e abstratas” (FERREIRA, 2003, p. 47). Os nomes pertencem à classe de palavras e distinguem-se por meio de critérios linguísticos de ordem sintática, semântica e morfológica conforme suas características distribucionais e estruturais, sendo esta última descrita pela autora.

Do ponto de vista sintático, os nomes ocupam a posição de núcleo de uma locução ou sintagma nominal, ocorrendo como sujeito, objeto de verbos e de posposições; e como

predicados das orações não-verbais. Além disso, podem ser modificados por meio de descritivos⁴¹, quantificadores, demonstrativos e outros (FERREIRA, 2003, p. 47).

Sob o enfoque semântico os nomes apresentam-se em duas classes distintas. Nesta categoria os nomes se distribuem em conformidade com sua natureza semântica. Desta forma, em termos de posse, se distinguem em nomes possuíveis e não possuíveis. Essa distinção de ordem semântica se correlaciona com os mecanismos de construções sintáticas também distintas.

Os nomes possuíveis se subdividem em alienavelmente possuídos e em inalienavelmente possuídos. Os primeiros agregam objetos da cultura material. Os segundos indicam termos de parentesco e partes do corpo ou de um todo. Já os não possuíveis referem-se a elementos relacionados a nomes próprios, a nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral. Assim os nomes de plantas medicinais presentes na língua recaem a esta classe.

Cabe ressaltar que uma das características dos nomes na língua *Parkatêjê* é que o gênero dessas palavras não é marcado morfologicamente, ou seja, não sofre flexão em relação ao gênero, cuja indicação lexical se dá por meio dos termos homem/macho ou mulher/fêmea conforme as circunstâncias. Segundo a referida autora, outra característica dos nomes é que eles são marcados pela categoria. Além destas, as raízes nominais podem ser derivadas pelo acréscimo de morfemas de outras classes, tais como a dos verbos, a dos pronomes reflexivos e a dos sufixos nominalizadores indicados por *-xá* em verbos e *-katê* em nomes e verbos (FERREIRA, 2003).

Além disso, Ferreira (2003) afirma que “os nomes ligam-se a outros nomes por meio de uma locução genitiva, a qual é constituída fundamentalmente de dois nomes: o núcleo (o nome possuído) e o modificador (o nome possuidor)” (FERREIRA, 2003, p. 48).

Como podemos notar, o processo de nomeação dos itens lexicais apresenta em sua formação aspectos socioculturais que são atribuídos aos nomes de maneira geral. Tais aspectos evidenciados nos nomes da língua *Parkatêjê*, sobretudo no processo de nomeação das plantas medicinais, convergem com os postulados da Socioterminologia e da Terminologia Cultural, pelo fato de essas abordagens levarem em consideração os aspectos socioculturais encontrados nos termos especializados. Devido à valorização dos aspectos funcionais da língua, essas vertentes possibilitam interfaces com outros campos, favorecendo, desta forma, analisar e descrever a língua a partir dos aspectos morfológicos, os quais veremos com mais detalhes a seguir.

⁴¹ Segundo Ferreira (2003) “Araújo trata o que chamamos descritivos como adjetivos descritivos” (FERREIRA, 2003, p. 58).

5.2 Aspectos morfológicos: derivação e composição lexical

Do ponto de vista de Araújo “o processo de derivação é basicamente sufixal, e a composição, largamente utilizada, tem caráter seja denotativo, seja figurado. A nomeação de itens de aquisição cultural é feita seja pela adaptação fonética, seja por palavras vernáculas, em processo figurativo” (ARAÚJO, 2016, p.10).

Além disso, os nomes na língua *Parkatêjê*, de modo geral, ocorrem com os sufixos derivacionais *-re* e *-ti*. Neste caso, *-re* indica tamanho pequeno (diminutivo) e o *-ti* designa grande (aumentativo); em alguns casos, o sufixo *-re* pode designar ‘magro’; ‘fino’ e *-ti* pode indicar ‘gordo’; ‘grosso’, segundo o contexto de uso (FERREIRA, 2003, p. 57).

Para Araújo (2016), a designação de tamanho marca os nomes, os adjetivos e os verbos descritivos. Ainda para esta autora, “tamanho é aplicado a nomes e tanto indica simplesmente o volume, intensidade ou relação cronológica, como forma derivados e tem função adjetivadora de bases nominais” (ARAÚJO, 2016, p. 10). Os exemplos 1 e 2 descritos, indicam essa ocorrência.

(1) *hêre* – ‘aranha pequena’

hêti – ‘aranha grande’

(2) *anã* – ‘mãe (de outro)’

anãti – ‘tia materna mais velha do que a mãe’

anãre – ‘tia materna mais nova do que a mãe’

Segundo Ferreira (2003) os sufixos derivacionais *-re* e *-ti* podem ocorrer com verbos, no entanto, em tal situação não se referem a tamanho, mas apontam intensidade ou fazem menção a características físicas do sujeito ou do objeto. Por outro lado, o significado dos nomes compostos, sob o ponto de vista semântico, é depreendido a partir dos itens lexicais que os compõem.

Por essas características, observamos que, em alguns casos, os nomes das plantas medicinais são formados pela junção do nome com os sufixos derivacionais *-re* e *-ti* conforme os exemplos 3 e 4:

(3) **nome + -re**

ômjire = ‘espinho pequeno’

kûmxêre = ‘bacuri, pacuri pequeno’

(4) **nome + -ti**

<i>ômjiti</i>	=	‘espinho grande’
<i>hawxêteteti</i>	=	‘tatu-canastra grande’
<i>kũmxêti</i>	=	‘bacuri grande’
<i>akrÿtÿtixôteteti</i>	=	‘caju amarelo grande’

A língua *Parkatêjê*, sob a perspectiva de Araújo (1977), possui inúmeros compostos formados por raízes simples a partir de itens lexicais que podem ser de mesma ou de diferentes classes de palavras. Partindo dessa constatação, Ferreira (2003) propõe em seus estudos, uma análise acerca dos aspectos distribucionais e estruturais de outras classes de palavras da referida língua pela combinação de palavras, as quais se juntam por meio dessa composição. Para tanto, elenca dois critérios a saber: um sob o ponto de vista da semântica e outro relacionado ao padrão acentual.

- O primeiro leva em consideração o significado do nome composto que não se reduz à soma dos itens lexicais que o compõe;
- O segundo pontua para os nomes compostos um padrão acentual típico de raízes simples, ou seja, embora os itens lexicais individualmente tenham acento, em composição, um destes torna-se secundário.

A partir desses critérios, Ferreira (2003, p. 58) apresenta alguns esquemas para a estrutura interna dos nomes compostos:

(5) **nome + nome** = que ocorre como uma construção genitiva.

<i>parkre</i>	‘canoa’	<i>lit.</i>	‘pau com buraco’
<i>par</i>	‘pau’	+	<i>kre</i> ‘buraco’

(6) **nome + descritivo** = que ocorre à semelhança de um sintagma nominal.

<i>konkrire</i>	‘lagoa’	<i>lit.</i>	‘água pequena’
<i>ko</i>	‘água’	+	<i>nkrire</i> ‘pequena’

Além desta formação de nomes, as plantas medicinais na língua *Parkatêjê* podem se constituir a partir da composição de dois nomes, conforme os exemplos 7, 8 e 9:

(7) **nome + nome**

<i>akrô</i>	+	<i>kaprô</i>	=	<i>akrôkaprô</i>	‘cipó de sangue’
‘cipó’		‘sangue’			

(8) *akrÿtÿtixô* + *kapriki* = *akrÿtÿtixôkapriki* ‘caju vermelho’

‘caju’		‘vermelho’
--------	--	------------

(9) **nome + nome**

kapràn + *kōkōnôre* = *kaprànkōkōnôre* ‘coração de jabuti’
 ‘jabuti’ ‘coração’

No caso do exemplo 7, o segundo nome modifica o primeiro atribuindo-lhe uma característica relacionada ao seu aspecto físico, a cor vermelha, semelhante a cor de sangue (*kaprô*).

Em relação ao exemplo 8, o primeiro nome se junta ao segundo para formar um nome composto, cujo significado relaciona o fruto à cor vermelha do caule da árvore, ilustrado no verbete do glossário *akrytytixôkapriki* ‘caju vermelho’.

A língua apresenta um fenômeno em que a última vogal de uma dada raiz tem alguns de seus traços fonéticos copiados para a última sílaba, em casos como este apresentado no exemplo 9. A combinação de *kapràn* + *kōkōnôre* engatilha o surgimento de uma vogal breve, que se intercala entre o **n** final de *kapràn* e o início da palavra *kōkōnôre*. Há, portanto, uma ressilabificação que de acordo com Silva (2011, p. 195) indica a “mudança de um segmento de uma sílaba para outra. Ocorre muitas vezes como consequência de um fenômeno fonológico específico” como este que ocorre.

Além deste fenômeno, podemos notar que o primeiro nome pertence ao reino animal e se junta ao segundo nome que indica ‘coração’ para designar um nome formado pela composição de duas raízes simples, sendo que este nome está relacionado ao formato da folha da planta, ilustrada no verbete do glossário *kaprànkōkōnôre*, semelhante a um coração.

Por esses exemplos, podemos dizer que tais nomes são formados pelo processo de composição que reflete a percepção do falante de como as plantas categorizam o mundo ao seu redor, levando em consideração as características físicas para nomear as plantas medicinais a partir do seu contexto sociocultural de uso da língua, conforme os postulados da Socioterminologia e da Terminologia Cultural. Esses aspectos também são evidenciados nas raízes nominais que formam os termos de classe, apresentados a seguir.

5.3 Termos de classe na formação dos nomes de plantas medicinais em *Parkatêjê*

Como já foi salientado, os nomes em *Parkatêjê* são formados em sua grande maioria por raízes simples. Além disso, a língua apresenta um conjunto de termos, que funcionam segundo Ferreira (2003) “[...] como formativos classificatórios e que são constituídos basicamente por uma sílaba” (FERREIRA, 2003, p. 221). Esses nomes “fazem parte de um

grupo semântico, cujos traços comuns podem ser definidos pelas propriedades físicas a que fazem referência” (FERREIRA, 2003, p. 221). Desse modo, a pesquisadora denomina esses formativos de termos de classe.

A autora ressalta que tais termos são restritos a alguns campos lexicais e apresentam como característica um

conjunto de termos, que funcionam como formativos classificatórios e que são constituídos basicamente de uma sílaba. Essas palavras combinam-se com outras raízes nominais, formando compostos do tipo nome específico + nome genérico na língua, que resultam em um nome específico (FERREIRA, 2003, p. 221).

Para Grinevald (2008, p. 59)⁴² “os termos de classe são morfemas classificadores de origem lexical que mostram graus variados de produtividade no léxico de uma língua” sendo facilmente identificados na formação de um nome. Segundo a autora, um dos domínios mais comuns dos termos de classe são as palavras relacionadas às plantas, fato que limita a sua ocorrência.

Com base na concepção acerca dos termos de classes apresentada por Ferreira (2003), podemos inferir que os mesmos “são restritos a poucos campos lexicais” (FERREIRA, 2003, p. 221). Devido a isso não podem ser considerados como classificadores nominais, que para Grinevald (2008, p.61) “eles constituem um sistema gramatical de classificação nominal de alcance intermediário entre os extremos lexicais e morfossintáticos”⁴³, ou seja, estes podem abarcar toda uma classe nominal, independentemente de morfemas, ou de afixos ou de outros elementos de formação.

Outra característica importante assinalada por Ferreira (2003) é que os termos de classe não designam uma “construção sintática do mesmo modo que as construções formadas por classificadores nominais, já que os primeiros são basicamente exemplos de um tipo de composição lexical” (FERREIRA, 2003, p. 221). Os exemplos a seguir apresentados pela autora ilustram os termos de classe na língua *Parkatêjê*.

(10) **ko** ‘indicativo de frutos que dão em cachos’

<i>rōti-ko</i>	‘cocal’
<i>kapere-ko</i>	‘bacabal’
<i>terere-ko</i>	‘açazal’
<i>awara-ko</i>	‘anajazal’

⁴² “Class terms are classifying morphemes of clear lexical origin and show varying degrees of productivity in the lexicon of language” (GRINEVALD, 2008, p. 59. Tradução nossa).

⁴³ “[...] they constitute grammatical systems of nominal classification in the intermediate range between lexical and morphosyntactic extremes [...]” (GRINEVALD, 2008, p. 61. Tradução nossa).

Na afirmação de Amado (2008) os termos de classe “designam nomes genéricos semanticamente baseados em partes de plantas ou do corpo, ou ainda em formas geométricas” (AMADO, 2009, p. 15). Essa ocorrência se dá pela comparação entre as línguas Paraná (DOURADO, 2001), *Apaniekrá* (ALVES, 2004) e *Parkatêjê* (FERREIRA, 2003), pertencentes à família Jê.

No que concerne aos aspectos morfosintáticos, tais termos ocorrem como núcleo do predicado verbal e podem ser incorporados a uma raiz verbal. Além disso, quando ocorrem com outros nomes, os termos atribuem traços semânticos referentes as características físicas identificadas em seu conteúdo nocional.

Na concepção de Ferreira (2003), “os termos de classe constituem uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos com função classificatória em nível lexical” (FERREIRA, 2003, p. 221). Logo, não são classificadores. Com base na análise e descrição, a seguir, organizamos alguns exemplos de termos de classes formados por meio de sufixos derivacionais que compõem o léxico especializado das plantas medicinais da língua *Parkatêjê*. Assim temos:

a) *kà*: designa ‘invólucro’ referindo-se à casca da árvore com aspectos diferentes.

(11) *pàr* + *kà* = *parkà* lit. ‘casca da árvore, casca verde, casca seca’
 ‘pau’ ‘invólucro’

b) *hô*: designa ‘folha’ e ‘objeto esférico’ (ARAÚJO, 2016, p. 73) ou ‘algo que seja arredondado como cabeça, olho’ (FERREIRA, em comunicação pessoal).

(12) *pỳ* + *hô* = *pỳhô* lit. ‘folha do urucum’
 ‘urucum’ ‘folha’

(13) *hōkoro* + *hô* = *hōkorohô* lit. ‘folha da goiaba’
 ‘goiaba’ ‘folha’

(14) *hōpoti* + *hô* = *hōpotihô* lit. ‘folha do mumbaco’
 ‘mumbaco’ ‘folha’

(15) *kokóti* + *hô* = *kokótihô* lit. ‘folha da sapucaia’
 ‘sapucaia’ ‘folha’

(16) *pàr* + *hô* = *pàrhô* *lit.* ‘pau-folha’ (folha em geral)
 ‘pau’ ‘folha’

(17) *Kojxôruti* + *hô* = *Kojxôrutihô* *lit.* ‘mambu folha’ (folha do mambu)
 ‘mambu’ + ‘folha’

(18) *Kunhàki* + *hô* = *Kunhàkihô* *lit.* ‘olho da abóbora’
 ‘abóbora’ ‘olho’

c) *krã*: designa ‘cabeça’ ou algo que seja arredondado como a cabeça (FERREIRA, em comunicação pessoal).

(19) *awaráre* + *krã* = *awarárekrã* ‘najá-cabeça’ *lit.* ‘caroço de najá’
 ‘najá’ ‘cabeça’

d) *jõ*: designa ‘palmito’

(20) *hõpoti* + *jõ* = *hõpotijõ* *lit.* ‘palmito do mumbaco’
 ‘mumbaco’ ‘palmito’

(21) *têrêrê* + *jõ* = *têrêrêjõ* *lit.* ‘palmito do açai’
 ‘açai’ ‘palmito’

(22) *rõti* + *jõ* = *rõtijõ* *lit.* ‘palmito do babaçu’
 ‘babaçu’ ‘palmito’

Por meio desta análise e descrição dos itens lexicais pertencentes aos termos especializados das plantas medicinais, buscamos ampliar as informações da língua *Parkatêjê* no que concerne aos estudos linguísticos realizados em torno dessa língua, sob os aspectos morfológicos identificados nos termos especializados originados a partir do discurso do pajé.

Neste estudo, tratamos especificamente do processo de derivação e composição e dos termos de classe que se formam nessa língua. Tais aspectos contribuíram para a realização deste estudo da língua, cujo resultado revelou um número significativo de nomes compostos de plantas. Alguns nomes são formados, neste caso, pelo uso de sufixos derivacionais como *-re* e *-ti*, gerando novos nomes com significados diferentes que indicam diminutivo e aumentativo, respectivamente. No que se refere a composição formada por duas raízes nominais, notamos que o modificador, representado pelo segundo nome carrega uma carga semântica relacionada

às partes do corpo e ao seu aspecto físico, como podemos notar no nome *akrôkaprô* ‘cipó de sangue’.

Outro aspecto evidenciado foi a formação de nomes por meio do uso de formativos classificatórios, sendo que estes formam os termos de classe, encontrados, em sua maioria, nestes dados, constituídos por uma sílaba que, por sua vez, se combina com outras raízes. Os nomes resultantes dessa combinação, apresentam aspectos semânticos com significados oriundos do contexto sociocultural de uso da língua *Parkatêjê*. Confirmamos a hipótese, portanto, pelos termos especializados identificados nos nomes das plantas medicinais, de que ocorre a presença de termos de classe na língua *Parkatêjê* em consonância com os estudos realizados por Ferreira (2003).

Além do mais, constatamos que alguns nomes apresentam hiperônimos, hipônimos e sinônimos, fato que indica os variados significados de uso da língua, conforme os pressupostos da Socioterminologia.

Todos os dados reunidos, além de permitir a análise e descrição da língua *Parkatêjê*, também possibilitaram a elaboração do glossário das plantas medicinais, cuja organização e o resultado veremos a seguir.

6 APRESENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO

O Glossário Socioterminológico de Plantas Medicinais em *Parkatêjê* é uma obra terminográfica que apresenta 111 entradas, entre as quais alguns foram ilustrados, distribuídas em ordem alfabética conforme o campo semântico referente ao objeto da pesquisa. Essa obra consiste da necessidade de documentar os léxicos especializados produzidos pelo pajé, por meio do seu discurso que emerge da prática de uso de remédios feitos à base de plantas medicinais, cuja tradição oral propicia o surgimento de novos termos, os quais devem ser descritos, analisados e documentados, levando em consideração os aspectos socioculturais.

Apesar da explicação feita anteriormente acerca da organização interna do glossário, apresentamos dois modelos de verbetes contendo a terminologia da planta medicinal *akrô* ‘cipó’ e do *akrytyixôteteti* ‘caju amarelo’, com o objetivo de indicar as informações contidas na estrutura do verbete do glossário.

Nestes exemplos, representados pelas Figuras 15 e 16, as setas indicam a organização e as principais informações dos verbetes na microestrutura do glossário. No caso da Figura 15 destacamos o verbete *akrô* ‘cipó’ com as seguintes informações: termo entrada, referindo-se ao nome da planta medicinal na língua *Parkatêjê*, seguido de sua categoria gramatical, do nome em português, da remissiva, da indicações terapêuticas, do modo de preparo e uso, bem como a parte da planta usada para fazer os remédios.

Figura 15: Ilustração do termo entrada do glossário

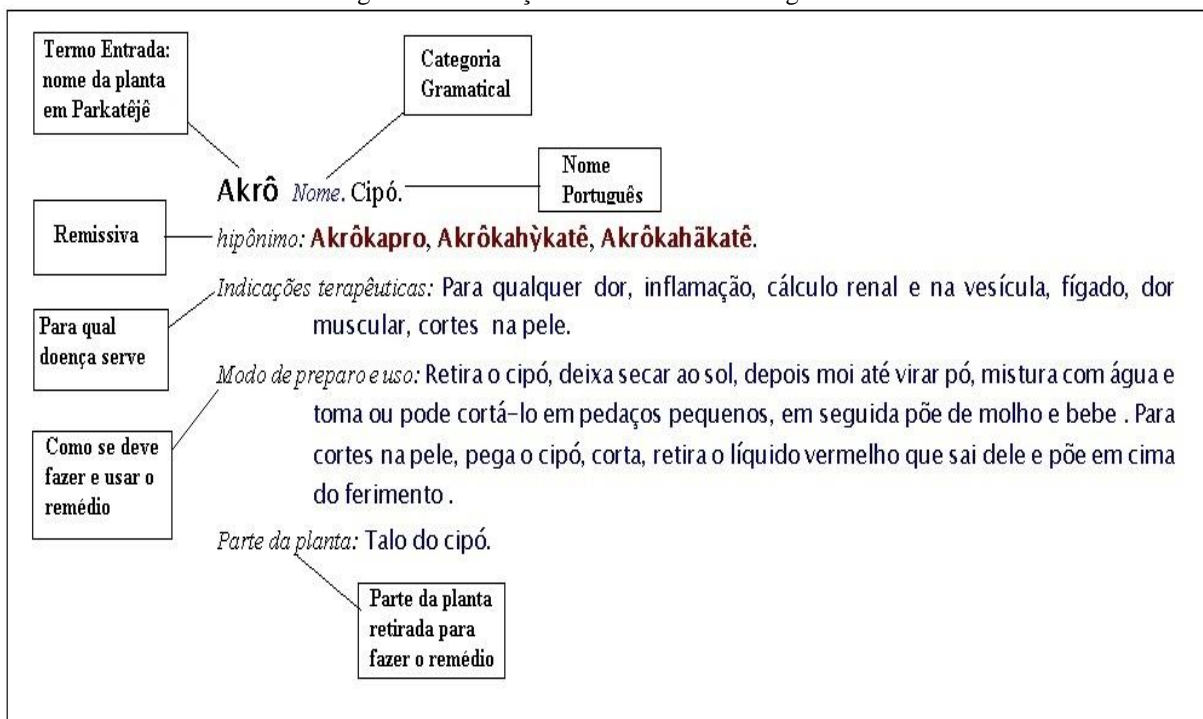
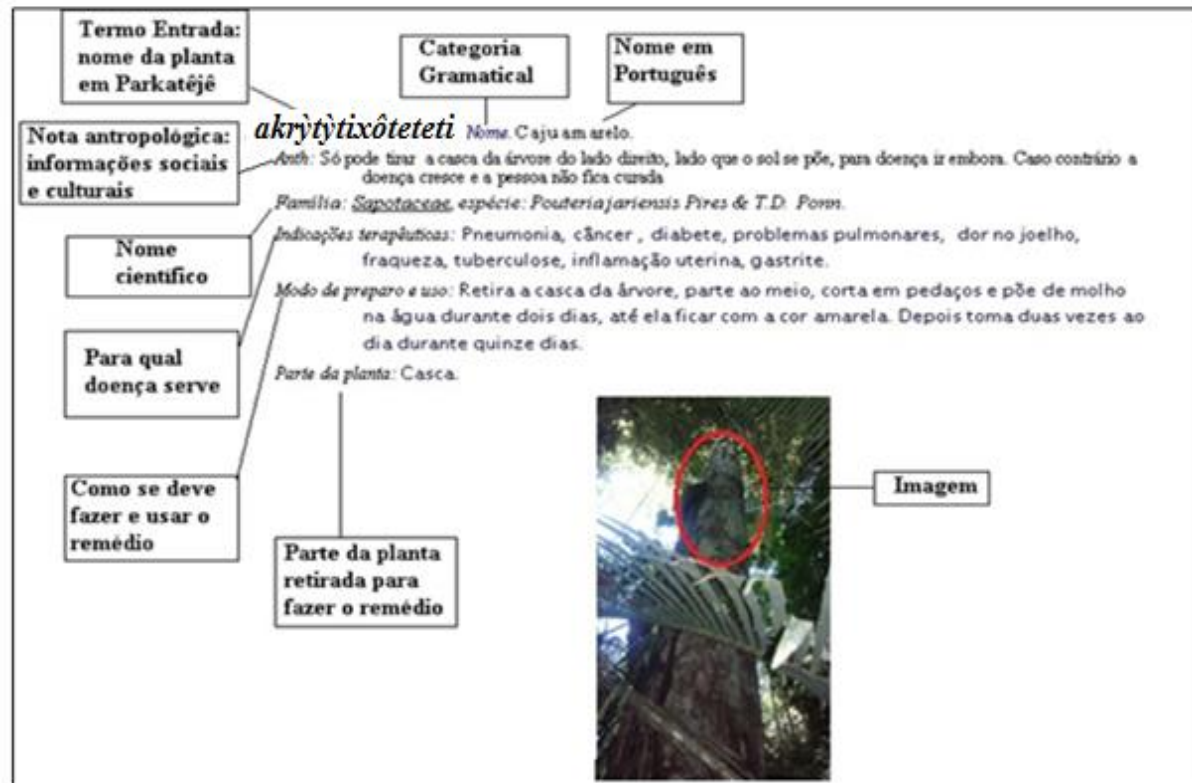


Figura 16: Ilustração do termo entrada do glossário



Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Em relação à Figura 16, esta possui informações referentes ao verbete *akrýtýtixôteteti* ‘caju amarelo’ que não constam na figura anterior, tais como: nota antropológica, nome científico da planta e ilustração que auxiliam na compreensão dos termos.

6.1 Abreviaturas utilizadas no glossário

Para facilitar a compreensão e uso dos verbetes do glossário, criamos as seguintes abreviaturas:

n. – nome (referência gramatical)

- Remissivas

hiper. – hiperônimo

hip. – hipônimo

Sin. – sinônimo

- Campos semânticos

ind. ter. – indicações terapêuticas

mod. prep. uso. – modo de preparo e uso

sin. – sinônimos

not. ant. – nota antropológica

not. – nota

part. plant. – parte da planta

6.2 Ortografia da língua *Parkatêjê*

Com o intuito de facilitar a leitura do termo entrada do glossário, o qual encontra-se na língua *Parkatêjê*, disponibilizamos a sua ortografia para uma melhor compreensão dos verbetes.

SÍMBOLOS

i	[i]	p	[p]
ê	[e]	t	[t]
e	[ɛ]	x	[tʃ]
y	[i]	k	[k]
ỳ	[ə]	h	[ʔ]
à	[ɜ]	h	[h]
a	[a]	m	[m]
u	[u]	n	[n]
ô	[o]	w	[w]
o	[ɔ]	j	[y]

A seguir, apresentamos o glossário socioterminológico das plantas medicinais em sua versão impressa:

Lexique Pro

GLOSSÁRIO SOCIOTERMINOLÓGICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM *PARKATÊJÊ*



PLANTAS MEDICINAIS PARKATÊJÊ



A - a

Akrô *n.* Cipó. *hip.:* **Akrôkapro**, **Akrôkahÿkatê**, **Akrôkahãkatê**.

Ind. ter.: Para qualquer dor, inflamação, cálculo renal e vesícula, fígado, dor muscular, cortes na pele.

Mod. prep.uso.: Retire o cipó, deixe secar ao sol, depois triture até virar pó. Em seguida, misture com água e tome. Também, pode cortá-lo em pedaços pequenos, em seguida ponha de molho e beba. Para cortes na pele, pegue o cipó, corte, retire o líquido vermelho que sai dele e ponha em cima do ferimento.

Part. plant.: Talo do cipó.

Akrôkahãkatê *n.* Cipó branco.

hiper.: **Akrô**;

sin.: **Akrôkaÿkatê**.

Ind. ter.: Falta de apetite, picada de cobra.

Mod. prep.uso.: Para fraqueza, corte o cipó, retire a água dele e tome. Para picada de cobra corte um pedaço grande de embira para amarrar acima do local da picada para o veneno não subir (faz torniquete).

Not.: Embira é o nome de uma fibra que é extraída da entrecasca de algumas árvores ou arbustos da fam. das tmeleáceas, esp. do gên. *Daphnopsis* e *Funifera*. São usadas para a confecção de barbantes ou de cordas para amarrar alguma coisa.

Part. plant: Cipó.

Akrôkahÿkatê *n.* Cipó vermelho.

hiper.: **Akrô**.

Ind. ter.: Inflamação.

Mod. prep.uso.: Retire o cipó, amarre no local (faz torniquete para a inflamação não espalhar).

Part. plant.: Cipó.

Akrôkaprô *n.* Cipó de sangue.

hiper.: **Akrô**.

Ind. ter.: Estancar sangramento, cicatrizar cortes grandes na pele.

Mod. prep.uso.: Corte o cipó e deixe escorrer o líquido (vermelho como sangue) que sai dele. Em seguida, misture com água e passe no local.

Part. plant.: Cipó.

Akrôkaÿkatê *n.* Cipó branco.

sin.: **Akrôkahãkatê**.

Akrôre *n.* *Família:* *Phyllanthaceae*,
espécie: *Phyllanthus niruri* L.

Ind. ter: Calmante para criança.

Mod. prep.uso: Retire a folha da planta, ponha para ferver, faça o banho e tome.

Part. plant.: Folha.



Akrôre

Akrýtýtixôkapriki

Akrýtýtixôkapriki *n.* Caju vermelho.

Not. ant.: Só pode tirar a casca da árvore do lado direito, lado que o sol se põe, para doença ir embora. Caso contrário, a doença cresce e a pessoa não fica curada.

Ind. ter.: Fraqueza, dor no osso, dor de urina (infecção urinária), falta de apetite, prisão de ventre (constipação intestinal), emagrecer.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, parta ao meio, corte em pedaços e ponha de molho na água durante dois dias, até ela ficar vermelha. Tome quatro vezes ao dia durante dezesseis dias.

Part. plant.: Casca.



Akrotýti

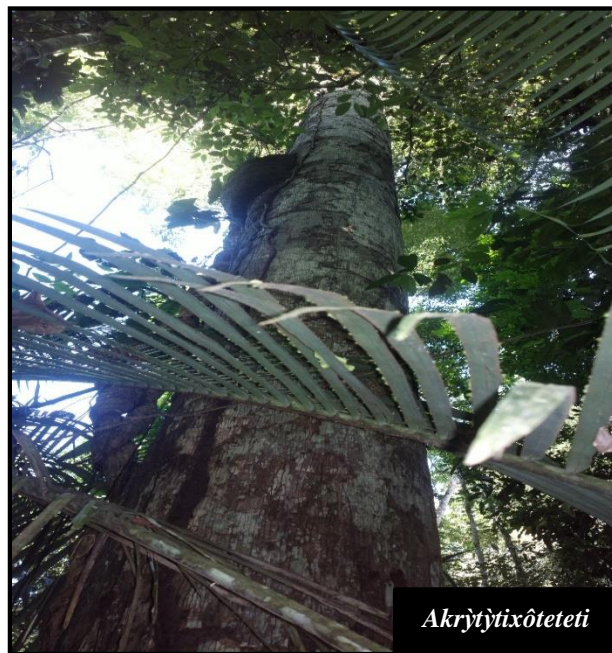
Akrýtýtixôteteti *n.* Caju amarelo. *Família:* *Sapotaceae*, *espécie:* *Pouteria jariensis* Pires & T.D. Ponn.

Not. ant.: Só pode tirar a casca da árvore do lado direito, lado que o sol se põe, para doença ir embora. Caso contrário, a doença cresce e a pessoa não fica curada.

Ind. ter.: Pneumonia, câncer, diabete, problemas pulmonares, dor no joelho, fraqueza, tuberculose, inflamação uterina, gastrite.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, parta ao meio, corte em pedaços pequenos e ponha de molho na água durante dois dias, até ela ficar com a cor amarela. Depois tome duas vezes ao dia durante quinze dias.

Part. plant.: Casca.



Akrotýti *n.* Casca do caju vermelho.

Not. ant.: Retirar a casca do cajueiro do lado que o sol se põe, para doença ir embora. Caso contrário, a doença cresce e a pessoa não fica curada.

Ind. ter.: Catapora.

Mod. Prep.uso.: Retire a casca do cajueiro e junte com a casca da mangueira, misture com água e ferva para fazer o banho. Tome o banho pela manhã durante sete dias para a doença sair.

Part. plant.: Casca.

Atwÿr *n.* Embaúba. *Família:* Urticaceae,
espécie: *Cecropia Pachystachya*.

Ind. ter.: Magreza, fraqueza, fortalecer mulher grávida, dor de menstruação (dor de cólica) e de urina.

Mod. prep.uso.: Retire a raiz ou o galho, corte e tome a água que sai dela.

Part. plant.: Raiz.



H - h

Harati *n.* Cipó de fogo.

Ind. ter.: Fraqueza, falta de apetite, insônia.

Mod. prep.uso.: Retire o cipó, corte ao meio para retirar a água que sai dele e tome.

Part. plant.: Cipó.

Hawxêtêti *n.* Tatu-canastra grande.

Ind. ter.: Insônia, cansaço.

Mod. prep.uso.: Retire a casca, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Casca.

Hõkohô *n.* Folha da goiaba.

Ind. ter.: Diarreia, vômito.

Not: Dar somente para crianças.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da goiabeira, faça o chá e tome.

Part. plant.: Folha.

Hõkrowati *n.* Mamui.

Ind. ter.: Dor abdominal.

Mod. prep.uso.: Retire o miolo do fruto e coma.

Part. plant.: Fruto.

Awarárekrã *n.* Carço de najá.

Ind. ter.: Corte na pele, cicatrizante.

Mod. prep.uso.: Retire o carço do fruto, esquente e passe no corte.

Part. plant.: Semente.

Hõpotihô *n.* Mumbaco. *Família:* Arecaceae,
espécie: *Astrocaryum gynacanthum* Mart .

Sin.: **Rõpotijõ.**

Ind.ter.: Diarreia, sangramento bucal, dor de urina (infecção urinária), emagrecer.

Mod. prep.uso: Retire a folha da planta, ponha para ferver e tome o chá. Para emagrecer, retire o palmito, torre e coma. Ou também pode socá-lo até virar pó, em seguida misture com água e tome.

Part. plant.: Folha, caule (extrai o palmito).



K – k

Kako *n.* Copaiaba.

sin.: **mporÿtykre.**

Kakÿti *n.* Pavão.

Ind. ter.: Acalmar a tristeza (depressão).

Mod. prep.uso.: Retire a raiz, ponha para ferver, e tome o chá.

Part. plant.: Raiz.

Kapêrejirô *n.* Planta da bacaba.

Ind. ter.: Terçol no olho.

Mod. prep.uso.: Retire o olho verde da planta e passe em cima do terçol.

Part. plant.: Olho verde da planta.

Kaprânkôkônôre *n.* Coração de jabuti.

sin.: **Tepiôkran.**

Ind. ter.: Diabete, coração, pressão alta, câncer.

Mod. prep.uso.: Retire a batata da planta, corte em pedaços pequenos, ponha de molho. Em seguida, tome quatro vezes ao dia durante quatro dias.

Part. plant.: Batata.



Kapurekà *n.* Tamboré.

Not.ant.: Só pode tirar a casca da árvore do lado direito, lado que o sol se põe, para doença ir embora. Caso contrário, a doença cresce e a pessoa não fica curada.

Ind. ter.: Pé inchado de mulher grávida.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da planta, ponha para ferver e beba o chá.

Part. plant.: Casca.

Katuti *n.* Batata braba. *Família:* *Menispermaceae*, *espécie:* *Cissampelos glaberrima* A. St.-Hil.

Ind. ter.: Coração.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Folha.



kaxât *n.* Algodão.

Ind. ter.: Dor de cabeça (cefaleia).

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para queimar e abafe com algum objeto para não sair a fumaça. Em seguida, coloque a cabeça para receber a fumaça.

Part. plant.: Folha.

Kaxôti *n.* Gerano.

Ind. ter.: Cefaleia (dor de cabeça), vista cansada, dor no corpo, muscular e abdominal, nascida, inflamação.

Mod. prep.uso.: Faça o chá da planta e tome. Para cefaleia (dor de cabeça) e dor abdominal, amarre o ramo na cabeça e na cintura .

Part. plant.: Ramo (planta interia).

Kojökutire *n.* Batata do mato.

Ind. ter.: Dor na panturrilha (batata da perna), muscular, espasmo muscular (cãibra), ferida na boca, catapora, sarampo.

Mod. prep.uso.: Pegue a batata de qualquer planta, descasque, corte bem miudinho, bata no pilão os pedaços, ponha de molho e tome durante sete dias, apenas uma vez ao dia.

Part. plant.: Raiz (batata).



Koiökutire

Kojxôrutihô *n.* Mambu brabo.

sin.: **Kojxôrutire.**

Ind. ter.: Dor de cabeça (cefaleia), espírito na cabeça (*mêkarô*).

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, passe na testa, pescoço e nuca.

Part. plant.: Folha.

Kojxôrutire *n.* Mambu brabo.

sin.: **Kojxôrutihô.**

Kojxururehô *n.* Tajá de cobra. *Família:* *Costaceae*, *espécie:* *Costus arabicus* L.

Ind. ter.: Fraqueza, dor de cabeça (cefaleia), espírito na cabeça (*mêkarô*), expulsar a companheira da mulher (placenta) após o parto.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para ferver e tome o chá. Para expulsar a companheira (placenta), retire o talo, corte em pedaços pequenos, faça o chá e tome logo após o nascimento da criança.

Part. plant.: Folha, talo.



Kojxururehô

Kokóti *n.* Folha da Sapucaia.

Ind. ter.: Ferida, doenças e coceira na pele.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, amasse e misture na água para fazer o banho. Tome o banho uma vez ao dia.

Part. plant.: Folha.

Kõtore *n.* Quebra-pedra.

Ind. ter.: Fígado, pedra no rim.

Mod. prep.uso.: Faça o chá da planta inteira e tome.

Part. plant.: Folha.



Kõtore

Kotuti *n.* Raiz.

Ind. ter.: Diarreia, dor abdominal.

Mod. prep.uso.: Corte a raiz em pedaços pequenos e passe na barriga.

Part. plant.: Raiz (batata).

Krêkyti *n.*

Ind. ter.: Malária.

Mod. prep.uso.: Retire as folhas da planta, corte em pedaços, coloque-as cortadas em cima de um pano ou uma folha grande e deite em cima delas.

Part. plant.: Folha.

Kuhÿti *n.* Pau amarelo.

Ind. ter.: Dor de coluna, óssea e no corpo.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Casca.

Kuire *n.* Tipo de madeira.

Ind. ter.: Fratura, contusão, lesão, hematoma, coagulação do sangue “sangue pisado, roxo”.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, corte em pedaços pequenos e coloque no local.

Part. plant.: Casca.

Kukrÿtÿjõrÿ *n.* Mucupa.

Ind. ter.: Fraqueza (corpo triste), anemia.

Mod. prep.uso.: Retire a fruta da planta e coma.

Part. plant.: Fruta.

Kukÿre *n.* Pavão.

Ind. ter.: Fraqueza, tonteira, limpa o sangue e a urina.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da planta, coloque de molho beba o chá.

Part. plant.: Casca.

Kunhàkihô *n.* Olho de abóbora.

Ind. ter.: Doenças e feridas na pele.

Mod. prep.uso.: Retire o olho da abóbora, soque no pilão, em seguida ponha para ferver, depois misture com a vassourinha fervida para fazer o banho. Tome o banho uma vez ao dia.

Part. plant.: Fruto (olho do fruto).

Kūmxêre *n.* Bacuri, pacuri pequeno.

Ind. ter.: Iripela, coceira na pele, infecção urinária (dor de urina), falta de apetite, inflamação, anemia, insônia, dor abdominal, dor de cabeça (cefaleia).

Mod. prep.uso.: Retire a casca, corte em pedaços pequenos. Em seguida, esprema até sair o sumo. Pegue o sumo e passe na irripela ou na coceira da pele. Para as outras doenças, ponha a casca de molho ou faça o chá fervido e tome.

Part. plant.: Casca.

Kūmxêti *n.* Bacuri grande.

Ind. ter.: Tonteira, insônia, dor muscular e no joelho.

Mod. prep.uso.: Para tonteira e insônia faça o chá fervido da casca e tome. Para dor muscular e no joelho, ponha a casca de molho e beba.

Part. plant.: Casca.

Kutekti *n.* Flor do cipó de fogo.

Ind. ter.: Fraqueza, falta de apetite, insônia.

Mod. prep.uso.: Retire a flor do cipó, ponha de molho e beba.

Part. plant.: Flor.

Kuwê *n.* Ipê.

Ind. ter.: Coração, hipertensão, pneumonia, câncer.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Casca.

Kÿré *n.* Cedro. *Sin.:* **Kÿrek.****Kÿrek** *n.* Cedro.

sin.: **Kÿré.**

Ind. ter.: Dor lombar.

Mod. prep.uso.: Tire a casca, amarre com a embira no local da dor para fixar.

Part. plant.: Casca.

M – m

mēparēkrã *n.*

Ind. ter.: Dor de cabeça (cefaleia), batida na cabeça (inchaço, galo), dor abdominal, dor de coluna.

Mod. prep.uso.: Retire da planta uma folha grande e amarre ou coloque na cabeça, testa, fonte e nuca.

Part. plant.: Folha.

mpohêkâtÿkre *n.* Barba de paca.

Ind. ter.: Dor abdominal, fezes com sangue, falta de apetite.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para ferver e beba o chá ou mastigue para engolir o sumo.

Part. plant.: Folha.

mpohêkunajakare *n.* Tipo de madeira.

Ind. ter.: Sarampo, ferida na cabeça e no corpo.

Mod. prep.uso.: Para tratar o sarampo raspe a casca e em seguida deite em cima dela. Para ferida na cabeça e no corpo retire as folhas e faça o banho.

Part. plant.: Casca, folha.

mpohêkÿtÿre₁ *n.* Catinga de porco. *Duguetia cadaerica* Huber. *Família:* Annonaceae
sin.: **mpohÿkrãre**₁.

Ind. ter.: Ferrada de tucandeira.

Mod. prep.uso.: Retire a folha, mastigue até sair o sumo. Em seguida, engula um pouco do sumo e coloque o restante na ferrada.

Part. plant.: Folha.

**mpohôjakare** *n.* *Família:* Poaceae, *espécie:* *Pariana campestris* Aubl.

Ind. ter.: Dor abdominal, diarreia com sangue.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para ferver e beba o chá.

Part. plant.: Folha.



mpohôpore

mpohôpore *n.* Família: Haemodoraceae,
espécie: *Xiphidium caeruleum* Aubl.

Ind. ter.: Fraqueza, fortalecer mulher grávida.

Mod. prep.uso.: Corte a casca em pedaços bem pequenos, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Casca.



mpohũkrãre₂ *n.* Catinga de porco.
sin.: **mpohêkýtire**₁.

mpokrãture *n.* Porandi. Família: Piperaceae,
espécie: *Piper sp.*

Ind. ter.: Coceira na pele, queimadura, dor de dente, cefaleia, câncer, pneumonia pressão arterial, dor abdominal (diarreia com sangue), repelente para carrapato e mucuim.

Mod. prep.uso.: Retire o talo, soque no pilão, esprema até sair o caldo, depois misture com urucum e passe na coceira ou na queimadura. Para dor de dente, pegue a folha, amasse e ponha no local. Para cefaleia e as outras doenças faça o chá da folha ou pode mastigá-la até sair o sumo para poder engolir. Também pode cortar o talo em pedaços pequenos, deixe-os de molho por alguns dias e depois tome. Para usar como repelente, raspe o caule e passe no corpo.

mpòytekajòryjõtorepàr

Part. plant.: Talo, folha .



mpokukreti *n.*

Ind. ter.: Malária, febre.

Mod. prep.uso.: Retire as folhas da planta e passe no corpo.

Not: **Contraindicado para gestantes.**

Part. plant.: Folha.

mporýtýkre *n.* Copaíba.

sin.: **Kako.**

Ind. ter.: Dor muscular, inflamação na garganta, ferida na pele, hematoma, olho inflamado.

Not: **Contraindicado para gestantes.**

Mod. prep.uso.: Extraia o óleo da árvore e passa no local.

Part. plant.: Caule.

mpòytekajòryjõtorepàr *n.* Orelha de macaco.

Ind. ter.: Fraqueza, aumentar a resistência.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da planta, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Casca

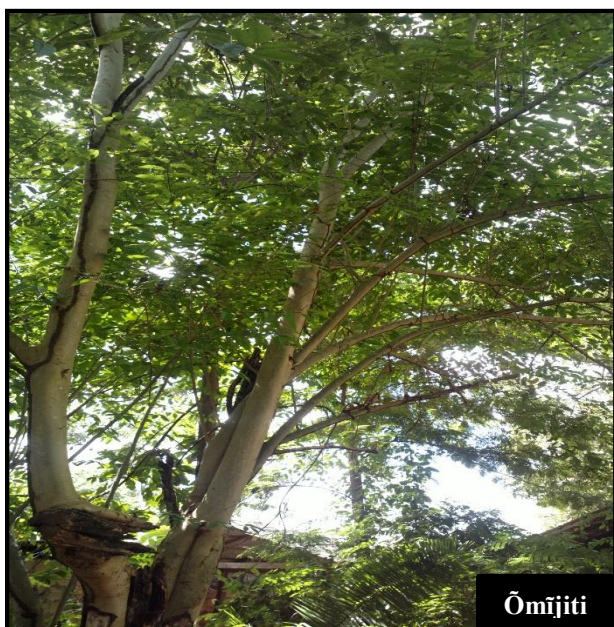
O – o

Õmjiti *n.* Cabelo de Cutia. *Família: Malvaceae, espécie: Ceiba pentandra (L.) Gaertn.*

Ind. ter.: Abcesso.

Mod. prep.uso.: Retire o espinho pequeno, perfure o abcesso para expelir o sangue com pus.

Part. plant.: Espinho pequeno (*õmjire*).



Õmjire *n.* Tamanqueira. *Família: Rutaceae, espécie: Zanthoxylum rhoifolium Lam .*

Not. ant.: Para limpar o sangue, o pajé, indica arranhar a perna com a unha para retirar o sangue ruim. Depois, pinta o local com o urucum.

Ind. ter.: Engordar, limpar o sangue.

Mod. prep.uso.: Retire a folha, ponha para ferver e beba o chá.

Part. plant.: Folha.



Õmjiti *n.* Espinho grande.

Ind. ter.: Dor de dente ocasionada por abcesso.

Mod. prep.uso.: Retira o espinho da planta e perfure o abcesso para expelir o sangue com pus.

Part. plant.: Espinho.

P – p

Pãhãñaxà *n.* Lodo que nasce nas árvores. *sin.: Poikrâtukre.*

Ind. ter.: Picada de cobra e de tucandeira .

Mod. prep.uso.: Retire o lodo do tronco da árvore e passe no local da picada.

Part. plant.: Lodo.

Pàkruire *n.* Vassourinha.

Ind. ter.: Coceira, feridas na pele.

Mod. prep.uso.: Retire a planta, ponha para ferver e tome o banho.

Part. plant.: Planta inteira.

Paratu

Paratu₁ n. Batata branca de qualquer planta.
Ind. ter.: Dor na panturrilha (batata da perna) e muscular, cãimbra, boqueira, afta.

Mod. prep.uso.: Retire a batata de qualquer planta, descasque, soque no pilão, em seguida misture com água e deixe de molho. Tomar uma vez ao dia durante sete dias.

Part. plant.: Batata (raiz).

Paratu₂ n. Paratu de cima.

Ind. ter.: Dor abdominal, falta de apetite.

Mod. prep.uso.: Retire a batata da planta, bata até quebrar em pedaços, retire o caldo que sai dela e passe na barriga.

Part. plant.: Batata.

Pàrhanaxàti n. Camereiro.

sin.: **Pyhãnatwÿti.**

Ind. ter.: Coceira e ferida na pele, vermes, engravidar, engordar.

Mod. prep.uso.: Para coceira e ferida na pele retire a raiz, corte em pedaços bem pequenos, em seguida deixe de molho por um dia e passe no corpo. Para tratar as vermes, engravidar e engordar faça o chá e tome. *Part. plant.:* Raiz.

Pàrhô n. Gervão.

Ind. ter.: Pneumonia, pressão alta, cálculo renal e na vesícula, problemas no fígado, vômito, falta de apetite, tumor na pele, furúnculo, fraqueza, falta de apetite.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, coloque para ferver e tome o chá. Para o tumor e o furúnculo ponha a folha para esquentar e coloca no local.

Part. plant.: Folha.

Pàrhy

Pàrhãanaxÿre n. Grão de galo. *Família:* *Primulaceae*, *espécie:* *Clavija lancifolia Desf.*
Ind. ter.: Espírito (*mêkarô*) na cabeça. *Mod. prep.uso.:* Retire a folha da planta, passe na cabeça ou ferva para fazer o banho. *Part. plant.:* Folha.



Pàrhãanaxÿre

Pàrxôpàr n. Pé da Castanha-do-Pará (castanheira).

Ind. ter.: Picada de cobra e de tucandeira, diarreia, dor abdominal.

Mod. prep.uso.: Retire a amêndoa do ouriço e coma dez castanhas para picada de cobra e de tucandeira. Para diarreia e dor abdominal, retire a casca da castanheira e faça o chá ou ponha de molho e tome.

Part. plant.: Amêndoa, casca (entrecasca) da árvore.



Pàrhô

Pàrhy n. Pimenta malagueta.

Ind. ter.: Espírito no corpo, puxa a alma e espírito (*mêkarõ*) da cabeça.

Mod. prep.uso.: Passe a pimenta no olho, deixe por um tempo e depois jogue água.

Part. plant.: Pimenta.

Pàrkakjêrere *n.* Pau preto.

Ind. ter.: Fortalecer o recém nascido.

Mod. prep.uso.: Quando o umbigo da criança cair ponha ele no pé da árvore para a criança não morrer de dor de barriga.

Part. plant.: Planta inteira.

Pariïkrahô *n.* Família: *Menispermaceae*
Cissampelos, espécie: *glaberrima* A. St.-Hil.
Ind. ter.: Cefaleia (dor de cabeça), dor de coluna.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta e coloque no local da dor.

Part. plant.: Folha.



Pariïkrahô

Pàrkà *n.* Casca verde.

Ind. ter.: Fraqueza nas pernas, dor no corpo, cefaleia, interromper a menstruação para não engravidar.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, ponha de molho ou ferva e tome o chá. Também pode mastigar a folha e engolir o sumo.

Part. plant.: Casca, folha.

Pàrkakapruhê *n.* Inharé.

Ind. ter.: Dor de cólica.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da planta, corte em pedaços pequenos, ponha de molho e tome.

Part. plant.: Casca.

Pàrkakure *n.*

Ind. ter.: Dor no joelho, no pé e na costa.

Mod. prep.uso.: Retire a raiz da planta, corte, ponha de molho e beba.

Part. plant.: Raiz.

Pàrkapêti *n.* Samaúma.

Ind. ter.: Coceira e ferida na pele.

Mod. prep.uso.: Retire o óleo do miolo do caule e passe no local. Também pode fazer o chá fervido da folha para tomar.

Part. plant.: Folha, caule (extrai o óleo do miolo da folha).

Pàrkaprove *n.*

Ind. ter.: Impingem.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta e passe no local.

Part. plant.: Folha.



Pàrkaprove

Pàrkruire *n.* Vassourinha.

Ind. ter.: Coceira e doenças da pele.

Mod. prep.uso.: Retire a planta inteira, coloque no fogo para ferver, faça o banho e tome.

Part. plant.: Planta inteira.

Pàrkuxà n.

Ind. ter.: Fraqueza, insônia.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta (cheiro forte) e ferva para fazer o banho.

Part. plant.: Folha.



Pàrkuxà

Pàrkỳ n. Madeira do Jatobá.

Not. ant: Retirar a casca da árvore do lado que o sol se põe para a doença ir embora junto com ele. Caso contrário, a doença cresce e a pessoa não fica curada.

Ind. ter.: Fraqueza, falta de apetite, problemas na vista, dor na nuca (atrás do pescoço), dor no pescoço, depressão.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore, corte em pedaços pequenos, ponha de molho durante alguns dias e tome a mistura.

Part. plant.: Casca.



Pàrkỳ

Pàrkỳ n. Genipapo-brabo.

Ind. ter.: Fechar o corpo contra doença (protege contra doença).

Mod. prep.uso.: Retire a casca do genipapo e pinte o corpo para protegê-lo.

Part. plant.: Casca.



Pàrkỳ

Pàrnãhã *n.* Família: *Primulaceae*, espécie: *Clavija lancifolia*.

Ind. ter.: Dor abdominal, cefaleia.

Mod. prep.uso.: Retire a flor e a folha, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Flor, folha.



Pàrnãhã

Pàrxôkãkre *n.* Casca da castanha-do-Pará.

Ind. ter.: Dor de dente.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da árvore e ferva para fazer o chá. Em seguida, coloque o chá no algodão e passe no local.

Part. plant.: Casca.

Pephãkako *n.* Família: *Siparunaceae*, espécie: *Siparuna guianensis* Aubl.

Ind. ter.: Fraqueza, falta de de apetite.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para ferver e tome o chá ou pode mastigar e engolir o sumo.

Part. plant.: Folha.



Pephãkako

Pepihãkakuhô *n.* Folha.

Ind. ter.: Dor de ouvido, inflamação no olho.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta e esfregue na mão. Em seguida, pegue as folhas e misture na água e pingue duas gotas no ouvido doente. Para o olho, esfregue a folha na mão, misture com leite do peito e pingue uma gota no olho inflamado.

Part. plant.: Folha .

Poikrãtukre *n.* Lodo que nasce nas árvores.

sin.: **Pãhãñãxà.**

Pojkõre *n.*

Ind. ter.: Dor muscular e no joelho.

Mod. prep.uso.: Retire a casca, ponha de molho e tome.

Part. plant.: Casca.

Pojkũre *n.* Pariri.

Ind. ter.: Infecção urinária (dor de urina).

Mod. prep.uso.: Corte a casca em pedaços pequenos, em seguida faça o chá e tome.

Part. plant.: Casca.

Prerêpa *n.* Batata.

Ind. ter.: Dor de estômago, falta de apetite, corpo triste (fraqueza), vista.

Mod. prep.uso.: Pegue a batata, asse e coma.

Part. plant.: Batata.

Pôrôti *n.* Genipapo.

Ind. ter.: Falta de apetite, dor na costa, no joelho, na perna e depressão.

Mod. prep.uso.: Retire a casca, ponha para ferver e tome o chá.

Part. plant.: Casca.

Pyhãnatwýtí *n.* Camereiro.

sin: **Pàrhanaxàti**.

Ind. ter.: Engravadar, vermes, engordar, coceira, ferida no corpo.

Mod. prep.uso.: Retire a casca, raspe, ponha para ferver e tome o chá. Para tratar a coceira e a ferida no corpo, pegue a raiz, soque no pilão e deixe de molho por um dia e depois tome o banho.

Part. plant.: Casca, raiz.

Pÿhõ *n.* Folha do urucum.

Ind. ter.: Caxumba, cefaleia, dor no corpo, repelente.

Mod. prep.uso.: Retire as folhas do urucuzeiro, esquente no fogo. Em seguida, coloque no local durante cinco dias. Pegue o urucum, extraia as sementes de cor vermelha e passe no corpo para afastar os insetos.

Part. plant.: Folha, fruto.

Pykrerekà *n.* Iquina.

Ind. ter.: Malária.

Mod. prep.uso.: Raspe a casca da árvore, ponha de molho. Beba o chá uma vez ao dia.

Not.: Contraindicação: Mulher grávida (abortivo).

Part. plant.: Casca.

Pÿpikati *n.*

Ind. ter.: Dor nos ossos.

Mod. prep.uso.: Pega o ramo e amarra no local da dor.

Part. plant.: Ramo (planta toda).

Pÿpjõkoti *n.*

Ind. ter.: Pé inchado, bicho de cachorro no pé.

Mod. prep.uso.: Retire a folha da planta, ponha para ferver e beba o chá.

Part. plant.: Folha.

Pÿpyxõkako *n.* Banana do mato.

Ind. ter.: Febre.

Mod. prep.uso.: Retire o palmito da planta, extraia o líquido que sai dele e beba.

Not.: Contraindicado para gestantes.

Part. plant.: Palmito.

R – r

Rahatihã *n.*

Ind. ter.: Vômito, diarreia, cefaleia.

Mod. prep.uso.: Retire a flor da planta, esfregue na água até sair uma coloração vermelha. Em seguida, tome a mistura.

Part. plant.: Flor.

Rohõpei *n.* Andiroba.

Ind. ter.: Gripe, tosse, rouquidão.

Mod. prep.uso.: Extraia o óleo da semente e passe no local.

Not: contraindicado para gestantes.

Part. plant.: Semente.

Rõhÿ *n.* Mudubim.

Ind. ter.: Febre, insônia.

Mod. prep.uso.: Retire o caroço, mastigue e passe no corpo.

Part. plant.: Caroço.

Rõjõ *n.* Palmito do coco de babaçu .

Ind. ter.: Limpa a urina e estômago.

Mod. prep.uso.: Retire o palmito e coma cru.

Part. plant.: Palmito.

Rõnhàkpàrti

Rõnhàkpàrti *n.* Mamão.

Ind. ter.: Vermes.

Mod. prep.uso.: Corte o fruto, extraia cinco gotas de leite, misture na água e tome uma vez ao dia.

Part. plant.: Fruto (verde).

Rõntokapoti *n.* Pé de anta.

Ind. ter.: Espírito na cabeça (*měkarō*).

Mod. prep.uso.: Pegue o fruto, retire a casca, passe na testa e no pescoço.

Part. plant.: Fruto.

Rõpotijõ *n.* Mumbaco.

Sin.: **Hõpotihô**.

Ropto *n.*

Ind. ter.: Bicho de pé inflamado.

Mod. prep.uso.: Pegue o caroço do babaçu, esquente e passe primeiro no local. Depois passe o caroço do ropto quente no local.

Part. plant.: Caroço.

Rõtiakỳ *n.* Talo do coco de babaçu. *Família:* *Arecaceae*, *espécie:* *Euterpe oleracea* Mart.

Sin.: **Rõtijakã**.

Ind. ter.: Sangramento bucal e nasal, vermes.

Mod. prep.uso.: Retire o talo do coco de babaçu, ponha no fogo para amolecer, depois esprema até sair o suco. Em seguida, tome misturado com água durante sete dias.

Part. plant.: Talo.

Rõtiakà

Ropxotore *n.* *Família:* *Capparaceae*, *espécie:* *Capparis amazonica* Iltis.

Ind. ter.: Frieira, coceira no corpo, dor no joelho, na junta (articulação), dor de dente, abdominal e cefaleia, puxa alma (quando está morrendo), fraqueza.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da planta, raspe até formar uma massa. Pegue a massa, ponha de molho até a água ficar amarela. Depois tome três vezes ao dia. Para ferida e coceira no corpo, passe a massa formada da raspa no local. Pode misturar com urucum.

Part. plant.: Casca.



Rõtiakà *n.* Talo do coco de babaçu.
sin.: **Rõtijakã**.

T - t

Tepiökran *n.* Coração de jabuti.
sin.: **Kaprânâkokonôre.**

Têrêrêjô *n.* Palmito do açai.

Ind. ter.: Serve para fortalecer o bebê durante a gravidez.

Mod. prep.uso.: Retire o palmito da planta, coma cru ou cozido.

Part. plant.: Palmito.

Terêtijitwâpi *n.* Folha do açai.

Ind. ter.: Fraqueza, vômito e problemas no estômago.

Mod. prep.uso.: Retire o olho da folha ou da palha, esprema até sair a água. Pegue a água e passe na cabeça. Para vômito e estômago beba a água que sai .

Part. plant.: Folha (olho da folha ou da palha).

Totykre *n.*

Ind. ter.: Calmante, falta de apetite.

Not: contraindicado para crianças.

Mod. prep.uso.: Retire o palmito da planta e coma cru. Para falta de apetite retire o caroço, faça o chá e tome.

Part. plant.: Palmito, caroço.

Tuture *n.* Família: Fabaceae, espécie: *Swartzia flaemingii* Raddi .

Ind. ter.: Estômago abaulado (barriga inchada), diarreia.

Mod. prep.uso.: Retire a casca da planta, ponha de molho e tome.

Part. plant.: Casca.



Tuture

W - w

Wotipàr *n.* Coquinho.

Ind. ter.: Dor abdominal, diarreia.

Not.: Contraindicado para gestantes. Só os homens podem tomar, pois se as mulheres usarem não engravidam mais, ficam infertéis.

Mod. prep.uso.: Retire a raiz da planta, ponha para ferver e tome o chá.

Part. Plant.: Raiz.

X - x

Xaré *n.* Traquá.

Ind. ter.: Cefaleia e dor no corpo.

Mod. prep.uso.: Pegue o cipó, amarre na cabeça e no corpo para andar no mato.

Part. plant.: Cipó.

Xêpriökrã *n.* Cumaru.

Ind. ter.: Febre, pneumonia, doenças pulmonares (câncer, asma, líquido no pulmão, secreção) tosse, gripe, coceira e inchaço no pé.

Mod. prep.uso.: Extraia caroço (semente) do fruto, parta ao meio, amasse e misture com água e tome. Para coceira e inchaço no pé, faça o chá da casca e beba.

Part. plant.: Semente, casca.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O glossário que apresentamos nesta pesquisa foi elaborado com objetivo de documentar os termos especializados das plantas medicinais produzidos pelo discurso do pajé, em uma obra terminográfica. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Socioterminologia à luz do pensamento de Gaudin (1993, 2003) e de Fausltich (1995a, 1998, 1999, 2006, 2010a, 2010b, 2012, 2014) aliados a perspectiva da Terminologia Cultural cunhada por Diki-Kidire (2002, 2007, 2009). Evidenciamos, assim, que comungamos com os postulados propostos por essas vertentes, que consideram os aspectos socioculturais e históricos como fatores inerentes à linguagem humana.

Em face disso, encaminhamos nossa pesquisa a partir da observação e interação com os colaboradores, em contexto sociocultural, com intuito de analisar, descrever e documentar os aspectos funcionais que envolvem as terminologias originadas com base nos conhecimentos acumulados pelo pajé, os quais, ao nosso ver, se formam a partir da percepção oriunda de situações reais de uso da língua. Esta percepção gera representações simbólicas as quais, por sua vez, favorecem o surgimento de termos especializados que descrevem significados por meio de diversos aspectos relacionados a nomes de animais e a nomes referentes a aspectos físicos, tais como, formas, tamanhos, espessura, que foram identificados nos nomes das plantas medicinais pesquisadas.

Com base nessas informações, elaboramos o glossário com a preocupação de manter os aspectos socioculturais da língua *parkatêjê* em seu contexto real de uso. Para tanto, recorreremos a uma metodologia de campo que nos possibilitasse maior conhecimento do objeto da pesquisa, ou seja, uma metodologia orientada por um ponto de vista etnográfico, tal como propõe a Socioterminologia. Esse procedimento nos propiciou uma atitude mais descritiva da língua pelo fato de possibilitar a oportunidade de observar e interagir com os falantes da língua, em contexto real de comunicação. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada *in loco* com intuito de nos levar a compreender o universo da prática de uso e produção de remédios feitos à base de plantas medicinais.

A partir desse entendimento, delimitamos o campo semântico das plantas medicinais, como objeto de investigação de nossa pesquisa. Ainda, por meio dos princípios da etnografia, observamos que os *Parkatêjê* não cultivam as plantas medicinais, mas as retiram da floresta nativa que cobre a reserva indígena.

De posse dos registros orais coletados, organizamos o *corpus* da pesquisa com o qual formamos um banco de dados que foi armazenado no *software* FLE_x, cujos recursos nos possibilitaram adaptar os campos de informações de acordo com a especificidade da pesquisa. Outro programa utilizado, foi o Lexique Pro, para a elaboração do glossário impresso. Tais recursos computacionais são imprescindíveis para o tratamento e formação do banco de dados de uma pesquisa dessa natureza.

Com o objetivo de produzir um glossário que atendesse à especificidade da pesquisa, elaboramos uma macro e uma microestrutura adaptada ao contexto em que os termos circulam na aldeia *parkatêjê*. Dessa forma, conseguimos elencar informações pertinentes ao universo de uso das plantas medicinais.

Tais informações, propiciaram, como resultado da pesquisa, a elaboração do citado glossário e a realização da análise morfológica relativa aos itens lexicais das plantas medicinais, por meio da qual procuramos ampliar os estudos propostos por Ferreira (2003) acerca dos aspectos morfológicos identificados nos nomes das plantas medicinais na língua *parkatêjê*, que ao que tudo indica são nomes não-possuíveis, ou seja, estão relacionados a nome de pessoas, a nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral (FERREIRA, 2003).

Neste trabalho, tratamos especificamente do processo de derivação e composição e dos termos de classe que se formam na língua em questão. Tais aspectos contribuíram para a realização de uma análise e descrição da língua, cujo resultado revelou um número significativo de nomes compostos de plantas que se formam por meio dos processos de derivação e de composição formados pela incorporação de sufixos derivacionais como *-re* e *-ti*, que indicam a noção de diminutivo e aumentativo, respectivamente, gerando novos nomes com significados diferentes.

Outro aspecto evidenciado foi a formação de nomes por meio do uso de formativos chamados ‘termos de classe’. Os nomes formados a partir dessa combinação, apresentam aspectos semânticos dotados de significados oriundos do contexto sociocultural de uso da língua *parkatêjê*. Esses aspectos presentes na língua coadunam-se com a perspectiva da Socioterminologia e da Terminologia Cultural. Assim, ratificamos a hipótese de Ferreira (2003), ou seja, que ocorre a existência de termos de classe na referida língua. Também constatamos que alguns nomes apresentam hiperônimos, hipônimos e sinônimos, indicando a circulação de uso da língua, conforme os pressupostos da Socioterminologia.

A formação do *corpus*, nos possibilitou a elaboração de um glossário semibilíngue com 111 verbetes, entre os quais alguns são ilustrados e organizados em ordem alfabética, de modo

a facilitar a consulta do leitor. A produção da citada obra terminográfica está voltada, sobretudo, para a Comunidade Indígena *Parkatêjê*.

Antes de concluir estas considerações finais, ressaltamos que não foi possível realizar a análise e descrição semântica dos termos especializados, motivo pelo qual sugerimos futuras investigações nessa área do conhecimento. Ademais, informamos que o presente estudo não foi ampliado em decorrência de respeito a situação de luto da Comunidade. No entanto, salientamos também a necessidade de aprofundamento desta pesquisa no campo da Semântica, tendo em vista que os nomes das plantas medicinais apresentam significados construídos a partir de aspectos cognitivos e culturais dos falantes da língua.

Quanto ao resultado final do trabalho, esperamos de alguma forma ter contribuído para futuras ações em favor do fortalecimento e da preservação da identidade cultural e linguística dos *Parkatêjê*. Além disso, acreditamos ter percorrido um caminho que valoriza os aspectos funcionais do léxico especializado, sobretudo, de uma língua indígena, ainda, pouco explorada por meio da perspectiva da Socioterminologia e da Terminologia cultural. Por isso, temos plena consciência de que o nosso trabalho não se esgota neste momento, pois há ainda muito para ser estudado na área da Terminologia. Entretanto, demos um grande passo em direção ao estudo de uma língua e de uma cultura indígena que nos fascina pela riqueza de termos especializados que emergem do contexto sociocultural *Parkatêjê*.

Para finalizar, informamos, ainda que o instrumento terminográfico resultante desta pesquisa servirá como uma ferramenta de uso tanto na área da saúde indígena quanto em situações de educação formal entre os *Parkatejê*, podendo também contribuir para estudos terminológicos futuros, bem como para o quadro linguístico de pesquisas já realizadas acerca do mesmo tema em outras línguas indígenas.

REFERÊNCIAS

- AMADO, R. S; SILVA, T. R. **Estudando em “termos” a língua indígena Pykobjê Gavião**. Revista Guavira-Letras, v.1, n. 08, p. 82- 93, mar.-jun. Mato Grosso do Sul, 2009.
- _____. **Um panorama sobre a morfologia do Pykobjê**. Revista Guavira-Letras, v.1, n. 08, p. 1-17, mar.-jun. Mato Grosso do Sul, 2008.
- ARAÚJO, L. M. S. **Estruturas subjacentes de alguns tipos de frases declarativas afirmativas do dialeto gavião-jê**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 1977. Anais. Disponível em:< <http://www.brasa.org>>. Acesso em 14 de abril. 2016.
- _____. **Aspectos da língua gavião-jê**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **Conhecendo nosso povo: Comunidade Indígena Parkatêjê**. Brasília: Ministério da Educação e Desportos. Belém: Secretaria de Estado de Educação. Belém-Pará, 1997.
- _____. **Parkatêjê x Português: Caminhos de resistência**. IX Congresso Internacional da “Brazilian Studies Association”. Tulane University. New Orleans, Louisiana. Estados Unidos, 2008.
- _____. **Dicionário Parkatêjê-Português. Edição da autora**. Belém-Pará, 2016.
- ARAGÃO, M. S. S. **A Socioterminologia e Etnoterminologia das plantas medicinais no Nordeste**. Periódicos da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Vol. 15, ano 34, nº1, p. 34-49. Paraíba, 2010.
- BARBOSA, M. A. **Para uma Etno-terminologia: Recortes epistemológicos**. Revista Ciência e cultura. Vol. 58, nº 2. São Paulo, 2006.
- _____. **Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo e campo de atuação**. In: **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Editora UFMG. Campo Grande, 2007.
- _____. **Cultura popular amazônica em Etno-terminologia**. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC. Manaus-AM, 2009.
- BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. Editora: Edusp. São Paulo, 2004.
- BRANDÃO, A. P. B. **Dicionário da Língua Apurinã**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa). Departamento de Letras e Literaturas Vernáculas. Universidade Federal do Pará, 2006.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplica aplicaciones**. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 3, set./dez.1995.
- COSTA, E. O. **Glossário da cerâmica artesanal do Distrito de Icoaraci (Belém/Pará)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. 2012.
- COSTA. N. M. P. **Estudo etnoterminológico preliminar do sistema de cura e cuidados do povo Mundurukú (Tupi)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília-UnB. Brasília, 2013.
- DIKI-KIDIRE, M. **La Terminología Cultural: fundamento de una verdadera localización**. VIII Simposio, p. 1-19. Iberoamericano de Terminología: La Terminología, entre la globalización y la localización, Cartagena, Colômbia, 2002.
- _____. **Éléments de terminologie culturelle**. Vol. 26. p. 14-25 Cahiers Du Rifal. 2007.
- _____. **Um enfoque cultural de la terminología**. DebateTerminológico, nº 5. 2009.

FAULSTICH, E. **Metodologia para projeto terminográfico**. In: Simpósio Latino-americano de Terminologia, 2. Encontro brasileiro de terminologia técnico-científica, 1. Anais. Brasília-DF, 1990.

_____. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. In: Ciência da Informação, [S.I.: s.n.], v. 24, nº 3, 1995a.

_____. **Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha**. In: Actes réflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langue latines. p. 15-20. Nice: Realiter / Université de Nice Sophia-Antipolis, 1996.

_____. **Entre sincronia e diacronia: variação terminológica no código e na língua**. Actas da VI Riterm, Havana, Cuba, 1998.

_____. **Princípios formais e funcionais de variação em terminologia**. Conferência magistral. Habana, Cuba, 1998.

_____. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. In: Ciência e Cultura. Vol. 58, nº.2, p. 27-31. São Paulo, 2006.

_____. **Socioterminologia: termo e variação**. Universidade Federal de Brasília –UnB. Brasília-DF, 2010a.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). **Pelos caminhos da Dialetolegia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. 1ª ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010b.

_____. **Terminologia, Socioterminologia, Dialetolegia: afinidades e necessidades interdisciplinares**. Anais do II CIDS. Belém-Pará, 2012.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ISQUERDO, A.P; CORNO, D. G.O. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Vol. VII, pág. 377-393. Campo Grande-MG, 2014.

FERRAZ, I. **Os Parkatêjê das matas do Tocantins: A epopeia de um líder Timbira**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1984.

FERREIRA, M. N. O. **Estudo Morfossintático da língua Parkatêjê**. Tese de Doutorado. UNICAMP- SP. São Paulo, 2003.

_____. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatêjê. Delta, vol. 21, nº 1, p. 1-21. São Paulo, 2005.

_____. **Contato entre línguas, perda linguística e identidade étnica: notas sobre o povo Parkatêjê**. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Letras, Linguística e suas interfaces, nº 40, p. 239-247. Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Construções nominais classificatórias em Parkatêjê. Estudo da língua(gem)**. v. 9, n. 1, p. 9-22. Vitória-Campinas, 2011.

FINATTO, M. J. B. **O papel da definição de termos técnico-científicos**. Revista da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN. Vol. 1, no 1, p. 73-97. Curitiba, 2002.

GAUDIN, F. **Pour une sócio-terminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles**. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

_____. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie**. Duculot. Bruxelas, 2003.

- GRINEVALD, C. **A morphosyntactic typology of classifiers**. In: Systems of nominal classification. Edited by: Gunter Senft. Published by: the Press Syndicate of the University of Cambridge University Press, p. 59-61. Cambridge UK, 2000
- JUDD, W.S. (org.). **Sistema vegetal: um enfoque filogenético**. Artmed. Porto Alegre-RS, 2009.
- JÕPAIPARE, Toprãmre Krôhòkrenhũm. **Me ikwỳ tekjê ri: isto pertence ao meu povo**. 1. ed. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.
- Instituto Socioambiental (ISA): Disponível em:< <http://pib.socioambiental.org>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.
- KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAVELEYE, D. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança”. In: MAUÉS. R. H; VILLACORTA, G.M. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. EDUFPA. p.113-120. Belém-Pará.
- LIMA, A. F; MARTINS, A.F.C. **Utilização do programa Lexique Pro na elaboração de glossário e dicionários terminológicos**. In: ABDELHAK, R; LIMA, A.F; OLIVEIRA, M.B;
- LISBOA. P. L. B. (Org.). **Caxiuanã: paraíso ainda preservado**. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 2013.
- MARTINS, A. F. C. **Terminologia da indústria do alumínio**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém –Pará, 2007.
- MELLO, G. B. R. **Sistema de crenças e terapêuticas complementares: Um desafio para as políticas de saúde indígena**. PROVISÓRIO. XXVII Congresso de la Asociación Latino americana de Sociología. VIII Jornadas, p. 1-26. Buenos Aires, 2009.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cadernos de Atenção Básica. In: CARVALHO, C. B; NETTO, E. M. **Regulamentação para plantas medicinais e fitoterápicos**. Cadernos de atenção básica, n. 31. Brasília, 2012.
- MOORE, D; GALUCIO, A. V; GABAS J. N (orgs). **O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas**. Scientific American Brasil – Amazônia (A Floresta e o Futuro), p. 36 – 43. Brasil, 2008.
- MOTTA-MAUÉS, M. A. VILLACORTA, G. M. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. In: MAUÉS. R.H; VILLACORTA, G.M. Matintaperas e pajés: gênero, corpo e cura na pajelança amazônica. EDUFPA. p. 327-346. Belém-Pará.
- NEVES, C. L. **Análise acústica das vogais orais da língua parkatêjê**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- _____. **Alternância de códigos em narrativas orais do povo Parkatêjê: aspectos linguísticos do contato com o português**. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Pará –UFPA. Belém, 2012.
- Reserva Indígena Parkatêjê**. Disponível em:< <https://www.maps.google.com.br>>. Acessado em 22 de abril de 2016.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Edições Loyola. São Paulo, 1986.
- RODRIGUES, E. M. S. **Glossário socioterminológico da cultura da farinha**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém –Pará, 2010.

SILVA, N. R. **Pronomes em Parkatêjê**: a expressão da terceira pessoa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém –Pará, 2015.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. Contexto. São Paulo, 20011.

SILVA, M. N. M. **A tradição oral no ensino de línguas indígenas**: uma proposta para o povo *parkatêjê*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará –UFPA. Belém-Pará, 2014.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y la lexicografía terminológica**. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona,1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIOS

- **Crenças, doenças, plantas, tratamento e cura (para o Pajé e os outros colaboradores)**

- 1) Você acredita em espíritos que podem fazer mal, fazer as pessoas ficarem doentes?
- 2) Existe algum remédio ou banho ou reza que pode ajudar no tratamento e/ou cura da doença ou afastar esses espíritos?
- 3) Os índios/pajé costuma(m) fazer banhos ou fumaças para afastar os espíritos ruins que trazem doença para o povo?
- 4) As pessoas têm alma/espíritos?
- 5) Além das plantas, banhos e rezas existe alguma outra forma de afastar esses espíritos ou curar de doenças?
- 6) Você usa planta da mata para tratar ou curar doença? Qual planta? Que tipo de doença?
- 7) Além das plantas, banhos e rezas existe alguma outra forma de afastar esses espíritos ou curar doenças?
- 8) Depois que uma pessoa morre, o que acontece com ela? Ela pode voltar a viver? Como?
- 9) Como é o comportamento de uma pessoa que está com saúde? E com doença?
- 10) Uma pessoa doente prejudica. Faz mal à família? Como?
- 11) Você sabe da história de alguma pessoa que estava doente e ficou curada com algum tratamento ou remédio feito com plantas que fazem remédios?
- 12) Para você o que significa está com saúde? E com doença?
- 13) Quando alguém da família adoece, isso pode trazer alguma coisa ruim para família? Por quê?
- 14) o que é uma doença?
- 15) A doença vem de fora do corpo ou de dentro do corpo? Por quê?

- **Crença no Pajé (colaboradores)**

- 16) Aqui na aldeia tem pajé? Como é o nome dele?
- 17) Como se diz pajé na língua?

- 18) Ele ajuda você quando está doente? Como?
- 19) Ele consegue afastar espíritos ruins e feitiço? Como?
- 20) O pajé trabalha para fazer o bem? Existe o pajé que faz o mal? Como se fala na língua o pajé do bem e o do mal?
- 21) Aqui na aldeia já teve outro pajé? Lembra o nome dele?
- 22) Você acha que o pajé protege a comunidade dos espíritos malignos e feitiçarias feitas por inimigos?
- 23) Como a pessoa faz para se tornar pajé?
- 24) Você procura o pajé quando está doente? Por quê?
- 25) Como o pajé faz os remédios para tratar ou curar as doenças?
- 26) Você usa remédios feitos pelo pajé? Quais?
- 27) Onde o pajé pega as plantas para fazer os remédios?
- 28) Você acredita em feitiçaria? Por quê? Já houve algum caso?
- 29) Você pode contar como um pajé recebeu o dom e a missão de ajudar na cura de doenças do povo e como conhece as plantas que fazem remédios?
- 30) O pajé consegue ver e/ou ouvir e falar com espíritos?
- 31) Como o pajé recebeu o dom de curar as pessoas da comunidade?
- 32) Vocês acreditam em peito aberto e peito fechado? Quem trata isso? Como se trata cada um?
- 33) Quais são os remédios feitos de plantas medicinais pelo pajé que você costuma usar?
- 34) Tem algum remédio que ajuda a mulher a engravidar? Qual? Como ele faz?
- 35) Tem algum remédio para pessoa engordar ou emagrecer?
- 36) Que doenças as pessoas sempre têm aqui na aldeia?
- 37) Que tipo planta você costuma usar para fazer remédio para tratar doença?
- 38) Você conhece alguma pessoa que estava doente e ficou boa só com os remédios feitos pelo pajé ou outro índio? Qual foi o remédio? Como aconteceu?
- 39) Existe “peito aberto”? Qual é a diferença entre “peito aberto” e “peito fechado” ?
- 40) O que o pajé faz para “fechar o corpo”?

- **Os agentes de saúde: Técnicos de enfermagem (colaboradores)**

- 41) Há quanto tempo trabalha na comunidade?
- 42) Você reside na aldeia?
- 43) Quais são as doenças mais frequentes que atingem o povo?
- 44) Como costumam ser tratadas?
- 45) Quem procura mais o posto de saúde: os mais velhos ou os mais jovens?
- 46) Como as grávidas são tratadas?
- 47) A comunidade recebe a visita de um médico? Com que frequência?
- 48) Você observa na comunidade que existe uma preocupação em evitar gravidez e doenças sexualmente transmitidas?
- 49) Eles recebem palestras ou educação sexual sobre isso?
- 50) Existe alguma associação de saúde na comunidade?
- 51) Você acredita no poder de curar do pajé?
- 52) O povo costuma tomar mais os remédios de farmácia ou os feitos com plantas medicinais?
- 53) Quem toma mais remédios de farmácias os mais velhos ou os mais jovens?
- 54) Quem toma mais remédios feitos à base de plantas medicinais pelo pajé os mais velhos ou os mais jovens?

- **Pajé (colaborador)**

- 55) Como o senhor se tornou pajé? Que idade?
- 56) Alguém da sua família foi/é pajé? Quem? Qual nome?
- 57) O que um pajé deve fazer na aldeia?
- 58) O que o pajé não pode fazer?
- 59) O que o pajé não pode comer?
- 60) O senhor vê, ouve e fala com espíritos? Quais? Tem nome? São do bem ou do mal?
- 61) Por que uma pessoa adoecer?
- 62) Por que a pessoa morre?
- 63) Para onde vai o espírito dela?

- 64) Existe feitiço para fazer o mal ou matar alguém? O senhor pode contar algum caso?
- 65) Qual é a função do pajé na comunidade?
- 66) O senhor faz remédios com o quê? Onde pega?
- 67) Quando o senhor faz o remédio faz algum tipo de reza no remédio? Vai para dentro da mata?
- 68) O senhor conhece algum caso de um índio que estava muito doente e ficou bom com reza ou remédios feitos com plantas?
- 69) O senhor sabe de alguma história de alguém que estava para morrer, o espírito estava para sair do corpo e voltou após o senhor rezar ou dar algum remédio feito com plantas?
- 70) O senhor acredita em espíritos ruins que trazem doenças?
- 71) Para o senhor o que é peito aberto e peito fechado? Qual é a diferença entre os dois?
- 72) Como o senhor cura isso?
- 73) Quais são os remédios que o senhor costuma fazer com as plantas?
- 74) Quais são as doenças que o senhor já tratou com os remédios feitos com as plantas?
- 75) O senhor sabe de algum caso que a pessoa ficou curada com o uso desse remédio?
- 76) Existe algum remédio feito com plantas para curar ferida feita por uma flechada?
- 77) Para quem o senhor reza quando está fechando o corpo?

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO DO CAPITÃO (CACIQUE)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (LINGUÍSTICA)**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NA ALDEIA
*PARKATÊJÊ***

Eu,, cacique do povo indígena *Parkatêjê*
AUTORIZO a Sra:..... portadora do RG nº....., e CPF nº....., aluna do curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Pará, matriculada sob o nº....., a realizar a sua pesquisa acerca das plantas medicinais utilizadas para o tratamento e cura de doenças na Reserva Indígena *Parkatêjê*, bem como a fazer uso de informações, filmagens, gravações e fotografias tanto em sua pesquisa de mestrado quanto em publicações posteriores. Além disso, dou permissão para a pesquisadora retirar amostras das espécies de plantas medicinais encontradas na aldeia, com a finalidade de serem levadas para identificação e nomenclatura taxonômica. A pesquisadora agradece a sua ilustre colaboração e ressalta que as informações serão de fundamental importância para contribuir com o fortalecimento da língua e da cultura do povo *Parkatêjê*, bem como para a construção de novos conhecimentos na área de Estudos Linguísticos.

Aldeia *Parkatêjê*, de de.....

Capitão (cacique)

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO DO PAJÉ OU CURADOR



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (LINGUÍSTICA)**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA COM O PAJÉ OU CURADOR DA ALDEIA *PARKATÊJÊ*

Eu,, Pajê ou curador da aldeia *Parkatêjê* **AUTORIZO** e me coloco à disposição para a Sra..... portadora do RG nº....., e CPF nº....., aluna do curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Pará, sob a matrícula de nº, a realizar entrevistas acerca das plantas medicinais utilizadas para o tratamento e cura de doenças na Reserva Indígena *Parkatêjê*, bem como a fazer uso de informações, filmagens, gravações e fotografias tanto em sua pesquisa de mestrado quanto em publicações posteriores. Estou ciente de que a pesquisadora seguirá os seguintes procedimentos metodológicos: observação e entrevistas para o levantamento dos dados referentes ao nome da espécie de plantas na língua indígena, nome na língua portuguesa, para qual doença serve, parte da planta usada, modo de preparo, modo de uso, contra indicação, exemplos, notas e tratamento complementar. Além de outras informações a respeito da língua e da cultura do povo. As informações coletadas serão utilizadas **APENAS** para fins acadêmicos. O material gravado, transcrito, filmado, fotografado e analisado ficará à sua disposição para ser consultado. A pesquisadora agradece a sua contribuição e ressalta que suas informações serão de fundamental importância para o fortalecimento da língua e da cultura do povo *Parkatêjê*, bem como para a construção de novos conhecimentos na área de Estudos Linguísticos.

Aldeia *Parkatêjê*, de de.....

(Pajé ou curador)

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO DO COLABORADOR(A)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (LINGUÍSTICA)**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM COLABORADORES DA ALDEIA *PARKATÊJÊ*

Você está sendo convidado(a) a participar como colaborador(a) da pesquisa realizada pela Sra....., RG nº....., CPF nº....., aluna do curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Pará, matriculada sob o nº O trabalho apresenta como objetivo principal investigar e coletar dados acerca das plantas medicinais utilizadas para o tratamento e cura de doenças na Reserva Indígena *Parkatêjê*. Para tanto, peço permissão para fazer uso de informações, filmagens, gravações e fotografias tanto na pesquisa de mestrado quanto em publicações posteriores.

A pesquisadora com sua autorização fará entrevistas, mas cabe a você decidir se as informações poderão ser registradas através de filmagem ou de somente gravação de voz ou por meio de anotações em caderno de campo. Você tem total liberdade para se recusar a participar desta pesquisa. As informações serão utilizadas **APENAS** para fins acadêmicos, com o devido cuidado para assegurar o sigilo de sua identidade, tanto neste trabalho como em publicações posteriores. O material gravado, transcrito, filmado, fotografado e analisado ficará à sua disposição para ser consultado.

A pesquisadora agradece a sua contribuição e ressalta que suas informações serão de fundamental importância para a revitalização da língua e da cultura do povo *Parkatêjê*, bem como para a construção de novos conhecimentos na área de Estudos Linguísticos.

Este termo de compromisso será impresso em duas vias, uma para você e outra para a pesquisadora.

Nome do colaborador(a): _____

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

Assinatura da pesquisadora: _____



Contato da pesquisadora: E-mail:

Celular:

APÊNDICE E: FICHA DE DADOS PESSOAIS DO COLABORADOR(A)

LOCAL:
DATA:
NOME COLABORADOR(A):
IDADE:
SEXO:
DATA DE NASCIMENTO?
ALDEIA QUE RESIDE:
LÍNGUA MATERNA:
SEGUNDA LÍNGUA:
COM QUANTAS PESSOAS RESIDE:
GRAU DE PARESTESCO:
TEM FILHOS? SIM () NÃO () QUANTOS?
FREQUENTA A ESCOLA? SIM () NÃO () QUAL SÉRIE:
QUAL A ESCOLARIDADE:

APÊNDICE F: AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE AMOSTRAS DE ESPÉCIES DE PLANTAS MEDICINAIS

	Ministério do Meio Ambiente - MMA Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO	
Comprovante de registro para coleta de material botânico, fúngico e microbiológico		
Número: 54186-1	Data da Emissão: 12/05/2016 10:23	
Dados do titular		
Nome: Jaqueline de Andrade Reis	CPF:	
Observações e ressalvas		
1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.	
2	A autorização não eximirá o pesquisador da necessidade de obter outras anuências, como: I) do proprietário, arrendatário, posseiro ou morador quando as atividades forem realizadas em área de domínio privado ou dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso; II) da comunidade indígena envolvida, ouvido o órgão indigenista oficial, quando as atividades de pesquisa forem executadas em terra indígena; III) do Conselho de Defesa Nacional, quando as atividades de pesquisa forem executadas em área indispensável à segurança nacional; IV) da autoridade marítima, quando as atividades de pesquisa forem executadas em águas jurisdicionais brasileiras; V) do Departamento Nacional da Produção Mineral, quando a pesquisa visar a exploração de depósitos fossilíferos ou a extração de espécimes fósseis; VI) do órgão gestor da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, dentre outras.	
3	O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.	
4	É necessário a obtenção de anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como de consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade.	
5	Este documento não abrange a coleta de vegetais hidróbios, tendo em vista que o Decreto-Lei nº 221/1967 e o Art. 36 da Lei nº 9.605/1998 estabelecem a necessidade de obtenção de autorização para coleta de vegetais hidróbios para fins científicos.	
6	A autorização para envio ao exterior de material biológico não consignado deverá ser requerida por meio do endereço eletrônico www.ibama.gov.br (Serviços on-line - Licença para importação ou exportação de flora e fauna - CITES e não CITES).	
7	Este documento não é válido para: a) coleta ou transporte de espécies que constem nas listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção; b) recebimento ou envio de material biológico ao exterior; e c) realização de pesquisa em unidade de conservação federal ou em caverna.	
8	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospecção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/cgen .	
9	Esse documento não eximirá o pesquisador da necessidade de obter outras anuências, como: I) da comunidade indígena envolvida, ouvido o órgão indigenista oficial, quando as atividades de pesquisa forem executadas em terra indígena; II) do Conselho de Defesa Nacional, quando as atividades de pesquisa forem executadas em área indispensável à segurança nacional; III) da autoridade marítima, quando as atividades de pesquisa forem executadas em águas jurisdicionais brasileiras; IV) do Departamento Nacional da Produção Mineral, quando a pesquisa visar a exploração de depósitos fossilíferos ou a extração de espécimes fósseis; V) do órgão gestor da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, dentre outras.	
Taxons autorizados		
#	Nível taxonômico	Taxon(s)
1	REINO	Plantae
<p>Este documento (Comprovante de registro para coleta de material botânico, fúngico e microbiológico) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).</p>		
Código de autenticação: 91985978		
		Página 1/1

ANEXOS

ANEXO A
CADERNO DE IMAGENS

Figura 17: Chefe indígena *Krôhôkrenhũm* (Capitão)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 18: Chefe indígena *Krôhôkrenhũm* (Capitão)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 19: *Pôjarêtêti* (Madalena: esposa do Capitão)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 20: *Jôhapy* (esposa do Capitão)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 21: Pajé *Nākôti* “fechando o corpo”



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 22: Pajé *Nākôti* “fechando o corpo”



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 23: Festa do *Pẽmp* (dança tradicional)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 24: Festa do *Pẽmp* (dança tradicional)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 25: *Japênprãmti* (colaborador Pedro)



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 26: Canto e dança tradicional



Fonte: Acervo da autora (2016).

Figura 27: Flechas confeccionadas pelos *Parkatêjê*



Fonte: Acervo da autora (2016).